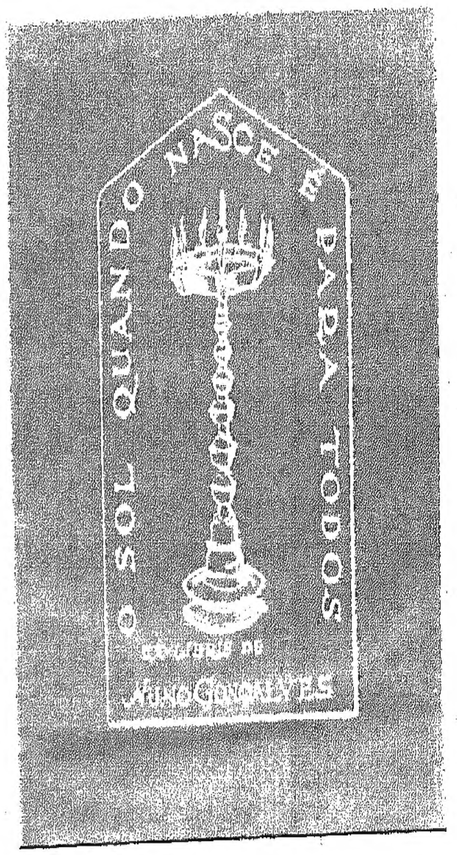
TIMOR
PORTUGUÊS



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

TIMOR
PORTUGUÊS

PELO CAPITÃO
HÉLIO A. ESTEVES FELGAS

AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR
DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
1956

Ao Professor Marcello Caetano,
a quem devo boa parte do meu
amor pelo Ultramar.

Esta publicação foi superiormente autorizada por despacho de 14 de Dezembro de 1954

PREFÁCIO

Hélio Esteves Felgas é um nome que começa a ser conhecido dos estudiosos das questões ultramarinas em Portugal, e é um nome a reter. Jovem oficial do Exército, os deveres do serviço levaram-no a Timor. Inteligência curiosa e aberta, não se limitou a cumprir a sua comissão como simples episódio de carreira: interessou-se vivamente pela terra e pela gente timorense, inquiriu, observou, pesquisou e de volta a Lisboa trazia ardente a sede de estudo dos problemas dos territórios ultramarinos. Matriculou-se no curso de Altos Estudos Coloniais que veio a terminar com distinção apresentando como dissertação final um valioso ensaio sobre os aspectos da política social nos territórios pouco desenvolvidos com aplicação ao caso especial de Timor.

Das suas qualidades de estudioso dá conta a presente monografia que li para aprender e sobre cujos méritos, portanto, seria pretensioso pronunciar-me. Não passarão despercebidos nela a cla-

reza de exposição e a probidade da documentação. Tampouco se deixará de notar a confissão da sua génese, como a obra nasceu da verificação da falta de fontes capazes para informar conscienciosamente um estrangeiro curioso. Há aqui virtudes de sobra para assinalar uma personalidade: deparando com uma lacuna Hélio Felgas não faz dessa insuficiência motivos de crítica aos outros mas impulso estimulante da sua acção pessoal, e resolve supri-la. Movem-no o patriotismo e a curiosidade de saber e uma vez resolvido ao trabalho não descansa enquanto o não completa pela melhor maneira possível.

Estou certo de que a presente monografia vai prestar utilíssimos serviços a nacionais e estrangeiros. Por mim, li-a com avidez, não só pelo interesse com que tenho seguido a proba actividade estudiosa do autor como pelo carinho que voto a Timor, sobretudo desde o período em que, no Ministério das Colónias, quotidianamente tive a província como preocupação primeira de governo e me debrucei sobre as suas angústias, os seus sofrimentos e os seus problemas. Se todo esse cuidado lhe foi útil ou não, ignoro-o: mas certo é que lho devotei, não apenas por dever do ofício mas sobretudo por espontâneo empenho patriótico e sincero sentimento de solidariedade com todos os portugueses que nela se encontravam.

Apesar de ser a mais distante província ultra-

marina de Portugal ela foi para mim a mais próxima do coração: e creio que o foi também para um grande número de portugueses nos dois hemisférios que sofreram com as suas penas e vibraram com a sua libertação. Recordo a hora alta em que, à chegada à cidade angolana de Silva Porto, li à população reunida para saudar o Ministro o telegrama do Governador de Timor a anunciar a reocupação da província pelas autoridades portuguesas. Que a recordação do júbilo, das aclamações e das lágrimas desse momento vivido em pleno interior da África, fique a atestar aos vindouros a unidade moral da Nação Portuguesa, mensagem eloquente do vigor da lusitanidade no ano crucial de 1945, quando a primeira bomba atómica parecia trazer no seu clarão trágico a notícia do início de uma nova era do Mundo.

MARCELLO CAETANO

Fig. 1 — *O aprumo deste capitão de «moradores» é segura garantia de que a bandeira portuguesa que ele guarda, sempre tremulará em Timor*

INTRODUÇÃO

Várias circunstâncias têm concorrido para o relativo desconhecimento que ainda hoje envolve a nossa querida província ultramarina de Timor.

A enorme distância a que se encontra da Metrópole e até de qualquer das outras províncias ultramarinas pode considerar-se como a principal delas. Mas não se deve esquecer também a sua condição insular favorecendo um isolamento que se torna mais nítido perante a falta de civilização das ilhas próximas: Wetar, Alor, Flores e mesmo a Austrália que apenas apresenta desenvolvida a zona costeira meridional situada a milhares de quilómetros do árido litoral virado a Timor. Não menos consideração deve merecer ainda a debilidade económica do território onde, uma vez esgotado o sândalo, só o café poderia atrair as atenções já que todas as outras produções, no campo animal, vegetal ou mineral, por inexistentes, inexploradas ou insuficientemente aproveitadas só muito modestamente têm servido para alimentar relações com o exterior, das quais o conhecimento da ilha resulte favorecido. Aliás, é ao petróleo, apesar do insucesso da sua exploração, que se deve o pouco que se sabe sobre a geologia de Timor.

Para mais, à medida que o progresso se foi acen-

tuando, o conhecimento de um território começou a exigir especialistas. E em Timor, o normalmente exíguo orçamento só raramente podia suportar encargos que não correspondessem aos vencimentos dos funcionários em serviço na administração. Ao esforço voluntário de alguns deles, exercido em acumulação de funções, se ficou assim devendo o pouco que se sabia sobre Timor não admirando, por isso, que à escassez das informações se tenham aliado, por vezes, incorrecções que têm permitido a transmissão, década após década, de ideias bàsicamente erradas embora sempre expostas de boa-fé. É o que sucede, por exemplo, com o pretenso vulcanismo de Timor, com a cultura do sândalo, etc., noções que só há pouco foram rectificadas e que permitem verificar que a boa-vontade não é suficiente para substituir a falta própria de conhecimentos científicos adequados ao assunto tratado. Aliás foi esta falta que atirou alguns dos estudiosos portugueses sobre assuntos de Timor — militares e missionários, na imensa maioria — para o campo etnográfico, para a história, para a linguística, etc., assuntos onde uma base especializada relativamente pouco profunda já permite obter razoáveis resultados. Em contrapartida ficaram quase reservados a estrangeiros os escassos estudos versando aspectos da investigação científica que até há pouco haviam sido realizados em Timor.

Deve dizer-se, no entanto, que a província reúne excelentes condições para se tornar uma região cheia de interesse, seja qual for o campo de acção que se considerar, especialmente porque sendo de dimensões tão reduzidas, apresenta uma variedade de aspectos que só é normal encontrar-se nas grandes extensões continentais. De resto, o próprio véu em que tem estado envol-

vida é, por si só, forte estímulo para economistas, geólogos, antropólogos, etc.

Com a última guerra, Timor viu ainda enriquecidas as modalidades de interesse que já apresentava, com a inclusão do aspecto político-militar. A sua proximidade do continente australiano tornou-a uma base preciosa que a nenhuma das grandes potências da região convém deixar na posse de outra. Por isso os Australianos e Holandeses a ocuparam primeiro e os Japoneses logo a seguir. E por isso, também, a província sentiu os efeitos da luta e viu reduzidos a ruínas a quase totalidade dos seus edifícios, arrasadas as culturas, desfeita a obra material que levara séculos a erguer.

Foi um mal a guerra para Timor, sem dúvida. Mas das ruínas, dos morticínios, das privações, algo se aproveitou. Em primeiro lugar, centenas de Portugueses da metrópole pisaram aquele solo querido e milhares, talvez milhões, sentiram soar, muitos pela primeira vez, a palavra que nos recorda o quanto fomos imensos: Timor. Depois, a reocupação veio dar novo impulso ao desenvolvimento da província, onde se levaram ou estão levando a efeito estudos e investigações com um carácter científico que não era habitual e com os quais a província não deixará de se valorizar. Finalmente e acima de tudo, a invasão de Timor permitiu a Portugal dar ao Mundo inteiro uma excepcional lição de política indígena. Na verdade, o território é dos poucos que sofreu a guerra e cuja população se mantém ordeira, leal e submissa ao branco. Os Japoneses estiveram na Indonésia e ela é hoje livre; passaram pelas Filipinas; atravessaram a Malásia, a Indochina, a Birmânia, chegaram às portas da Índia. Todas estas regiões ou proclamaram uma independência para a qual algumas não estavam

ainda preparadas ou se encontram em revolta, exigindo-a.

No nosso Timor, no entanto, tudo foi bem diferente. Aí, o indígena ajudou a manter ou a salvar a vida do branco ameaçada pelo estrangeiro. E este sentimento de dedicação, embora já notável, não foi o único que o Timorense mostrou. Algo mais transcendente causou admiração por toda a parte. É que muitos deles, com risco da própria vida, haviam guardado as velhas bandeiras nacionais e com elas se apresentaram, uma vez finda a guerra, revelando vigorosamente a compreensão nítida que possuem da noção de Pátria e de Bandeira. Compreensão essa que, de resto, mais tarde voltaram a afirmar quando se mostraram perfeitamente insensíveis aos movimentos nacionalistas tão violentamente surgidos mesmo ao pé da porta e aos quais fàcilmente podiam ter aderido.

☆

O comportamento da população Timorense durante e após a guerra — reflexo da nossa administração ultramarina — se mereceu dos restantes Portugueses carinho e respeito, suscitou entre os estrangeiros viva curiosidade. Em alguns países — preocupados com complexos problemas coloniais próprios — pediu-se pùblicamente para se estudar o sistema de política indígena português. E a França, por intermédio do seu Ministério dos Negócios Estrangeiros, enviou a Lisboa um professor encarregado de estudar as províncias portuguesas do Oriente. Este professor conseguiu fàcilmente os elementos que desejava sobre a nossa Índia e, embora com maior dificuldade também ficou suficientemente elucidado sobre Macau. Timor, porêm, apesar dos seus es-

forços, manteve-se para ele um mistério, pelo menos no que se refere ao período do após-guerra, exactamente aquele que mais lhe interessava.

Foi então que um distinto Mestre do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos indicou ao professor francês o meu nome, conhecedor como era da minha estadia naquela longínqua província e do interesse que dedico a todos os seus problemas. De bom grado acedi pois não há para mim melhor trabalho que falar ou escrever sobre Timor. E foi enquanto compilava os elementos pedidos — e verificava a dificuldade com que eu próprio lutava para me esclarecer pois além das descrições de alguns estudiosos, Timor não possui publicações periódicas que dêem uma ideia das suas actividades modernas diferente da consentida pelas descoloridas e incompletas indicações dos Anuários — que formulei o propósito de contribuir para a divulgação dos principais aspectos e problemas de Timor.

A publicação, pela prestimosa Agência Geral do Ultramar, da colecção «Monografias dos Territórios do Ultramar» constituiu para mim circunstância particularmente favorável pois a parte respeitante àquela Província não tinha ainda sido preparada. Após uma hesitação natural dada a importância do passo que ia dar, ofereci-me para fazer a monografia de Timor que agora se apresenta.

O carácter de voluntariedade que baseou este trabalho é certamente o seu único mérito. Não tenho dúvida em afirmar, porém, que pelo muito que amo Timor e pelo respeito que devo aos ilustres autores das anteriores Monografias, fiz quanto pude para que esta não destoasse muito do excelente nível anteriormente alcançado.

☆

Poderá surpreender o volume da presente Monografia dedicada a uma província de que, como dissemos, pouco se sabe e da qual se está por vezes habituado a ouvir dar escassa importância.

Devemos dizer que para ela foram colhidos elementos de valiosos trabalhos ùltimamente publicados e que focam determinados aspectos agro-florestais e geológico-paleogeográficos. Além disso, a citada debilidade de conhecimentos, aliada a uma certa confusão existente em determinados campos (no histórico, por exemplo), contribuiu para a nossa preocupação em desenvolver ou em aclarar certos assuntos. Finalmente, o interesse que Timor nos despertou levou-nos a fugir à simples enunciação de elementos informativos ou estatísticos, para cair na apreciação crítica dos seus problemas mais prementes.

Tem vantagens e inconvenientes o plano que assim traçámos. Vantagens no que respeita ao aproveitamento dos trabalhos científicos ou simplesmente descritivos alheios mesmo quando esses trabalhos são postos em confronto, pois deles se extraem preciosas lições. Vantagens, ainda, quanto aos estudos que se apresentam — alguns pela primeira vez, — como os de climatologia, de demografia, etc. — e que são baseados em observações científicas ou em dados estatísticos. Mas inconvenientes — e lamentáveis, talvez, — no que se refere às opiniões pessoais emitidas sobre determinados problemas as quais, possìvelmente, estarão totalmente erradas. É o que naturalmente acontece com as ideias expressas acerca da agricultura nativa, da habitação, da construção imobiliária, do ensino, da saúde, da pecuária, etc.

Verdade seja que mesmo nesta última hipótese, será preciso agitar novamente o assunto para se chegar a uma conclusão. E com isso terá ganho Timor que é o que nos interessa mais.

Em qualquer caso não será, talvez, difícil acreditar que se procurou mostrar Timor tal qual ele é. E se em alguns pontos ele se apresenta como nós gostaríamos que ele fosse, que se nos releve a falta pelo muito que lhe queremos e que faz com que lhe atribuamos idêntico valor, idêntica importância, à de qualquer outra das nossas províncias ultramarinas.

☆

Antes de terminar desejamos frizar que este trabalho não teria sido possível sem o auxílio, directo ou indirecto, material ou moral, que recebemos e pelo qual estamos profundamente gratos.

Em primeiro lugar eu pretendo manifestar ao Excelentíssimo Senhor Professor Marcello Caetano o meu sincero reconhecimento pelas palavras animosas que em diversas ocasiões me tem dirigido e que constituem excelente estímulo para quem, como eu, deseja trilhar a vida laboriosa, mas cheia de sentido construtivo, do Ultramar.

Ao Excelentíssimo Senhor Comandante Manuel Maria Sarmento Rodrigues que, como Ministro do Ultramar, aceitou o meu oferecimento para preparar esta monografia desejo agradecer a oportunidade que me deu de estudar a fundo a Província que me encanta e atrai e de compreender melhor certos problemas com que nela deparei.

Ao Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Professor Doutor António Augusto Mendes Correia, ao

Presidente da Junta de Investigações do Ultramar, Doutor João Carrington Simões da Costa, ao Senhor Inspector Superior, Doutor José Coelho de Almeida Cota, e ao Senhor Agente Geral do Ultramar, Doutor Leonel Pedro Banha da Silva, deixo aqui registado o meu reconhecimento pelas facilidades concedidas na consulta das respectivas bibliotecas e arquivos.

Ao Chefe da Repartição dos Negócios Políticos e de Administração Civil do Ministério do Ultramar, Doutor João da Costa Freitas, a quem conheci e comecei a estimar em Timor, e ao Senhor Capitão José Simões Martinho, bom companheiro de África que fez nascer em mim o entusiasmo pela querida Província, sinceramente agradeço não só as sábias lições que sobre o Ultramar me proporcionaram, como também a paciência com que sempre procuraram esclarecer-me.

Ao Senhor Capitão Manuel de Sousa Correia de Magalhães, excelente camarada que comigo serviu em Timor, reitero a minha gratidão pelas boas fotografias que pôs à minha disposição e que tanto valorizaram este livro.

Finalmente agradeço aos meus mestres do curso de Altos Estudos Coloniais: Professores António Augusto Mendes Correia, António de Almeida, José Gonçalo Santa-Rita, António da Silva Rego, Joaquim Moreira da Silva Cunha, Jesus Nunes dos Santos, Rodrigo de Sá Nogueira e António de Vasconcelos Pinto Coelho pelo muito que contribuíram para o alargamento dos meus conhecimentos ultramarinos e para a consolidação da minha vontade de trabalhar nas províncias de Além-Mar.

H. A. E. F.

Fig. 2 — *Um timorense*

I

MEIO FÍSICO

SITUAÇAO, AREA E LIMITES

Situação e área

A ilha de Timor alonga-se no sentido SO-NE, entre 8º 17′ e 10º 22′ de latitude Sul e 123º 25′ e 127º 19′ de longitude Este de Greenwich. É a maior das pequenas ilhas de Sunda e a terceira do imenso arco de ilhas que se estende desde o sudeste asiático até à Nova Guiné. Mede cerca de 470 quilómetros de comprimento por apenas 110 na largura máxima, com uma superfície total de 32.300 quilómetros quadrados. Está dividida entre Portugal e a República da Indonésia, sendo banhada a sul pelo mar de Timor que a separa da Austrália, a noroeste pelo mar de Savu que a separa das ilhas de Sumba, Flores e Solor e a norte pelo mar de Wetar que a separa da ilha com este nome e é já Oceano Pacífico.

A província portuguesa de Timor abrange a parte leste desta ilha, o território de Oé-Cussi e Ambeno, a ilha de Ataúro e o ilhéu Jaco (1), num total de 18.989 quilómetros quadrados. A linha fronteiriça abrange

(1) Assim é definida no art. 1.º do Estatuto Político-Administrativo que diz serem os limites terrestres os designados na Convenção Luso-Holandesa de 1 de Outubro de 1904 e na sentença arbitral de 25 de Junho de 1914.

cerca de 840 quilómetros de extensão, dos quais 202 são terrestres.

A parte principal da província mede 16.384 quilómetros quadrados e estende-se entre 8° 17′ e 9° 25′ de latitude Sul e 124° 56′ e 127° 19′ de longitude Este de Greenwich. O comprimento máximo é de cerca de 265 quilómetros e a maior largura (entre Maubara e Suai) é de 92 quilómetros.

O enclave de Oé-Cussi e Ambeno fica na costa norte da parte indonésia da ilha, a cerca de 70 quilómetros de Batugadé. Mede 2.461 quilómetros quadrados de superfície, dispondo de cerca de 48 quilómetros de costa.

A ilha de Ataúro, cerca de 23 quilómetros ao norte de Dili, tem 144 quilómetros quadrados de superfície sendo de 17 e de 9, respectivamente, os seus comprimento e largura máximos. Também é conhecida por Pulo Cambing (Pulo em malaio significa ilha).

O ilhéu Jaco (ou Nusa-besi) fica no extremo leste da ilha, quase defronte do posto de Tutuala. É de forma aproximadamente circular não medindo mais de três quilómetros na extensão máxima.

Em relação às outras províncias ultramarinas portuguesas, Timor é a quarta em superfície vindo a seguir a Angola, a Moçambique e à Guiné.

A importância política de Timor resulta da sua situação geográfica, entre a Indonésia e a Austrália de que dista pouco mais de 430 quilómetros. Em linha recta, Dili — a 8° 33′ 20″ de latitude Sul e 125° 35′ de longitude Este (Greenwich) — fica a perto de 800 quilómetros da Nova Guiné, a menos de 1.200 de Borneo, a 2.400 de Singapura, a 2.750 de Malaca e a 3.200 de Macau.

TIMOR

POSIÇÃO GEOGRÁFICA

M. FELGAS

Limites

A delimitação dos nossos territórios na ilha de Timor foi consequência do tratado feito com a Holanda em 20 de Abril de 1859. Antes disso, porém, haviam sido feitas outras tentativas de estabelecimento de limites ou de atribuição de possessões. Este último teria sido o caso do discutido tratado de paz de 1661, enquanto os acordos de 1848 e 1851 se podem considerar como preparatórios do acordo final de 1859.

Por este acordo ficou reservada a Portugal a parte oriental da ilha (2), na antiga província dos Belos, com excepção do pequeno enclave de Maucatar, a norte de Suai, o qual era domínio holandês, mas incluíndo na zona ocidental, reservada à Holanda, os enclaves de Oé-Cussi e Ambeno e de Naimuti este sendo uma jurisdição de Ambeno mas dele separado por uma faixa holandesa. Verifica-se pois que no nosso território ficou existindo um enclave holandês enquanto na parte holandesa havia dois enclaves nossos.

Pelo convénio de 10 de Junho de 1893, os dois países trataram de fazer uma revisão de fronteiras tendo por finalidade suprimir os enclaves com o que ficaria facilitada a fiscalização aduaneira. Em princípio, Portugal cederia a jurisdição de Naimuti, o reino de Tacai ao norte de Fatu-Lulic e a região fronteiriça de Tamiro-

---

(2) Pelo tratado de 20 de Abril de 1859 a linha divisória entre as possessões portuguesa e holandesa da ilha de Timor corria pelas fronteiras dos reinos indígenas limítrofes seguintes:

Sob o domínio português: Cóvá, Baliló, Lamaquito, Tahacai ou Tacai, Fatu-Mean, Loqueo, Dacolo, Tamiro-Ailala e Suai.

Sob o domínio holandês: Djenilo, Silawano, Fialara, Lamaksanulo, Lamakené, Naitimo, Mandene, Dirma e Lakecune.

-Ailala a leste de Tilomar, recebendo da Holanda o enclave de Maucatar.

Pela convenção de Haia de 1904, esta troca foi então legalizada. Tendo, porém, surgido divergências entre as comissões que procediam localmente aos trabalhos de delimitação do enclave de Oé-Cussi, foi o assunto submetido à arbitragem do Presidente da Confederação suíça que deu razão à Holanda (25 de Junho de 1914).

Desde então, a fronteira do nosso território de Timor ficou assim definida na parte central e de norte para sul: ribeiras Mota-Bicu, Ué-Badáin e Mota Àssu-Daat até à sua origem, vertentes dos montes Cleec Teruin e Berenes Cacotun, talveg da Mota Sórum e Tua-Naruc até à ribeira de Telau continuando por esta e pelas de Malibaca, Mautilu e Pepies até aos montes Bule-Bule e Carau-Cotum e pelas ribeiras Lolu e Tafara até Mota Tiburoc, monte Dato Miet, talveg da Mota Ulun, Mota Sucaer e Mota Baucama até à foz da Calan Fehan. Passa depois pelos seguintes pontos: montes Tahi Fetu, Fatu Suta e Fatu Rusa, árvore Halifia, monte Uas Lulic, toca na confluência da ribeira Ué Merac com a Ué Nu, em direcção à pedra Fatu Rocon, montes Fitun Monu, Debu Causabac, Ainim Matan e Lac Fuin de onde vai ter à confluência da ribeira Hali Sobuc com a Mota Haliboi, com a qual se confunde até à origem, atravessando para a origem da Mota Bebulu que percorre até ao seu encontro com a Ué Diec e depois pelos montes Ai Cacar e Taquis e ribeira de Massin até à sua embocadura denominada Mota Talas (3).

(3) Os pontos que definem as fronteiras entre as partes portuguesa e indonésia de Timor nem sempre aparecem escritos com a mesma grafia. Duas causas se podem apontar para esta diferença. A primeira (e essencial) deriva do facto das comissões de delimitação conhecerem imperfeitamente (ou não conhecerem de

A fronteira do enclave do Oé-Cussi-Ambeno confunde-se com as ribeiras Noel Bési, Noel Niena, Bibjael Sunan e Noel Miu Mavo, engloba os montes Banat, Quita e Nivo Nun Po, segue depois as ribeiras Nono Boni, Pásabe e Nono Susu e os montes Clus e Subina, voltando a seguir as ribeiras Fatu Basin, Ué An, Nai Nan, Tut Nonie, Noel Ecan, Sonau, Nivo Novo, Nono Balena, Nono Nise, Noel Bilomi, Ué Sunan e Noel Meto até ao mar (3).

todo) os dialectos das regiões por onde passavam. Como os nomes próprios de rios, montes, reinos, etc., são a simples reprodução gráfica das designações fonéticas indígenas (visto que na ilha não existia linguagem escrita), é natural que surgissem diferenças de comissão para comissão. Em segundo lugar, como na Metrópole se não conhecem tais nomes, a deturpação ou alteração surge naturalmente, tanto mais que, por exemplo, nós não usamos as letras «K» e «W» e os holandeses (com quem foram feitas as delimitações) usam-nas e empregam-nas com o nosso acordo nos documentos oficiais.

Deve notar-se que o trabalho das comissões de delimitação não devia ter sido fácil pois a variedade dos dialectos é tal que o mesmo assunto muda de nome várias vezes em poucos quilómetros. É o que sucede com «mota» (ribeira), «bé», «ué» e «noel». Todas estas palavras se aplicam a linhas de água que foram aproveitadas para limites.

SITUATION, SUPERFICIE ET LIMITES

RÉSUMMÉ

L'île de Timor, située au nor-ouest de l'Australie, se partage entre le Portugal et l'Indonésie. Selon le traité signé le 20 Avril, 1859, avec la Hollande, à qui appartenait alors tout l'immense archipel de la Sonde, le Portugal se vit attribuer la moitié orientale de l'île, (soit 16.384 km²) ; l'Oé-Cussi, enclave de 2.461 km² sur la côte nord de la partie indonésienne; l'île d'Ataúro (144 km²) au nord de Dili; et enfin l'îlot de Jaco situé à la pointe est du continent principal.

Le territoire portugais comprend en tout 18.989 kilomètres carrés. La ligne frontière atteint 840 kilomètres de long, dont 202 se trouvent à l'intérieur même des terres. Dans la partie principale de la province la plus grande longueur du territoire est de près de 265 kilomètres, et sa plus grande largeur (entre Maubara et Suai) est de 92 kilomètres.

POSITION, AREA AND LIMITS

SUMMARY

The island of Timor lying to the North West of Australia, is divided between Portugal and Indonesia. Under the terms of the Treaty of April 20th 1859, signed between Holland to whom the immense archipelago of Sunda belonged at that time, Portugal was given the Eastern half of the Island (16,384 km2), the Oé-Cussi pocket on the North coast of the Indonesian part (2,465 km2), the Island of Ataúro (144 km2) to the North of Dili and the small uninhabited island of Jaco on the Eastern end.

The overall size of the Portuguese territory is 18,989 square kilometers. The border line is about 840 kilometers long, of which 202 are overland. The maximum length of the principal part of the province is some 265 kilometers and the greatest width (between Maubara and Suai) is 92 kilometers.

CONSTITUIÇÃO GEOLÓGICA IDEIA PALEOGEOGRÁFICA E PALEONTOLÓGICA

Timor, como ilha de Sunda que é, constitui uma região de extraordinário interesse geológico, geofísico e paleontológico. Muitos têm sido os geólogos que se têm dedicado ao estudo da sua constituição, uns por simples interesse científico, outros por se encontrarem integrados em algumas das Companhias mineiras ou petrolíferas que têm demandado a província.

A região entre Manatuto e a costa Sul foi, assim, reconhecida em princípios de 1904 por Hirschi, encarregado de pesquisas de petróleo e asfalto. Mais tarde, em 1920 ou 1921, Stuart St. Clair, tendo como colaboradores J. P. Cullock, A. Stoyanow e C. R. Bontz, procedeu ao reconhecimento geológico de todo o nosso Timor, em especial das regiões petrolíferas. Em 1936 uma missão americana constituída por três geólogos e quatro engenheiros de minas fez novo e mais profundo reconhecimento do território, tendo em atenção sobretudo os recursos mineiros e petrolíferos. A ela se deve o esboço geológico anexo.

Finalmente, a Companhia Ultramarina de Petróleos, em 1947 e 1948, realizou também estudos geológicos (a cargo dos Drs. Escher e Grunau) e observações gravimé-

tricas (por G. de Snoo) na parte oriental de Timor, enquanto, em 1948, a Companhia Superior de Petróleos de Timor, por intermédio do geólogo A. E. Feldmeyer, procedia a idênticos estudos na parte ocidental.

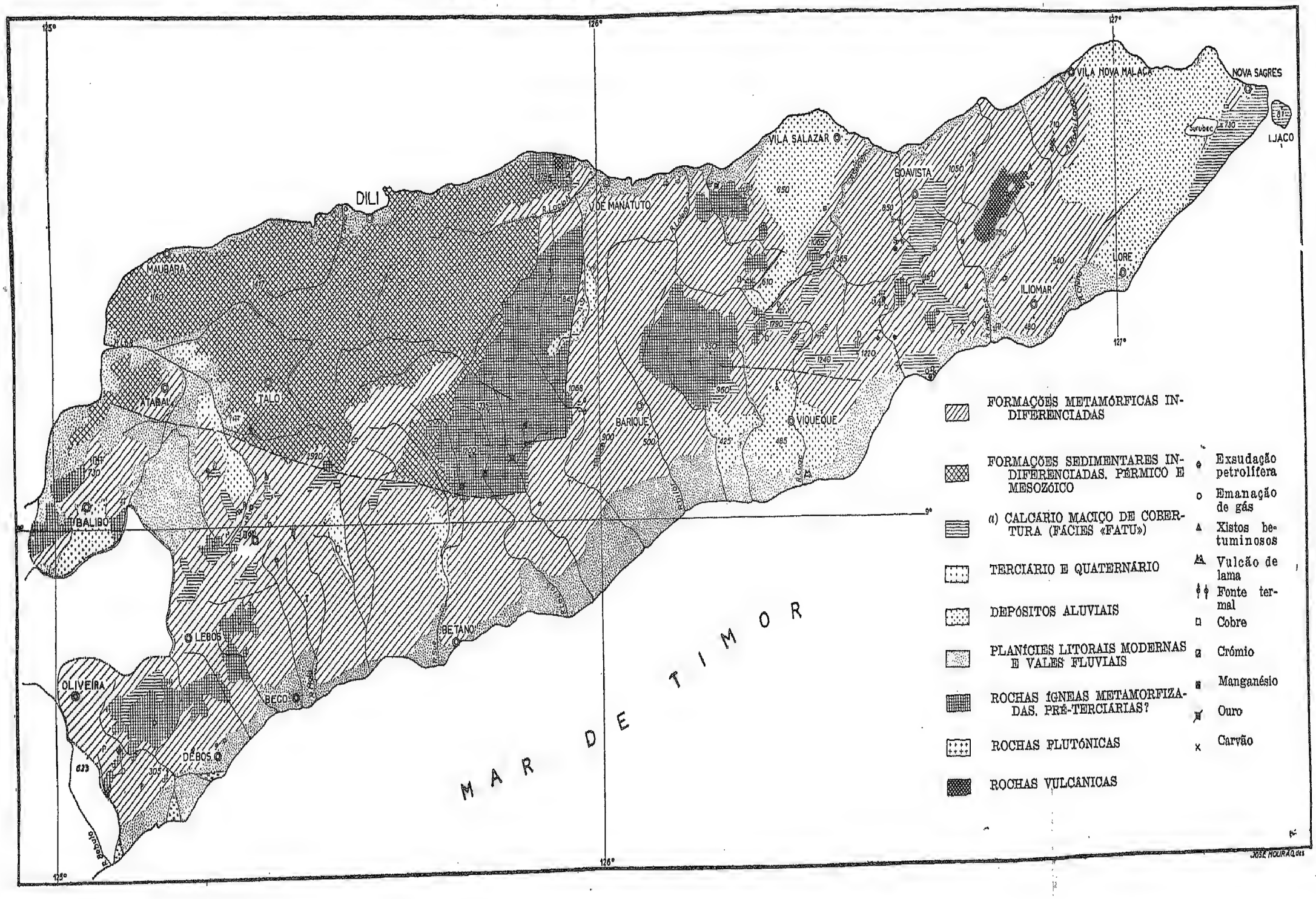
Não se pode dizer, no entanto, que Timor seja um território perfeitamente conhecido sob este aspecto. Inclusivamente, julga-se que os contínuos insucessos das Companhias de Petróleos se devem mais à falta de persistência, de capitais e de meios modernos de prospecção que à inexistência de petróleo em nível comercial. E quanto às possibilidades mineralógicas não se podem avaliar, seguramente, apenas pelas duas ou três indicações do esboço geológico. Uma investigação científica feita com meios adequados revelará, com certeza, riquezas que agora são ignoradas. É o que esperamos venha a acontecer após os estudos que uma missão portuguesa actualmente em Timor está levando a cabo. Deve dizer-se, no entanto, que embora esta seja, de facto, a primeira missão nacional que se constitui com fins de investigação científica geológica, já em 1914 e 1915, o Engenheiro H. Mascarenhas Inglês colhera preciosas amostras de formações ainda pouco conhecidas sob o ponto de vista cronológico. E pouco antes da ocupação japonesa, o Engenheiro Artur do Canto Rezende, conseguiu enviar para Lisboa novas amostras de rochas e de fósseis, as quais, tal como as do Engenheiro M. Inglês, pertenciam a formações paleozóicas, mesozóicas e cenozóicas.

Considerações paleogeográficas

De acordo com a opinião de Brouwer, foi durante o Plio-Pleistocénico que a ilha de Timor tomou a forma actual, a partir de duas fiadas de pequenas ilhas que

TIMOR PORTUGUÊS — Esboço Geológico

(Segundo os reconhecimentos da «Allied Mining Corporation, Limited», 1937)



limitavam entre elas uma bacia de subsidência temporária (o «Graben» ou geosinclinal de Timor) onde se acumularam centenas de metros de sedimentos pliocénicos (4).

A existência de importantes acções orogénicas ante-pliocénicas é demonstrada pela estrutura geológica da ilha que apresenta as formações desse período com dobras, fracturas e carreamentos (5). Por outro lado o forte encaixado das ribeiras e, especialmente, o aparecimento de recifes de coral nas montanhas, por vezes a elevadas altitudes, confirmam claramente a existência de movimentos verticais recentes. De facto, como se sabe, os corais desenvolvem-se em águas pouco profundas. Se o solo se eleva, eles morrem após a emersão ficando a indicar a antiga linha da costa. É o que se observa no planalto de Fuiloro, hoje a cerca de 500 metros de altitude, cuja riqueza coralífera indica ter sido no Pleistocénico um enorme «atoll». Demonstração semelhante oferecem os depósitos coralíferos do planalto Salazar (Baucau), de Lautem (Tutuala, em especial), de Fatu Cúac, de Viqueque e as praias elevadas e as aluviões antigas que aparecem a grande altura ao longo da costa Sul.

Timor parece ser, portanto, uma ilha de formação relativamente recente. A inexistência de mamíferos australianos na sua fauna mostra, por outro lado, que a ilha não teve ligação com a Austrália nos tempos geológicos.

---

(4) H. A. Brouwer — «Geology of The Netherlands East Indies», 1925.

(5) Carlos Teixeira — «Notas sobre a geologia e a tectonica de Timor» em «Estudos Coloniais», revista da Escola Superior Colonial, Lisboa, 1952.

Características paleontológicas gerais

Também sob o ponto de vista paleontológico, Timor apresenta enorme interesse dada a abundância e a variedade dos fósseis que caracterizam algumas das suas formações geológicas em especial do Paleozóico e do Mesozóico. A fauna do Pérmico, por exemplo, é a mais rica de quantas se conhecem, em especial no que respeita a Equinodermes, de que os Crinóides são os melhor representados. Abundam também Coraliários, Espongiários, Briozoários, Braquiópodes, Gasterópodes, Cefalópodes (sobre os quais se baseiam as divisões estratigráficas adoptadas), Trilobites, Foraminíferos, etc.

Na fauna mesozóica são notáveis os Amonóides mas encontram-se também representadas as Belemnites, os Nautilóides, os Gasterópodes, os Coraliários, etc. Os vertebrados, sobretudo peixes e um ou dois répteis, são abundantes nos depósitos do Cretácico superior.

Estrutura geológica

Encontra-se razoàvelmente espalhada a ideia de que a ilha de Timor é formada por elevadas montanhas de origem vulcânica. Os estudos geológicos de algumas das Companhias Petrolíferas que realizaram prospecções em Timor — em especial os reconhecimentos da Allied Mining Corporation, Limited, em 1937 — conduzem, porém, à conclusão de que a quase totalidade daquela nossa Província é formada por rochas sedimentares, calcários, margas, grês, etc., por rochas metamórficas e por rochas ígneas metamorfizadas. As vulcânicas (basálticas e andesíticas) são raras, aflorando, por vezes com características de vulcanismo submarino, em limitadas zonas do enclave do Oé-Cussi e, na parte leste, a oeste da

região de Luro. Pode dizer-se (5) que os únicos vestígios de vulcanismo existentes no território português são algumas fontes termais, na maior parte sulfurosas, certamente em relação com fracturas.

Estas fontes, o aspecto montanhoso de quase toda a ilha e a existência de dois vulcões de lama (um em Oé-Silo, no Oé-Cussi, e outro em Bibiluto, Viqueque) que erradamente foram considerados de origem plutónica, são factores que contribuíram para criar a Timor a citada fama de ilha vulcânica. Mas, na realidade, a actividade vulcânica parece ter terminado completamente antes do fim do Cenozóico.

Claro que estas considerações aplicam-se também ao enclave do Oé-Cussi onde, no entanto, como dissemos, aparecem rochas vulcânicas cezonóicas sobre as quais assenta, a nordeste do território, uma delgada cobertura de margas cinzentas com foraminíferos. Na região noroeste ocorrem calcários pérmicos com rochas vulcânicas interestratificadas e ao Sul afloram xistos.

Já o mesmo se não pode dizer da ilha de Ataúro que é de natureza vulcânica com andesitos piroxénicos e anfíbolo-piroxénicos, basaltos olivínicos, etc. Os andesitos apresentam-se com abundante matéria vítrea. As únicas formações sedimentares são alguns calcários coralígenos post-pleistocénicos situados por vezes a 700 metros de altitude. As características geológicas desta ilha são idênticas às das ilhas de Wetar e de Alor, entre as quais está situada.

Formações metamórficas

Estas formações ocupam grandes extensões em toda a metade sul da ilha, em Aileu, Fatu-Bessi, Hatolia e

Turiscai (6) e para leste da linha Manatuto-Soibada. Calcula-se que sejam ante-pérmicas.

Algumas derivam de formações sedimentares por acção dinamometamórfica. É o que sucede com os xistos cristalinos (predominantemente anfibólicos, de cor cinzenta ou verde-clara) que afloram nas regiões do noroeste, nas da costa sul (Lolotoi, Fohorem, etc.), e em outras.

Rochas metamórficas derivadas de rochas ígneas e, nalguns casos pelo menos, mais modernas que os xistos cristalinos, ocupam largas extensões do território. São xistos dioríticos, xistos anfibolíticos, serpentinitos, etc. A esta categoria pertencem as chamadas «diabases de Manufai» e vários outros afloramentos espalhados pela ilha (como os gabros serpentinizados da zona de falha de Manatuto, etc.).

Segundo o Professor J. M. Cotelo Neiva, que realizou estudos sobre amostras enviadas pelo engenheiro geógrafo Alfredo Monteiro Leite, Timor dispõe de bons mármores, com estrutura maciça, cristalina, de granulado muitíssimo fino a médio e cor dominantemente branca, mais raramente de tom acinzentado, azulado ou creme. São constituídos essencialmente por calcite, contendo ainda em pequenas quantidades quartzo, albite, moscovite, etc. Quanto ao quimismo, podem considerar-se como calcários cristalinos não magnesianos. Pelas suas qualidades, são óptimos para revestimentos, decorações e estatuária, podendo utilizar-se no fabrico de cal de boa qualidade, na metalurgia, nas indústrias químicas e no correctivo dos solos.

—

ains e Silva — «Timor e a cultura do café», Lis-

Formações sedimentares

Conforme se pode observar no esboço geológico anexo, as formações sedimentares abundam na costa norte, desde a foz da Ribeira de Lois até próximo de Manatuto, prolongando-se para o interior, entre os cursos daquela ribeira e da Lacló Norte, até ao Talo e para sudeste de Maubisse. Estas formações são paleozóicas, mesozóicas e ceno-antropozóicas, muitas delas com fósseis do Pérmico, do Triássico e do Jurássico.

Ao Pérmico e ao princípio do Mesozóico pertencem os mais antigos depósitos sedimentares de Timor. São constituídos por rochas de tipos diferentes, entre os quais calcários cristalinos grosseiros, de cor vermelha e fortemente resistentes à erosão e de que são exemplo os calcários de tipo «fatu» que nas regiões de Tilomar, Mindelo e Foho-Lulic atingem cerca de 300 metros de espessura. Alternando com estes calcários aparecem na área da Circunscrição de Bobonaro, xistos calcários, vermelhos, fossilíferos.

A leste de Aliambata existem os chamados «calcários amarfanhados», densos, de cor cinzenta, com enchimentos de calcite nas fracturas. Em Pualaca aparecem calcários idênticos mas com fósseis de Amonites, alguns dos quais constituídos por marcassite. Estes calcários parece serem do Triásico inferior tal como os calcários margosos, cinzento-escuros com nódulos com cefalópodes existentes em Atsabe.

Nas regiões central e meridional da ilha ocorrem formações do Triásico médio constituídas por leitos de calcário cinzento, compacto, parcialmente silicificado e cuja resistência à erosão permitiu a formação de algumas quedas de água, entre as quais a de Bandeira.

Os depósitos do Triásico superior são os mais exten-

sos e neles se encontram exsudações petrolíferas e emanações gasosas. A este período pertencem os calcários recifais de Pualaca, os margosos cinzentos com Daonella e os vermelhos do Suai, os chamados «grês de Irabim» que também aparecem em Aliambata, os «xistos de Baguia», brancos, leves e estratificados, visíveis igualmente em Viqueque, no sul de Venilale, etc. e os «calcários de Sorodui», densos, de cor cinzento-escura e aparecendo também na Aliambata, por vezes com alguns leitos fossilíferos contendo Daonella.

Provàvelmente relacionados com o Triásico Superior, encontram-se calcários de tipo «fatu», formando montes elevados e colinas. São, em geral, massas de calcários coralígenos e oolíticos, de cor clara, mal estratificados e contendo, por vezes, depósitos de manganês e carvão.

Os depósitos jurássicos (constituídos por xistos gresosos e calcários na região de Pualaca e próximo de Fatu-Mean) e cretácicos, não parece serem extensos em Timor.

Os calcários e margas que formam o planalto Salazar (Baucau) são mais modernos, do Plio-Pleistocénico. Assentam em discordância sobre terrenos mesozóicos. Em Venilale, Viqueque, Balibó e em toda a parte leste desde a linha Lautém-Loré, aparecem calcários fossilíferos, mal consolidados, talvez do fim do Cenozóico, época a que também pertencem as aluviões de Cailaco, Cribas, Ainaro e Same. Próximo de Laclubar encontra-se um importante terraço fluvial formado por fragmentos de xisto e com cerca de 100 metros de altura sobre o leito da ribeira.

Praias antigas e recifes de coral encontram-se com frequência, por vezes a altitudes muito elevadas como em Fuiloro (600 metros), Laritame (1.300), Baucau (500), Tutuala, Fatu Cúac, etc.

São quaternárias as aluviões das planícies litorais, particularmente desenvolvidas na costa sul, e as dos vales fluviais em especial das ribeiras de Lois, Lacló Norte, Seissal, Irabere, Luca, Sui, etc. e seus afluentes.

Formações ígneas

Em muitos pontos, especialmente do litoral, observam-se entre os xistos cristalinos, parecendo atravessá-los, afloramentos de rochas ígneas do tipo gabroico, alguns com vestígios de metamorfísmo. Intrusões semelhantes se notam nos xistos e calcários triásicos de Uato Carbau, Suete, Iriamo, etc. Toda a região a Norte e Noroeste de Ossú, é fértil em serpentinitos, diabáses e xistos anfibolíticos. Em Hili-Manu aparecem xistos dioríticos.

Em Bobonaro, Marôbo, Aileu, etc. afloram rochas ígneas cenozoicas.

Rochas vulcânicas mais recentes encontram-se sob a forma de mantos, diques e apófises, sendo frequentes as lavas amigdaloides e os basaltos em travesseiro, juntamente com diabáses ([5]).

Na região de Baguia e em outras do sudoeste de Timor aparecem também formações vulcânicas abundantes em diabáses.

Dum modo geral, porém, as formações ígneas ocupam em Timor reduzida extensão.

CONSTITUTION GEOLOGIQUE

RÉSUMÉ

L'existence d'importants bouleversements orogéniques, ante-pliocéniques, est clairement démontrée par la structure geologique de l'île que présente toutes les caractéristiques de cette période avec ses replis, ses failes et ses dépôts alluvionnaires. D'autre part des mouvements verticaux récents se révèlent par le profond encaissement des rivières et, surtout, par l'apparition de récifs de corail dans les montagnes, parfois même à de hautes altitudes, comme dans le cas du plateau de Fuiloro, à 500 mètres.

Timor, est somme toute, une île de formation récente, les fossiles y abondent. La faune permienne est très riche, surtout en ce qui concerne les specimens equinodermes.

L'île n'est pas volcanique mais est constituée de roches sédimentaires, comme le calcaire, la marne, le grès, etc.; de roches métamorphiques, et de roches ignées métamorphosées. On peut quasiment dire que les uniques vestiges du volcanisme qui existent encore à Timor, se résument en quelques sources thermales, pour la plus grande partie sulfureuses.

Les constitutions métamorphiques, (ante-permien-

nes?), composées de schistes dioritiques, amphiboliques etc., occupent de grandes étendues dans toute la moitié sud de l'île, en Aileu, Fatu-Bessi, Hatolia et Turiscai, ainsi qu'à l'est de la ligne Manatuto-Soibada.

Les formations sédimentaires (paléozoïques, mésozoïques, et céno-antropozoïques, dont beaucoup sont constituées de fossiles d'origine Permienne, Triasique et Jurassique), abondent sur la côte nord, depuis l'embouchure de la Lois à Manatuto et jusqu'à Maubisse, à l'intérieur du pays. On trouve dans les alluvions triasiques (qui sont les plus importants) des exsudations pétrolifères et des émanations gazeuses. Probablement en conséquence directe de l'époque triasique supérieure, il existe des collines èlevées formées de calcaires du type «fatu».

Dans certaines parties du pays, et spécialement sur la côte, on peut observer que parmi les schistes cristallins émergeant des roches ignées du type «gabroique» ils s'en trouvent qui conservent des vestiges de métamorphisme.

GEOLOGICAL COMPOSITION

SUMMARY

The presence of large orogenic antepliocenic actions is shown by the geological structure of the Island which contains formations of this period with folds, fractures or cavities. On the other hand the strong way in which the rivers have sunk, and especially the appearance of coral reefs in the mountains which are sometimes at high altitides (in the Fuiloro plateau at 500 metres) reveal the existance of recent vertical movements.

Timor is thus an island of recent formation which abounds in fossils. The fauna in Permic is very rich and especially so in Equinodermes.

The island is not volcanic, but on the contrary is formed of sedimentary lime-stone, marl and clay rocks etc., of metamorphic rocks and metamorphised igneous rocks. One might almost say that the sole remains of volcanism which still exist in Portuguese Timor are certain thermal springs which are for the most part rich in sulphur.

The metamorphic (ante-permic?) formations, composed of dioritic and amphybolitic chysts, serpentinites, etc. take up large areas of the whole of the middle part

of the island to the South at Aileu, Fatu-Bessi, Hatolia and Turiscai and to the East round Manatuto-Soibada.

The sedimentary formations (paleozoic, mesozoic and ceno-anthropozoic, many of which contain fossils of Permic, Tryassic and Jurassic) are plentiful on the North Coast from the estuary of the Lois River to Manatuto and further inland to Maubisse. The petroliferous exudations and gassy emmanations are found in the Tryassic deposits (the largest ones). Probably connected with the Upper Tryassic, one finds the «fatu» type of lime stone forming high hills.

In certain parts, especially near the seaboard, amongst the crystalline chysts one finds centres of igneous rocks of the gabroic type, some of which show traces of metamorphism.

RELEVO

Timor é uma ilha de formação relativamente recente onde a erosão não teve tempo de exercer a sua acção niveladora. É por isso e dum modo geral, muito acidentada, encontrando-se as elevações de maior altitude na parte oeste do nosso território principal onde é possivel imaginar um forte dorso central irregularmente arqueado e orientado para leste. Desta potente crista — que serve de linha separadora das águas, nela nascendo quase todas as ribeiras de Timor que correm para norte ou para sul a lançar-se em ambas as costas — partem intrincadas ramificações que, na costa norte, chegam a prolongar-se pelo mar dentro (ponta de Fatu-Cama, por exemplo), caindo por vezes quase abruptamente sobre as águas (como nas encostas do Subão). Na costa sul, os contrafortes desta complexa cadeia central esbatem-se longe do mar, permitindo a existência de uma larga faixa litoral plana constituída por formações aluviais continuas.

Para leste a agressividade do relêvo adoça-se e os picos montanhosos deixam de ser tão frequentes cedendo o lugar a formações planalticas de onde por vezes emergem elevações de vertentes escarpadas (como o Máté-

-Bian, o Mundo Perdido, etc.) que constituem o tipo de relevo chamado «fatu» (7).

Embora fracamente definidas nos seus limites de contacto, esboçam-se, assim, duas regiões principais: uma para oeste do eixo Dili-Betano, muito enrugada e onde se encontram as maiores altitudes da ilha; outra para leste da linha Laleia-Viqueque, menos acidentada e onde as elevações existentes se apresentam dispersas como se não tivessem ligação entre si. Entre as duas regiões, nota-se uma zona de transição que, embora ondulada, forma como que um largo patamar. Finalmente, na ponta leste da ilha desenrolam-se extensos planaltos.

As montanhas

A cordilheira do Ramelau preenche quase toda a primeira região que considerámos. O seu pico mais elevado — o Tata Mai Lau, de 2.980 metros de altitude (8) — ergue-se quase a meio da ilha, defronte do posto administrativo de Uato-Builico (que está a 2.200 metros) e sensivelmente a igual distância de Atsabe (para oeste) e de Ainaro (para sul). É a mais alta montanha de todo o território português e do seu cume, quase sempre envolto em nuvens, se avistam os mares de ambas as costas.

Do Tata Mai Lau destacam-se exporões elevados que, por sua vez, se ramificam de forma muito complexa.

(7) Em tétum, «fatu» é uma elevação escarpada, um rochedo, uma pedra. O termo foi adoptado pelos geólogos.

(8) José Simões Martinho, em «Timor quatro séculos de colonização portuguesa» diz que Tata Mai Lau é o nome pelo qual também é conhecido o Ramelau na costa sul. Em dialecto mambai, «Tata Mai» significa avô e «Lau», monte. Assim, como este monte é o mais alto de Timor, os nativos resolveram considerá-lo o avô dos montes.

Para noroeste, por exemplo, corre o monte Caterai, de cerca de 2.100 metros de altitude, que cerca Atsabe pelo norte e nordeste, separando-a de Lete-Foho, e prolongando-se depois pelo Surolau cujas vertentes abruptas separam os vales da ribeira de Marôbo e dum dos seus afluentes mais importantes. Para sudoeste desenha-se o Darulau, de 2.320 metros, que separa Atsabe de Ainaro e se continua em seguida pelo monte Qúolo de 1.800 metros de altitude. O Qúolo e o Cailaco (1.916 metros) cercam Bobonaro pelo norte e noroeste, prolongando-se o último até à fronteira na direcção sudoeste, por intermédio dos picos de Tapó (1.800 metros de altitude), de Lacos (1930 metros) e de Leo-Hito (1.800 metros).

Entre Bobonaro e Ainaro são constantes as elevações existentes. Entre elas o Ossucai de 1.400 metros, é uma das mais importantes. Ramificações irregulares prolongam-se depois para sul e sudoeste onde são notáveis os montes Fóho-Messac e Fóho-Lafaic com os picos Taroman (sobranceiro a Fatu-Lulic e com 1.744 metros) e Sábi (1.662 metros).

A meia distância entre Same e o Tata Mai Lau e deste separado pela Bé-Lulic, levanta-se o imponente Cablac (2.300 metros) outrora considerado pelos indígenas como monte «lulic» onde se reuniam as almas dos mortos. É impressionante a magestade deste colosso (onde se abrigou o heróico D. Aleixo), em especial quando visto da estrada Maubisse-Ainaro. Ele esbate-se em ondulações sucessivas para o sul, chegando os seus elevados contrafortes bem perto do mar, cerca de Betano, permitindo disfrutar panoramas inegualáveis.

Entre Lete-Foho e Hatolia ergue-se o monte Lalimilau, de 1.724 metros, de onde se destaca o esporão Ta-Ulum (Talo) cujas vertentes caem sobre a ribeira de Marôbo.

Ao norte de Hatolia estendem-se as elevações de Fatu-Bessi com o monte Hatu-Bule (1.455 metros), separadas do monte Atabai (975 metros) pela ribeira de Lois e do maciço do Guguleur (1.157 metros), sobranceiro a Maubara, pela ribeira Lau Ili. Este maciço prolonga-se para leste pelas elevações de Boibau e de Fatu Masse (1.400 metros), a sul de Liquiçá, as quais são separadas do monte Seloi (1.320 metros), a noroeste de Aileu, pela ribeira de Railaco, afluente da Comoro.

A cidade de Díli é bordada a sul pelo maciço do Cutulau. Deste maciço parte esporões em vários sentidos e um deles corre para leste, engloba o Remexio e, seguindo entre a costa e a Lacló, vai terminar no monte Hili-Manu (1.370) de que fazem parte os conhecidos Subão Grande e Subão Pequeno.

A zona de transição entre as duas regiões mais acentuadamente montanhosas de Timor, embora bastante acidentada, não oferece elevações tão importantes como as indicadas anteriormente. Sobressaem, no entanto, o monte Dia, a leste de Laclubar, o monte Semol (1.230), a oeste de Fatu-Berlio e o He-Dale (1.100 metros), entre Soibada e Barique. A esta zona corresponde a mais larga faixa plana do litoral da costa azul.

Na região dos relevos tipo «fatu», destaca-se o maciço de Maté-Bian, também considerado «lulic» pelos nativos e situado a oeste de Báguia. O seu pico mais elevado, o Boicau, sobe entre nuvens até 2.316 metros de altitude. Mais para leste, entre Báguia e Luro estende-se o monte Bau Bule onde nascem inúmeros afluentes das ribeiras de Laivai e de Irabere.

A noroeste de Ossú levanta-se imponente o escarpado Mundo Perdido (1.763 metros). E a nordeste, a igual distância de Venilale, surge o Laritame (1.220 metros). Daqui parte a ribeira Cúac.

ATAUDO
DILI
MANATUTO
BAUCAU
LAUTEM
LOSPALOS
PLANALTO
T. JACO
TIMOR
CURSOS DE ÁGUA E RELEVO
Sede de circunscrição
Posto administrativo
Povoação
1 — Tata Mai-Lau (2 980 m)
2 — Cablac (2.3..m)
3 — Ratrai (2 000)
4 — Darulau (2.320)
5 — Topo (1800)
6 — Lacot (1.930)
7 — Taroman (1744)
8 — Lolimilau (1 724)
9 — Gugulau (1 157)
10 — Solor (1320)
11 — Hili Manu (1 370)
12 — Mate-Bian (2.316m)
13 — Mundo Perdido (1.763)
14 — Laritum (1.220)
N
ESCALA APROXIMADA
1/1 100 000
EQUIDISTÂNCIA 200 metros
D. MACASSAR
TIMOR INDONÉSIO
OE-CUSSI
MYNDO
BATUGADE
BALIBO
ATABAI
MAUBARA
TERMESA
SAMORO
LOLOTOI
TILOMAR
TATAMAILAU
FUNDOBOR
SUAI
BETANO
R. PELGAS

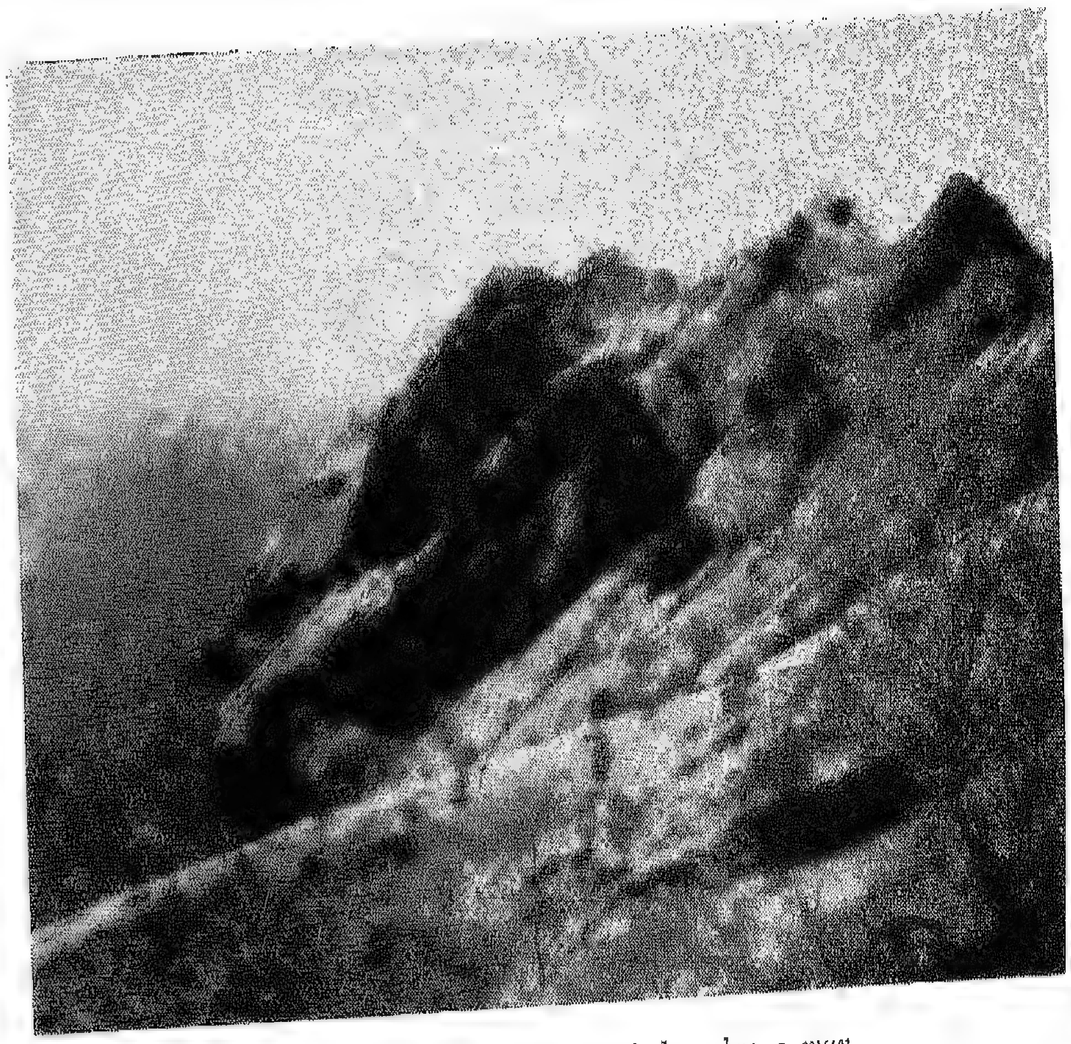


Fig. 3 — *Encostas do Subão caindo sobre o mar*

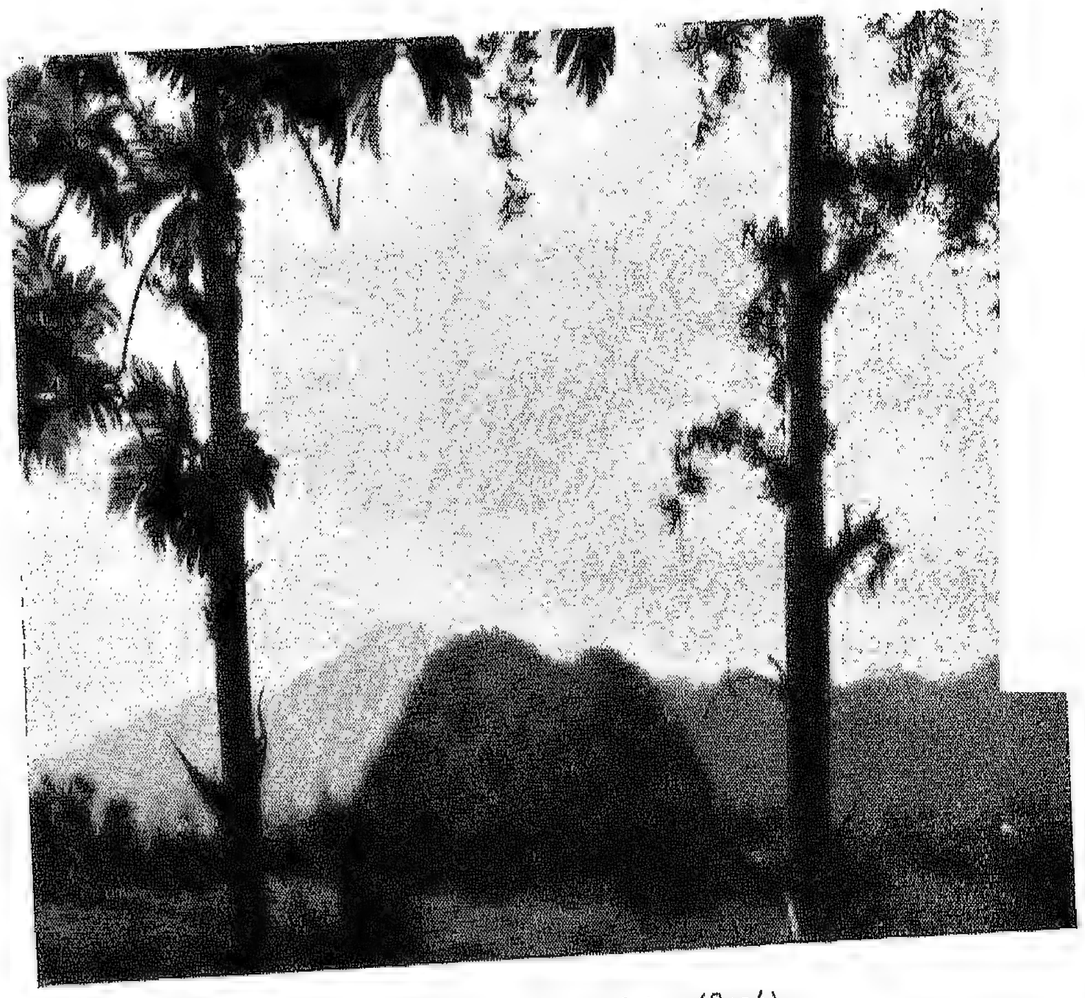


Fig. 4 — *Relevo tipo «fatu» (Ossú)*

A norte e noroeste de Lacluta erguem-se, respectivamente, os picos Laline (1.050 metros) e Autem (1.100 metros), donde partem, para sul, entre outras, a ribeira Dilor e, para norte, a Laleia.

☆

O território de Oé-Cussi, embora também bastante acidentado não apresenta o rendilhado agreste da região oeste do território principal. A sua principal elevação é o monte Soli, com 1.110 metros, a sudeste de Pante Macassar.

Apesar da sua pequena extensão, a ilha de Ataúro é muito montanhosa, atingindo o pico Toro na parte sul da ilha mais de 1.100 metros de altitude.

Planaltos e planícies

Dos planaltos, os mais importantes são os de Baucau, a cerca de 600 metros de altitude, onde se construiu um campo de aviação de categoria internacional, e o de Fuiloro. Este último abrange uma enorme superfície e desce ligeiramente para a costa norte em cujas proximidades a sua altitude raramente excede os 500 metros. A orla junto ao litoral sul alcança cerca de 700 metros. Mas dada a largura do planalto, esta diferença de nível mal se nota.

A oeste, junto à fronteira, é ainda de considerar o baixo planalto da Maliana.

Pode dizer-se que quase todo o litoral da costa sul forma uma extensa e larga planície. Mas é sobretudo entre Betano e Viqueque que esta faixa plana atinge proporções notáveis, dado que aí as montanhas recuaram para o centro da ilha. Formam-na as planícies de

Alas onde serpenteia a Lacló Sul, de Quirás que a Sahe banha na época das chuvas, de Luca por onde escorre a Dilor, e de Bibiluto. Fora desta zona, a planície litoral da costa sul estreita bastante embora continue sendo muito mais larga que a da costa norte. No entanto, são ainda notáveis as baixas do Suai, de Raimean onde desemboca a Bé-Lulic, de Betano e de Loré por onde corre a Chino.

Na costa norte as planícies mais importantes são, de oeste para leste, a de Batugadé, a da ribeira de Lois, a de Metinaro, a de Manatuto e a do Com (9). Díli está também situada numa planície.

(9) Era nesta região do Com que os japoneses tinham o seu principal campo de aviação. Ainda hoje aí se podem ver os restos de dezenas de aparelhos nipónicos, quase todos meio escondidos pela vegetação que à sua volta cresceu ou por defesas adequadamente construídas. Toda esta parte da costa norte, desde Lautem a Tutuala é formada por uma faixa costeira baixa e plana onde os desembarques se encontram facilitados. Por isso os japoneses nela construiram vários fortins de cimento armado, espaçados talvez de dois em dois quilómetros e em cujo interior ainda há pouco se podiam encontrar munições de variados tipos.

RELIEF

RÉSUMÉ

Etant donnée la formation récente de l'île, l'érosion n'a pas eu le temps d'éxercer son action nivélatrice. Si bien que Timor est très accidenté, on trouve les sommets les plus élevés dans la région occidentale du territoire principal portugais, où l'on peut voir une forte épine dorsale, arquée irrégulièrement et orientée vers l'est. De cette importante crête — qui sert de ligne de séparation pour les eaux — partent des ramifications nombreuses et confuses qui, sur la côte nord, arrivent à se prolonger jusque dans la mer, (la pointe de Fatu-Cama en est un exemple), tombant parfois abruptement dans les eaux (comme les versants du Subão). Sur la côte sud les contreforts de cette chaîne centrale, si compliquée, s'estompent le long du rivage, permettant l'existence d'une large ceinture de plaines littorales, constituées de formations alluvionnaires continuelles.

A l'est, l'agressivité du relief s'adoucit et les pics montagneux deviennent moins fréquents, cédant la place à une configuration de sommets plats de laquelle s'élèvent parfois des cimes aux versants escarpés (tels le Maté-Bian, le Mundo Perdido, etc.) qui présentent le type de relief dit du «fatu».

La cordillère du Ramelau occupe la quasi-totalité de la région orientale, son sommet le plus élevé est le Tata-Mai-Lau qui atteint 2.980 mètres d'altitude et se dresse presque au centre même de l'île, rejoignant le village de Uato-Builico.

Séparant Atsabe de Lete-Foho, le mont Caterai s'élève à 2.100 mètres de haut et entre Atsabe et Ainaro domine le Darulau qui lui, a 2.300 mètres d'altitude. Dans la direction de Same se dressent les 2.300 mètres de l'imposant mont Cablac. Bobonaro est entouré au nord et au nord-ouest par le Quolo, 1.800 mètres, et par le Cailaco, 1.916 mètres. Il existe dans la région divers autres sommets approchant une altitude de 2.000 mètres.

Le massif du Maté-Bian se dresse dans la zône orientale de l'île, son pic, le Boicau a 2.316 mètres de haut. Au nord-ouest s'élève le Mundo Perdido qui atteint 1.763 mètres d'altitude.

Parmi les plateaux on remarque celui du Fuiloro, situé à la pointe est de l'île, ainsi que celui de Baucau, les deux atteignant une altitude moyenne de 500 mètres.

Une vaste plaine, très étendue, occupe tout le littoral de la côte sud. Les plus grandes plaines de la côte nord sont celles de la vallée de la Lois, de Metinaro, de Manatuto et du Com.

RELIEF

SUMMARY

In view of the recent formation of the island, erosion has not yet had time to exercise its levelling action. Timor is thus very hilly, the highest points being found to the West part of the main Portuguese territory, where one can imagine a strong central backbone which is unevenly arched and directed towards the West. Confused ramifications run off from this powerful crest — which serves as the separating line for the waters. On the Northern coast these run as far as and into the sea (the Fatu-Cama point, for example) and sometimes drop abruptly into the water as is the case in the Subão cliffs. Along the south coast the counterforts of this complex central chain disappear some distance from the sea and thus leave a wide litoral strip composed of continuous alluvian formations.

To the East the ruggedness of the relief becomes somewhat softer and the mountains peaks are less frequent giving way to planaltic formations from which one sometimes finds steep cliffs running up (such as Maté Bian, the Lost World, etc.) which form the type of relief known as «fatu».

Almost the whole of the West part of the territory

is taken up by the Ramelau chain whose highest peak, Tata-Mai-Lau, is 2,980 meters high, lying about the middle of the island near Uato-Builico.

Caterai, 2,000 meters, stands to divide Atsabe from Lete-Foho, and Darulau of 2,300 meters stands between Atsabe and Ainaro. The imposing mass of Cablac (2,300 meters) stands in the direction of Same. To the North and North East, Bobonaro is surrounded by Quolo (1,800) and by Cailaco (1,916). There are various other mountains of around 2,000 meters to be found in this district.

The Maté Bian mass is to be found in the East part of the island, with Boicau as it peak at 2,316 meters. The Lost World (1,763) lies to the North East of Ossu.

Fuiloro is the most remarkable of the high plateaus and stands to the East end, followed by Baucau, both of which stand at an average of 500 meters.

The whole of the seaboard on the South coast forms a long and wide plain. The largest planes to the North are the Metinaro, Manatuto and Com and the valley of Lóis.

CLIMA

Só no princípio do século XIX se começou a ter algumas informações sobre o clima de Timor. Dizia-se então: «A costa sul tem duas invernadas, que sendo mais benignas do que na do norte, fazem daquela parte da ilha mais saudável, mais fértil e mais agradável. A estação invernosa é sempre anunciada por uns roncos que se ouvem do mar, da parte donde ela há-de vir, e apenas se ouvem aqueles avisos procuram os navios resguardar-se, refugiando-se na baía do Babao ou passando-se para a costa contrária» (10).

Como se vê, descrições pouco exactas, fantasiosas até, derivadas da falta de conhecimento do interior da ilha e da inexistência de qualquer investigação científica.

Com Afonso de Castro, em 1865, começam a aparecer informações mais seguras. Dizia ele: «O clima de Timor é insalubre em quase todo o litoral, mas mui saudável nas montanhas, aonde, ao contrário dos sítios baixos

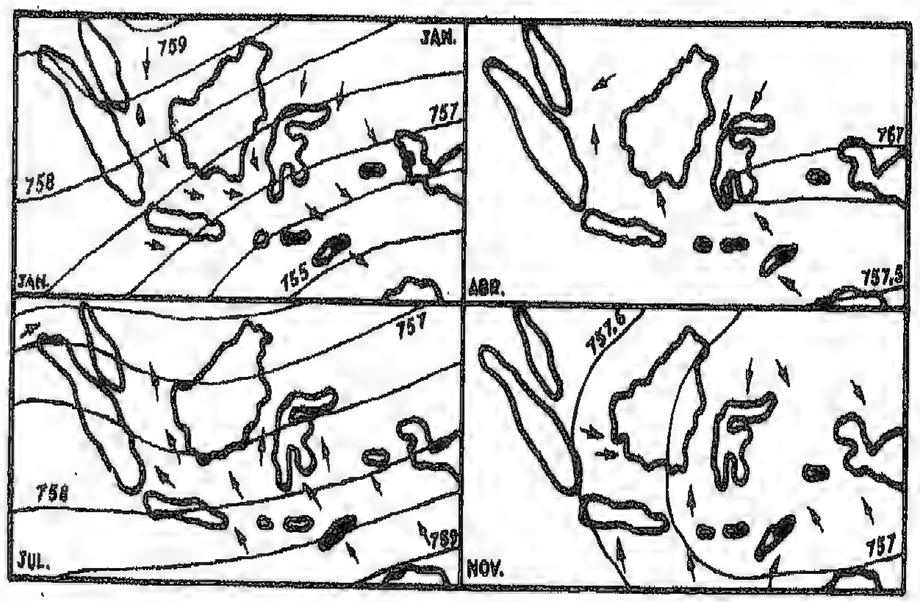
(10) Ten. Cor. Júlio Garcez de Lencastre — «Climatologia e Nosologia de Timor», in Boletim n.º 71 da Agencia Geral das Colónias, 1929.

em que o calor é abrasador, a temperatura é muitas vezes tão baixa que os europeus mal podem suportá-la».

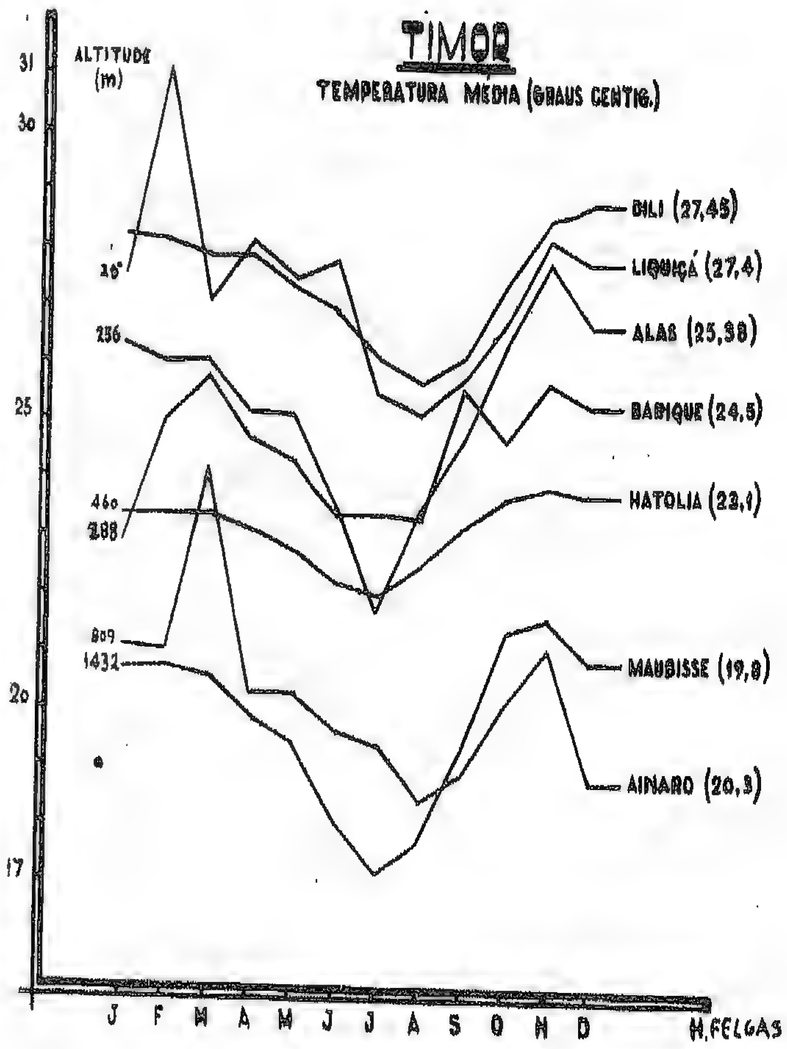
A organização regular dos serviços meteorológicos veio depois permitir obter dados concretos. No entanto, até 1914, Timor teve apenas uma estação meteorológica instalada na capitania do porto, em Díli. A partir dessa data os serviços meteorológicos da província tomam grande incremento, tendo sido estabelecida uma rede completa de postos meteorológicos instalados nas sedes dos comandos e postos militares, nas missões e nas granjas agrícolas. A publicação do *Boletim* da Repartição de Fomento, depois criada, deu ao registo das observações feitas a regularidade indispensável e contribuiu para que os serviços meteorológicos de Timor passassem a ser justamente apreciados com palavras de louvor ([11]).

Ao dar-se a invasão japonesa (1942) a actividade normal cessou para só ser retomada em 1950, depois de Portugal ter aderido a duas Convenções Internacionais (uma sobre Aviação Civil e outra para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar) e de ter sido criado o Serviço Meteorológico Nacional pelo Decreto-Lei n.º 35.836, de 26 de Agosto de 1946, que determinou a reorganização dos serviços do ultramar. Por esta reorganização (Lei n.º 2.042, de 17 de Junho de 1950) foi instituído em cada província um serviço meteorológico, sob a autoridade directa do Governador, destinado a dirigir e executar os trabalhos de meteorologia e de geofísica no respectivo território e coordenado e tècnica-

([11]) Vejam-se os relatórios do ilustre almirante Ernesto de Vasconcelos, então presidente da Comissão de Cartografia, nos Anais Meteorológicos das Colónias, em especial referentes aos anos de 1919 e 1920. Posteriormente, a mesma impressão deixou escrita o prestigioso almirante Gago Coutinho.



Pressões e ventos predominantes na zona geográfica onde Timor (a negro) está incluído.



mente assistido e inspeccionado pelo Serviço Meteorológico Nacional (12).

O Serviço Meteorológico de Timor passou desde então a colaborar na rede sinóptica internacional do Pacífico Sul, com as informações sinópticas da estação de Baucau, mantendo, com a colaboração de entidades oficiais e particulares, uma rede de dezasseis estações meteorológicas e de onze postos udométricos.

O quadro anexo dá uma ideia da localização geográfica dessas estações, da sua altitude e das entidades a cargo de quem se encontram:

	Latitude	Longitude	Altitude (metros)	Entidade
ESTAÇÕES METEOROLÓGICAS:				
Para fins sinópticos:				
Baucau	8° 28′	126° 27′	512,7	Serv. Meteor.
Para fins climatológicos:				
Ainaro	9° 00′	125° 31′	809	Missões
Alas	9° 00′	125° 46′	256	Missões
Atauro	8° 16′	125° 36′	4	Serv. Militares
Dare	8° 36′	125° 34′	466	Missões
Faz.ª Algarve	8° 40′	125° 21′	1.068	F. Algarve
Fohorem	9° 17′	125° 07′	599	Serv. Meteor.
Fuiloro	8° 26′	125° 01′	394,7	Missões
Iliomar	8° 42′	126° 50′	365,4	Serv. Administ.

(12) A «Meteorologia no Ultramar Português», conferência realizada na Escola Superior Colónial de Lisboa, em 2 de Abril de 1952, pelo Professor H. Amorim Ferreira.

	Latitude	Longitude	Altitude (metros)	Entidade
Lospalos	8° 32′	127° 01′	394	Serv. Administ.
Maliana	8° 59′	125° 15′	298	Missões
Manatuto	8° 31′	126° 01′	4	Serv. Administ.
Maubisse	8° 50′	125° 36′	1.432	Serv. Militares
Ossú	8° 44′	126° 22′	688	Missões
Soibada	8° 52′	125° 56′	873	»
Zumalai	9° 12′	125° 25′	108	»
Fatu-Bessi ...	8° 46′	125° 21′	1.120	S. A. P. T.
POSTOS UDOMÉTRICOS:				
Aileu	8° 44′	125° 34′	869	Serv. Militares
Atabai	8° 18′	125° 06′	975	Serv. Administ.
Baguia	8° 37′	126° 39′	369	» »
Balibó	8° 58′	125° 03′	566	» »
Barique	8° 52′	126° 02′	288	» »
Laga	8° 28′	126° 36′	65	» »
Liquiçá	8° 36′	125° 19′	25	» »
Tutuala	8° 24′	127° 16′	361	» »
Uato-Lari	8° 46′	126° 34′	257	» »
Uato-Udo	9° 09′	125° 32′	426	» »
Venilale	8° 20′	126° 20′	775	» »

☆

Baseando-se a climatologia em médias — que para terem algum valor devem provir de observações cuidadosas, realizadas durante um largo período de tempo — não admira que o seu estudo se encontre atrasado em Timor, onde só há registos de observações feitas a partir de 1916 e apenas para a estação de Díli. Os registos existentes das outras estações (que em 1941 eram em número de 34) são bastante ulteriores e alguns estão incompletos. Todos eles, de resto, foram interrompidos

durante quase dez anos, o que, de certo modo, vem invalidar as observações feitas anteriormente.

De facto, as observações feitas por dada estação só são julgadas seguras quando se referem a um período contínuo mínimo de 35 anos ([13]), espaço de tempo este que se considera como correspondendo a um ciclo completo de variações climáticas possíveis nesse lugar.

Ora, os máximos períodos de observações de que há registo são os referentes a Díli com 26 anos e a Manatuto com 25 anos. De Barique há com 24 anos e de Hatolia há observações de 21 anos, vindo depois Ainaro com 20 anos, Liquiçá com 16 e Viqueque com 15. Todos os outros postos dispõem de registos ainda menos contínuos e mais curtos. Para mais, à excepção de Díli (e, a partir de 1951, de Baucau, Fazenda Algarve, Zumalai e Fuiloro), os outros postos climatológicos apenas fornecem indicações sobre temperatura do ar e pluviosidade, desconhecendo-se o que se passa quanto aos outros elementos definidores do clima (humidade do ar, velocidade do vento, duração solar, pressão atmosférica, nebulosidade, etc.). E é claro que dois elementos, apenas, é pouco para caracterizar satisfatòriamente um território influenciado por tantos factores, uns de ordem regional (situação próximo do Equador, subordinação a duas monsões, natureza montanhosa, localização num mar de águas quentes, existência de correntes ascencionais de ar, etc.), outros de ordem particular (altitude, vegetação, natureza do solo, orientação das montanhas, maior ou menor insularidade derivada da forma e da área do território, etc.).

Compreende-se assim que, à semelhança do que acontece com a maior parte das regiões situadas na faixa inter-tropical, não exista uma carta das zonas climáticas

([13]) A. Austin Miller — «Climatology», — D, Sc., London, 1950.

dé Timor e que o estudo dos climas da província não tenha podido, até agora, ser elaborado em bases seguras. O que se sabe permite-nos, no entanto, dar uma ideia aproximada das condições prevalecentes, pelo menos no referente aos elementos de que há observações registadas durante um razoável número de anos.

Características Gerais

A temperatura média anual do ar serviu de base a W. Koppen para estabelecer uma classificação climática na qual o clima de Timor, por apresentar sempre mais de 20 graus centígrados, é considerado tropical. O mesmo elemento climático aliado aos ventos periódicos permitiu a A. Miller englobar Timor na zona dos climas quentes (temperatura média anual superior a 21 graus centígrados), tipo equatorial, variedade monsão, à qual também pertencem Sumatra, Java, Borneu, Malásia e parte da Nova Guiné.

Não se julgue, porém, que o facto da temperatura média ser superior a 21 graus centígrados significa que o clima de Timor é exagerada e uniformemente quente. Veremos adiante que a altitude modifica por completo este elemento e que a simples indicação de que o clima de Timor é tropical ou equatorial bem pouco significa para o conjunto do território. Para mais, como se pode verificar no quadro seguinte, o clima de Timor é isotermico, isto é, para um mesmo lugar, as diferenças entre as temperaturas médias dos meses mais quente e mais frio são inferiores a 5° C. E para estes climas as classificações baseadas na temperatura (como as de Koppen, Thornthwaite e, em parte, Miller) não são apropriadas pois quaisquer calculos terão que depender da pluviosidade já que a temperatura não apresentá oscilações notáveis.

QUADRO DAS DIFERENÇAS ENTRE AS TEMPERATURAS MÉDIAS DOS MESES MAIS QUENTE E MAIS FRIO (GRAUS CENTÍGRADOS)

Estações	N.º de anos de observ.	Temperaturas médias dos meses mais		Diferença
		quente	frio	
Liquiçá	16	30,1 (Abril)	26,9 (Agosto)	3,2
Hatolia	21	25,1 (Nov.°)	23,1 (Julho)	2,0
Ainaro	20	23,0 (Nov.°)	19,9 (Julho)	3,1
Díli	26	28,8 (Dez.°)	25,8 (Agosto)	3,0
Manatuto	25	27,9 (Nov.°)	26,5 (Julho)	1,4
Barique	24	26,3 (Nov.°)	23,3 (Julho)	3,0
Viqueque	15	27,2 (Dez.°)	23,7 (Agosto)	3,5

Por esta razão, parece preferível (14) para estudar o clima de Timor, utilizar o método de Mohr (15) modificado por Schmidt e Ferguson (16). Este método baseia-se nos tipos de pluviosidade e considera sêcos os meses onde a precipitação total fôr inferior a 60 mm. (visto tal precipitação ser insuficiente para alimentar a evaporação), e humidos aqueles onde ela fôr igual ou superior a 100 mm. (pois neles haverá excedente de água sobre a evaporação). Os meses entre 60 e 100 mm. são de transição. Contando, ano por ano, o número de meses húmidos h e o de meses secos s, determinam-se as médias

(14) Veja-se o esplêndido relatório «Timor e a cultura do café» da autoria do eng. agrónomo Helder Lains e Silva, Lisboa, 1955.

(15) E. C. Jul. Mohr — «The soils of Equatorial Regions», Michigan, 1948.

(16) F. H. Schmidt e J. H. A. Ferguson — «Rainfall types based on wet and dry period ratios for Indonesia with western New Guinea», Djakarta, 1951.

cujo quociente h/s estabelece a distinção entre oito tipos climáticos designados pelas letras de A a H (17).

A aplicação deste método permite verificar a existência no nosso Timor de cinco tipos climáticos (de C a G), dominando os tipos C e D na costa sul e nas regiões centrais e os tipos E, F e G na costa norte. Como se vê do quadro seguinte (14), àqueles tipos corresponde a maior precipitação anual e o maior número de meses húmidos, o contrário se dando com os tipos E, F e G. Mas todos se caracterizam por uma estação seca bem definida, embora mais ou menos prolongada.

QUADRO DOS TIPOS DE CLIMA EM TIMOR

Estações	N.º de anos de observ.	Tipo de clima	Precipitação anual (mm.)
Fatu-Bessi	4	C	2136,3
Bobonaro	4	C	2143,5
Ermera	6	C	2484,0
Ainaro	10	C	2532,4
Same	18	C	2417,3
Soibada	4	C	2107,8
Baguia	7	C	2238,0
Iliomar	4	C	3047,8
Fohorem	3	D	1535,3
Lebos	3	D	2211,3
Boibau	5	D	1729,6

(17) Estes oito tipos são designados por letras. Ao A corresponde um quociente Q igual ou superior a 0,000 e inferior a 0,143. Os restantes valores são:

$$0{,}143 \leqslant Q < 0{,}333 \text{ — tipo B}$$
$$0{,}333 \leqslant Q < 0{,}600 \text{ — » C}$$
$$0{,}600 \leqslant Q < 1{,}000 \text{ — » D}$$
$$1{,}000 \leqslant Q < 1{,}670 \text{ — » E}$$
$$1{,}670 \leqslant Q < 3{,}000 \text{ — » F}$$
$$3{,}000 \leqslant Q < 7{,}000 \text{ — » G}$$
$$7{,}000 \leqslant Q \text{ — » H}$$

Estações	N.º de anos de observ.	Tipo de clima	Precipitação anual (mm.)
Hatolia	20	D	2403,2
Aileu	3	D	1822,7
Alas	4	D	2134,3
Fatu-Berlio	4	D	1703,5
Barique	5	D	1865,3
Lacluta	10	D	2009,0
Viqueque	16	D	1606,1
Venilale	5	D	1730,8
Ossú	13	D	1624,2
Uato-Lari	11	D	1586,9
Nitibé	10	E	1284,7
Balibó	11	E	1391,6
Ataúro	4	E	1362,0
Maubisse	3	E	1472,0
Atsabe	8	E	1814,8
Quelicai	5	E	1268,8
Fuiloro	4	E	1258,8
Oé-Cussi	4	F	911,8
Liquiçá	9	F	942,9
Dili	26	F	862,5
Vemasse	9	F	784,4
Baucau	3	F	909,4
Loré	5	F	967,7
Manatuto	24	G	547,0
Laivai	3	G	607,3
Laga	3	G	588,0

Ventos predominantes. Pressão. Nebulosidade

A situação geográfica de Timor — separando o Oceano Índico do Pacífico e a 240 milhas da Austrália — coloca a ilha ainda dentro da área das monsões quer asiática quer australiana. Nos meses de Novembro a Maio (com a maior acuidade em Janeiro e parte de Fe-

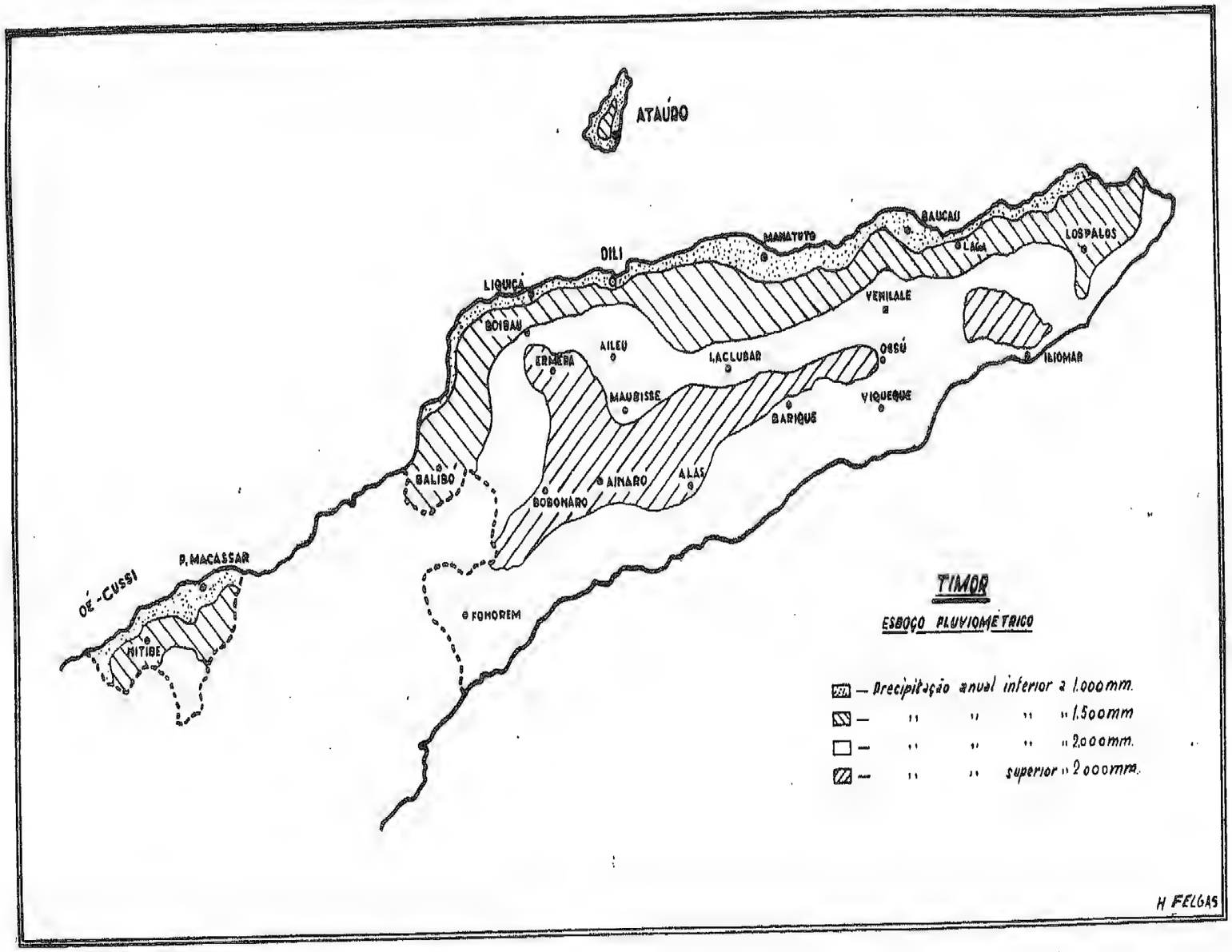
vereiro) sopra a monsão asiática, de noroeste para sudeste, arrastando chuvas que espalha por toda a ilha. De Junho a Outubro (fazendo-se sentir especialmente em Julho e parte de Agosto) sopra a monsão australiana do sudeste para noroeste.

Não se julgue porém que estes dois períodos são bem marcados ou que influenciam simultâneamente todas as ilhas da região. As monsões seguem o Sol e a do sudeste, por exemplo, faz-se sentir em Abril ao sul do Equador e só em Maio ao norte. Além disso é tão complexa a sucessão de terras e mares e tão variado o relevo, que as influências locais modificam profundamente a circulação dos ventos periódicos e, em certos locais, tornam-os irreconhecíveis. Esta uma das razões porque as monsões em Timor chegam a passar despercebidas, em especial na parte leste onde os alísios do Pacífico tendem a substituí-las.

As brisas marítimas e terrestres e os ventos das montanhas e vales fazem-se quase sempre sentir sobrepondo-se às monsões. E, no entanto, nada têm de fortes, característica esta que favorece a navegação e a agricultura. Só raramente e em especial nas ilhas ao norte do Equador se fazem sentir tufões.

O período da monsão asiática é acompanhado por baixas pressões atmosféricas. Em Janeiro e Fevereiro, Dili apresenta uma média de 756,88 mm. Mas em fins de Julho e em Agosto — quando a monsão australiana está no seu auge — a pressão sobe para 759 mm. A média anual dum período de 24 anos, deu para Dili 757,66 mm.

Os dados existentes permitem ter uma ideia sobre a nebulosidade média que é maior durante o período da monsão asiática e, em cada dia, após o meio dia. Os seus


ATAÚRO
DILI
MANATUTO
BAUCAU
LAGA
LOSPALOS
LIQUIÇA
VENILALE
BOIBAU
AILEU
LACLUBAR
OBSÚ
ILIOMAR
ERMERA
MAUBISSE
VIQUEQUE
BARIQUE
BALIBO
AINARO
ALAS
BOBONARO
P. MACASSAR
OÉ-CUSSI
FOHOREM
HITIBE
TIMOR
ESBOÇO PLUVIOMÉTRICO
— Precipitação anual inferior a 1.000mm.
— " " " " 1.500mm
— " " " " 2.000mm.
— " " superior " 2.000mm.
H FELGAS

valores médios anuais foram os seguintes em 1953, referidos a três observações diárias:

	8 h.	14 h.	20 h.
Baucau	6,3	7,6	5,1
F. Algarve ...	2,5	6,9	4,0
Fuiloro	4,8	5,3	4,4
Zumalai	3,9	6,1	5,7

Pluviosidade

Os vários factores gerais indicados atrás combinam-se para fazer da região a que pertence Timor uma das áreas de maior e mais uniforme pluviosidade do mundo. Mas os factores particulares inerentes à ilha fazem desequilibrar a uniformidade sem, no entanto, diminuir a quantidade. Eles criam, como vimos, tipos climáticos baseados na pluviosidade e aos quais correspondem áreas que podem ser diferenciadas com certa nitidez em relação à precipitação anual média.

Assim, e sem esquecer que as presentes considerações são susceptíveis de alteração pois assentam em observações muito curtas e por vezes descontínuas, ao tipo C corresponde uma área de precipitação anual superior a 2.100 mm., ao D uma entre 1.500 e 2.100 mm., ao E uma entre 1.000 e 1.500 mm. e ao F uma entre 700 e 1.000 mm. Ao tipo G corresponde uma área muito limitada onde a precipitação raramente passa dos 600 mm.

Estas cinco áreas podem ser englobadas em duas grandes regiões, relativamente bem diferenciadas: uma correndo ao longo da costa norte numa faixa que poucas vezes terá mais de 30 quilómetros de largura e onde a pluviosidade anual é fraca, variando entre 500 e

1.500 mm.; outra, abrangendo o resto do território, onde a pluviosidade anual poucas vezes é inferior a 1.500 mm. e não raro atinge os 3.000 (em Iliomar, em 1927, caíram 4.184 mm. de chuva). Os tipos climáticos E, F e G ficam, como já dissemos, incluidos na primeira região; os tipos C e D dominarão na segunda invadindo, no entanto, a primeira nas zonas da Ermera, Hatolia, Fatu-Bessi e na ponta leste.

Na costa norte as chuvas, trazidas pela monsão asiática, começam em Dezembro, atingem o seu máximo em fins de Março ou princípios de Abril e cessam por completo (ou quase) nos meses de Junho a Outubro.

Na costa sul e na região central o período sêco não é tão demorado. A monsão do noroeste espalha a chuva com abundância desde Dezembro a Maio que em geral ainda é um mês muito húmido. No entanto, Abril continua a deter o máximo de pluviosidade em muitas das áreas e é o mês com maior número de dias de chuva. De Junho a Agosto a monsão australiana traz alguma chuva, podendo dizer-se que só os meses de Setembro e Outubro são, normalmente, sêcos. Note-se que esta chuva não se compára em quantidade com a da monsão asiática e a maior parte fica retida nas altas montanhas da cordilheira central sem alcançar a costa norte. É de resto na região central que a humidade é maior, ali se registando constantes nevoeiros que cobrem os cimos das montanhas.

Assim, as monsões, a disposição das montanhas e a altitude têm marcada influência na distribuição das chuvas em Timor, tal como tem a vegetação. Não há, porém, qualquer regularidade registando-se de ano para ano diferenças enormes. Em Barique, por exemplo, em 1933 caíram 504,5 mm. de chuva quando a média de oito anos dá 2.195,5. Em Boibau, em 1930, a precipitação

total foi de 1.383 mm., enquanto em 1930 caíram 2.932 mm. de chuva. Sucede até que em anos seguidos os registos obtidos discordam por completo das médias até então verificadas o que leva alguns observadores a afirmar ter havido mudança no regime das chuvas. É natural que esta mudança se dê pois o clima está sempre evoluindo, sujeito como está a factores instáveis (a vegetação, por exemplo). Mas é arriscado fazer tal afirmação sem se conhecerem registos seguros e contínuos pois pode suceder que a falta de chuvas notada esteja compreendida no ciclo de variações que se não pôde completar ainda. É, talvez, o que acontece com as indicações referentes a Maubisse (e possivelmente a Bobonaro) que se incluem no quadro de pluviosidade inserido a seguir e que nos parecem estar muito abaixo da realidade. Maubisse aparece com uma média de 78 dias de chuva (menos que Dili) e não há dúvida que é uma das regiões onde chove mais e durante mais tempo, de toda a província. É natural que novos registos rectifiquem as médias indicadas.

No quadro seguinte reuniram-se alguns dados pluviométricos referentes a várias estações e colhidos durante um número de anos que vai indicado sob o nome do local. Como se verifica os maiores quantitativos correspondem a estações do interior ou da costa sul onde a época chuvosa se prolonga até Junho e onde são em maior número os dias de chuva em cada ano. Entre elas destacam-se Raimean, Hatolia, Barique e Alas, todas com mais de 2.000 c. c. No campo oposto, Manatuto, Liquiçá e Dili aparecem com as menores quantidades de chuva registadas.

QUADRO DA PLUVIOSIDADE EM TIMOR (M/M)

Meses	Ainaro 13	Barique 8	Hatolia 16	Liquiça 8	Manatuto 16	Viqueque 10	Alas 7	Raimean 8	Aileu 6	Maubisse 5	Bobonaro 5	Dili 24
Janeiro	347,2	276,8	432,1	112,9	74,0	228,2	259,1	345,2	228,8	191,1	259,8	129,5
Fevereiro	306,5	276,5	434,1	87,8	86,5	160,9	211,2	381,4	302,3	235,8	190,4	116,7
Março	398,1	254,3	440,3	76,7	97,2	225,6	190,0	369,8	181,3	165,4	281,3	137,7
Abril	228,9	255,0	192,9	48,4	60,1	190,7	293,5	311,5	174,6	265,9	86,1	107,0
Maio	170,4	197,3	54,1	136,9	37,3	265,0	223,8	321,4	48,3	167,4	133,5	82,4
Junho	101,5	229,3	37,3	52,5	11,2	139,5	240,0	390,3	65,3	32,7	50,8	25,2
Julho	36,8	48,2	12,6	14,2	4,6	69,5	130,2	164,2	5,3	11,5	26,7	12,0
Agosto	22,0	9,5	8,5	7,0	3,2	24,3	16,3	36,5	33,6	6,0	0,1	4,0
Setembro	37,6	3,3	23,0	10,1	7,7	10,9	17,2	20,5	44,1	13,2	8,1	6,6
Outubro	96,2	20,8	120,6	14,4	8,9	15,0	22,5	61,4	37,4	7,1	53,7	21,5
Novembro	19,1	109,7	282,7	59,2	24,2	58,2	110,0	186,4	251,6	74,9	146,6	49,1
Dezembro	45,8	114,8	394,2	19,8	103,1	27,7	300,5	336,1	298,2	237,4	244,8	139,5
Total	1810,1	2195,5	2432,4	639,9	518	1415,5	2019,3	2824,7	1670,8	1348,4	1483,9	831,2
N.º de dias de chuva	125	107	113	66	44	121	123	141	103	78	94	82

É ainda na costa sul e nas regiões montanhosas do interior que se registam também os maiores máximos de chuva em 24 horas. Sob este último aspecto e a título de curiosidade indicaremos que em dado ano, caíram num só dia em Ainaro 387 mm. de chuva, isto é, quase tanto como em Manatuto todo o ano. Médias diárias entre 100 e 140 mm. são, no entanto, vulgares.

A humidade relativa média só recentemente tem sido registada. Verifica-se, no entanto, que o seu valor é maior de Dezembro a Maio, ao contrário do que se dá com a evaporação. Para 1953 são os seguintes os valores médios registados para a humidade (0/0):

	8 h.	14 h.	20 h.
Baucau	75,9	70,6	87,6
F. Algarve	81,1	75,9	87,4
Fuiloro	80,9	74,2	92,2
Zumalai	72,2	71,2	87,6

Temperatura

Ao contrário da pluviosidade, a temperatura média anual do ar é em Timor muito regular. É mesmo uma característica especial a existência de temperaturas anuais uniformemente altas e extremamente constantes fazendo com que os nativos sejam muito sensíveis às mais ligeiras quedas de temperatura e com que os europeus percam a resistência ao frio.

Mas se, como vimos, para um mesmo lugar, as temperaturas médias são sempre as mesmas pouco variando de verão para inverno, já o mesmo se não pode dizer quando se trata de áreas diferentes, embora aproximadas. Um deslocamento de apenas meia hora em automóvel

permitir-nos-á passar do calor ao fresco ou vice-versa. É que a altitude exerce sobre a temperatura uma influência extraordinária. E dada a natureza montanhosa da ilha não admira que seja fácil deparar com diferenças tão acentuadas e tão rápidas. Quando em Díli, por exemplo, o termómetro marcar 30 graus, em Dare, na montanha a poucos minutos de caminho mas a algumas centenas de metros de altitude, ele não marcará mais de 25 ou 26.

Desta forma já não é possível considerar, quanto à temperatura, as mesmas zonas que considerámos quanto à pluviosidade. E podemos dizer que toda a zona litoral (do norte ou do sul) é bastante quente, diminuindo depois a temperatura à medida que a altitude aumenta. Toda a zona montanhosa é, assim, uma zona frêsca que convida à instalação do europeu.

Os meses mais quentes são os das grandes chuvas, desde Dezembro a Abril e isto em todo o território. Mas a variação é pequena entre o mês mais quente e o mês mais frio. Em Aileu, por exemplo, em dado ano, o mês mais quente foi Dezembro (média de 24,62 graus centígrados) e o mais frio foi Junho (média de 19,91). Em Uato-Udo, no mesmo ano, registou-se a média de 26,88 em Janeiro e a de 20,34 em Julho. O gráfico anexo dá uma ideia mais completa da pequena variação anual da temperatura média mensal, tendo-se em consideração o número de anos de observações indicadas no quadro da pluviosidade.

As mais altas temperaturas verificam-se em Timor junto ao litoral (Barique 36,5° C. em Janeiro de 1919; Uato-Udo 35,5° C. no mesmo mês e ano; Liquiçá 36,4° C. em Abril de 1919; Viqueque 38° C. em Dezembro de 1931) e as mais baixas correspondem, como dissemos, a regiões montanhosas do interior. Em Uato-Builico, a 2.200 metros de altitude, já se tem observado temperaturas de 2° C. que não são raras, segundo parece, no alto do Tata-Mai-Lau. Em Aileu registam-se durante os meses secos temperaturas mínimas da ordem dos 10-12° C., o mesmo sucedendo na Ermera, em Ainaro, em Maubisse, etc.. Mas as mínimas observadas em Díli, em Hatolia, em Lacluta, em Uato-Udo, raramente são inferiores a 16,5° C., não tendo sido registadas temperaturas mais baixas que 23° C. em Liquiçá e 19° C. em Manatuto, Alas e Barique.

As maiores variações entre máximas e mínimas, dentro do mesmo mês, correspondem, em geral, às regiões do interior onde as mínimas são mais baixas. Em Aileu, em Setembro de 1919 houve 18,2° C de diferença entre a máxima registada (28,7) e a mínima (10,5). A média das diferenças na Ermera é superior a 12° C e em Laclubar e em Ainaro a 14° C. Pelo contrário, nas áreas de maior calor, as variações são mais pequenas. Em Uato-Udo a sua média é inferior a 10° C., em Manatuto a 9, em Liquiçá a 8, em Alas a 7° C. Mas em Díli as diferenças regulam entre 11° e 12° C.

CLIMAT

RÉSUMÉ

A. Miller a insèré Timor dans la zône les climats chauds (c'est à dire qu'il y règne une moyenne de température annuelle supérieure à 21 degrés centigrades), climat du type équatorial, d'une variété de mousson à laquelle appartiennent également Java, Sumatra, Borneo, la Malaisie et une partie de la Nouvelle Guinée.

Le fait que la température moyenne de Timor soit supérieure à 21° C. ne signifie pas, pour autant, que le climat de l'île est exagèrément ou uniformément chaud. En cette matière l'altitude exerce une influence prépondérante et, étant donnée la nature montagneuse de l'île, il est fréquent d'éprouver des différences de températures, accentuées et brutales, entre deux endroits parfois fort rapprochés. Mais dans une même région prise en particulier, la température annuelle est extrêmement constante, s'éloignant rarement de plus de 3, 5° C de la température moyenne des mois, depuis le plus chaud jusqu'au plus froid.

D'une manière générale le littoral est assez chaud. Plus la terrain s'élève, plus la température baisse, et

l'on peut dire que toute la région montagneuse est une zône de fraîcheur propice à l'établissement de l'européen.

Les mois les plus chauds, selon la constante indiquée, sont ceux des grands pluies, depuis décembre jusqu'en avril. Mais durant cette période les moyennes de ces mois dépassent rarement les 30° C, même sur le littoral.

En ce qui concerne les vents, la situation géographique de Timor place cette île dans une région qui subit tour à tour l'influence des moussons asiatique et australienne. De décembre jusqu'en mai, la première souffle du nord-ouest au sud-est, apportant des pluies qui se répandent sur l'île entière. De juin à octobre souffle la mousson australienne, venant du sud-est vers le nord--ouest.

Durant la mousson asiatique la pression atmosphèrique est plus basse et la nébulosité, plus grande.

Les moussons, la disposition des montagnes et l'altitude des terres ont une influence marquée sur la distribution des pluies à Timor, qu'on peut imaginer comme étant divisé en deux grandes régions l'une d'elles s'étendant le long de la côte nord en une ceinture qui atteint rarement plus de 30 Kilomètres de large et où la densitée de pluies est faible, variant entre 500 et 1.500 mm. L'autre région comprend le reste du territoire, la densité pluviale y est raremente inférieure à 3.000 mm; ou parfois mieux encore, comme dans l'Iliomar où, en 1927, il est tombé 4184 mm d'eau.

Sur la côte nord les pluies apportées par la mousson asiatique commencent en décembre, atteignent leur point culminant en fin mars, et cessent complètement, ou presque, durant les mois de juin à octobre.

Sur la côte sud et dans la région centrale la saison sèche est plus courte. La mousson du nord-ouest y souffle une pluie abondante depuis décembre jusqu'en

mai. Du mois de juin au mois d'août, la mousson australienne revient apportant encore de la pluie; on peut dire que seuls, septembre et octobre, sont normalement secs.

CLIMATE.

SUMMARY

A. Miller defined Timor as part of the hot climate region (average yearly temperature above 21° C), equatorial type, monsoon variety, which also includes Sumatra, Java, Borneo, Malaya and part of New Guinea.

The fact that the average temperature should be above 21° C, does not however mean that the climate in Timor is extremely or unevenly hot. The altitude has a considerable influence in the matter and in view of the mountainous nature of the island, one often comes across marked and rapid changes in nearby areas. But the yearly temperature for any given place is extremely constant, and it is rare indeed if one finds a variation of more than 3.5° C between the averages of the hottest and coldest months.

The coastal zone is generally very hot. As one goes up, there is generally a drop in temperature and one might almost say that the whole of the mountain region is a fresh climate which is suitable for Europeans to settle.

Basing ourselves on this constancy, the hottest months of the year are those with the heaviest rainfall between December and April. Even so the average during these months rarely goes beyond 30° C, even near the coast.

In as much as concerns the winds, Timor's geographical position puts the island in the area of both the Asiatic and the Australian Monsoons. The wind which blows from the North West to the South East between November and May brings rain which falls all over the island. Between June and October the Australian Monsoon blows from the South East to the North West.

The atmospheric pressure during the Asiatic Monsoon is very much lower and the nebulosity is very much higher.

The Monsoons, the lie of the mountains and the altitude have a considerable influence on the distribution of the rainfall in Timor which could be divided up into two regions: One would run along the North coast on a strip which rarely exceeds 30 kilometers in width with a relatively low rainfall that varies between 500 and 1,500 mm. The other covers the whole of the rest of the territory where the rainfall is rarely less than 1,500 mm and often goes up as high as 3,000 mm or more (4,184 mm of rain fell in Iliomar in 1927).

Along the North coast, the rain brought by the Asiatic Monsoon begins in December and reaches its maximum towards the end of March. It drops off completely or almost completely between June and October.

The dry period is very much shorter on the South Coast and in the central region. The North West Monsoon carries a good deal of rain between December and May. Between June and August, the Australian Monsoon again brings rain and one could thus say that only September and October are dry.

SOLOS

Não tendo sido ainda possível realizar estudos pedológicos em Timor, tudo quanto se sabe resulta de meras previsões baseadas no esboço geológico da Allied Mining Corporation (18), na flora, no clima e nas descrições de alguns autores. Foi com estes elementos que o engenheiro agrónomo Helder Lains e Silva estabeleceu as linhas gerais definidoras dos tipos pedológicos existentes em Timor (19). O seu interessante e julgamos que inédito trabalho, servirá de base às considerações que se seguem já que de pouco poderão valer as nossas observações pessoais de leigo na matéria.

Partindo do princípio que há solos idênticos, sob o ponto de vista agrícola, provenientes de formações geológicas diferentes, Lains e Silva agrupa os solos de Timor da seguinte forma:

1) — Solos derivados dos xistos metamórficos;
2) — Solos derivados das formações sedimentares;

---

(18) Allied Mining Corporation For Asia Investment Company, Ld. — «Exploration of Portuguese Timor». Indias Orientais Holandesas, 1937.

(19) Helder Lains e Silva — «Timor e a cultura do café», Lisboa, 1955.

3) — Solos derivados das rochas ígneas e vulcânicas.

Solos derivados dos xistos metamórficos

Estes solos caracterizam-se por uma textura arenosa, franca, franco-argilosa ou argilosa consoante a percentagem de areia e de argila que contenham. São ricos em sexquióxido de ferro, derivado da hornblenda que faz o solo mais leve e mais solto. A côr é muitas vezes vermelha (ou rosada quando falta o ferro). A erosão laminar é fácil, sobretudo nas terras muito inclinadas, por causa da impermeabilidade das rochas.

Devido à impermeabilidade, encontram-se por vezes facilitadas as condições para uma meteorização das rochas com ausência de ar, sendo por isso frequentes as áreas de solo agricolamente mau. Mas os solos desta categoria, meteorizados sob os tipos climáticos C e D em zonas térmicas definidas por altitudes superiores a 200 metros, são favoráveis à cultura do café. E é isto que se verifica em Timor.

A análise de algumas amostras de terras xistosas colhidas em Macau-Lala, a 1.400 metros de altitude e em Lau-Mata, suco Aituto, próximo de Maubisse, revelou a existência de elevada percentagem de matéria orgânica, em especial na primeira região constituída por terras humíferas com grande proporção de argila e sílica. A acidificação das terras de Lau-Mata (menos ricas em matéria orgânica e argila) pode ter resultado de mineralização da matéria orgânica, destruída pelas culturas nativas. Pode aceitar-se que os solos de Macau-Lala são ricos em azoto e potássio e normais em ácido fosforico e que os de Lau-Mata têm reservas normais de azoto e talvez de ácido fosforico e são ricas em potássio. Ambos

os tipos são pobres em cal e a sua origem xistosa deve garantir-lhes riqueza em magnésio e talvez em ferro.

Solos derivados das formações sedimentares

Estes solos ocupam a maior parte de Timor. Os derivados exclusivamente de calcáreos e de margas não têm utilidade para a agricultura sendo pobres os provenientes apenas de grés meteorizados na presença do ar (os quais dão solos arenosos, amarelos ou castanho-amarelados). Em Timor, porém, encontram-se solos com boas aptidões agrícolas, derivados da combinação dos solos das três origens. Aqueles solos são comuns em toda a costa sul onde abundam os nateiros castanhos, por vezes pretos, e as terras limosas castanhas (como entre Betano e Alas). Pode dizer-se que quase toda a costa sul — com excepção de uma faixa litoral de cerca de 2 quilómetros de largura, de formação marítima recente e imprópria para a agricultura — é muito fértil, dispondo de solos pretos e profundos, bem drenados, em geral. Os da região a sudeste de Alas, são limosos nas encostas suaves. Os das planícies entre a Lacló e a Cler nunca chegam a estar completamente sêcos. Fertilíssimos são ainda os solos a sul de Barique e entre Barique e Luca onde, nas planícies de Cacassa e Lebo, as terras são uniformes e pretas, limosas e bem drenadas.

Ao sul de Viqueque as terras são ricas e argilosas e na planície entre Viqueque e a ponta de Bé-Aço existem solos aluvionais cheios de húmus, limosos, ricos, castanhos ou prêtos. Mais para leste a fertilidade desce um pouco (como no sopé da montanha de Boicau) mas, mais para o interior, deparam-se extensos montes com solos castanhos ricos, alternando com outros de solos calcáreos que predominam em grande parte da zona oriental

da ilha (no planalto de Fuiloro, por exemplo). Em Ossú, a terra cinzenta e gredosa é muito argilosa (70 a 80 % de argila e sílica), com razoável dose de matéria orgânica, rica em potássio e pobre em cal.

Solos derivados das rochas ígneas e vulcânicas

Só os derivados das formações ígneas metamorfisadas têm interesse agrícola pois os provenientes de rochas plutonicas ocupam área mínima e os de rochas vulcânicas (existentes entre Báguia e Luro) estão cobertos de floresta primária.

Os solos provenientes das diabases de Manufai (que são as mais importantes rochas ígneas de Timor), ocupam larga mancha a sudeste da zona dos xistos. São amarelo-acastanhados, razoàvelmente férteis. Têm baixa percentagem de sílica, são pobres em potássio e ricos em ferro, magnésio, calcio, manganês, titânio e fosforo.

As outras rochas ígneas básicas dão solos do mesmo tipo mas os dos basaltos são muito argilosos, férteis, ricos em ferro e difíceis de trabalhar enquanto os dos serpentinitos são ricos em magnésio.

SOLS

RÉSUMÉ

La plus grande partie de Timor se compose de sols dérivés de formations sédimentaires. La côte sud est abondamment pourvue d'un limon brun, parfois noir, et ces terres brunes et limoneuses sont une garantie d'excellente fécondité. Mais à l'est, la quantité de calcaires contenue dans le sol en diminue la fertilité.

Le café trouve à Timor les meilleures conditions propres à son développement dans des sols dérivés de schistes métamorphiques, qui abondent dans les zônes montagneuses de l'ouest. Les sols provenant de formations ignées métamorphosées, d'un grand intérêt agricole, occupent une large superficie au sud-est de la région des schistes. Et la petize zône des sols volcaniques (entre Bàguia et Luro) est couverte de forêt primaire.

SOILS

SUMMARY

The greater part of Timor is taken up with soils derived from sedimentary formations. There is a good deal of brown and at times black mud along the south coast, and the brown muddy earth is very fertile. Further East the amount of limestone makes the land less fertile.

There are excellent conditions for coffee in Timor on account of the soils derived from the metamorphic chysts which are plentiful in the mountainous regions to the West. The soils derived from metamorphised igneous formations which are good for farming, cover a large area to the South East of the chystic regions. Primary forests cover the small area of volcanic soils between Bàguia and Luro.

CURSOS DE ÁGUA, FORMAÇÕES LACUSTRES E ÁGUAS ESTAGNADAS

É usual dizer-se que os cursos de água em Timor não têm qualquer importância. E, de facto, nascendo todos na cordilheira central e correndo logo a lançar-se ou na costa norte ou no mar de Timor [«Táci-Mané», em tétum ([20])], não podem apresentar cursos extensos dada a pequena largura da ilha. Por outro lado, a existência da cordilheira central, debruçando-se quase até ao mar na costa norte determina traçados de leitos com acentuada inclinação não sendo suficiente a relativa largueza da faixa litoral da costa sul para retirar às ribeiras timorenses aquele carácter de juventude e de impetuosidade que distingue os cursos de água das pequenas ilhas e os transforma em activíssimos agentes da erosão.

([20]) «Táci», mar e «Mané», homem. Esta é a designação dada pelos timorenses ao mar da costa sul, cujas águas, açoitadas pelos ventos que vêm da Austrália, são mexidas e perigosas. Foi nesta costa que durante a ocupação japonesa se efectuaram os embarques dos comandos australianos e dos portugueses que com eles seguiram para a Austrália. Próximo de Bétano ainda hoje se vêm os restos de um contra-torpedeiro encalhado.

Em oposição a este mar forte, o da costa norte, mais calmo, é chamado «Táci-Fétó» (mar-mulher).

O regime das chuvas, em especial na costa norte onde a estação seca se prolonga de Maio a Novembro, contribui também para que as ribeiras da ilha não possuam qualquer característica de estabilidade, constituindo torrentes destruidoras após as grandes chuvas mas diminuindo de volume logo a seguir ou acabando mesmo por desaparecer durante a época seca.

Apesar da sua pequena extensão as ribeiras de Timor apresentam aspectos bem distintos desde a nascente à foz. Na montanha, o pequeno riacho saltita, ténue e límpido, de rocha em rocha, formando aqui e além pequenas poças onde pululam as sanguessugas. Pouco depois o leito começa a desenhar-se correndo entre renques de casuarinas.

Ao atingir a planície a ribeira de Timor chega a ter mais de cem metros de largura de leito. Na época das chuvas este leito enche-se de águas revoltas que tudo destroem à passagem. É tal a inclinação das ribeiras que quase se pode ver «chegar a água» após uma chuvada. Um automóvel que pare a meio com água pelo estribo será coberto pela torrente em poucos minutos e, possìvelmente, arrastado para o mar. Mas assim como sobem também as águas descem. Umas horas depois já a ribeira volta a ser vadeável com a ajuda de cordas. As águas começam correndo pelos braços de leito mais fundos, deixando aqui e além pequenas ilhas de capim molhado. Quando, mais tarde, a época das chuvas termina, a ribeira, se existe, é apenas um fio de água que corre perdido num leito enorme coberto de destroços e que todos os anos se alarga.

Por todos estes motivos, não há dúvida que, como cursos de água, as ribeiras de Timor são desprezíveis. Nenhuma é navegável e todas elas são vadeáveis, mesmo junto à foz, embora com maior ou menor perigo, dada

a velocidade da corrente e os destroços que transporta ([21]).

A verdade, porém, é que as ribeiras de Timor representam um papel importantíssimo na economia da província. Sem poderem ser utilizadas como vias de penetração para o interior, a elas se deve a deficiência das estradas e a inexistência de obras de arte que não resistem à fúria das torrentes. São elas que durante meses impedem as comunicações entre as férteis planícies da costa sul e os centros consumidores do resto da província.

Para este aspecto prejudicial das ribeiras de Timor muito contribui a nudez da maior parte das montanhas cujas encostas se torna necessário cobrir com uma espessa e emaranhada camada vegetal que retenha as águas das chuvas e as obrigue a penetrar no solo, impedindo-as de se transformarem em destruidoras torrentes. Trataremos mais tarde o problema do repovoamento florestal.

1) — *Principais ribeiras*

Como dissemos, muitas das ribeiras de Timor só correm durante a época das chuvas. Outras, porém, quase todas nascidas no maciço do Ramelau, duram todo o ano e mesmo na época seca a sua corrente é rápida, devido à inclinação do leito. É o que sucede com algumas das ribeiras da costa sul, sujeita a duas épocas de chuvas e com as da costa norte que nascem ou recebem afluentes vindos da vertente sul (Lóis e Lacló).

O estudo das numerosas ribeiras de Timor está quase

([21]) Pedras, troncos e árvores inteiras são arrastados pelas ribeiras durante a época das chuvas. E com êles vêm também, não raro, crocodilos que ficam vivendo no mar, junto às praias, esperando que a força da corrente diminua e lhes permita voltar a subir o curso.

completamente por fazer. De algumas, quer a nascente quer parte do percurso, constituem ainda hoje motivo de controvérsia. Para tal deficiência contribui a variedade dos dialectos que facilita a existência de designações diferentes para o mesmo curso de água, consoante a região por ele atravessada. Por estas razões, quer a presente descrição quer o esboço que a acompanha, não podem ser tomados como completamente correctos. Foram, no entanto, elaborados com um cuidado que permite assegurar razoável aproximação.

A principal bacia hidrográfica do nosso Timor é a da ribeira de Lóis que desagua a 20 quilómetros a sudoeste de Maubara. Esta ribeira resulta da reunião de três outras: a Bé-Bai que nasce em território indonésio, a Marôbo nascida próximo de Bobonaro e a Lau-Ili que nasce entre a Ermera e Aileu, ao norte de Léte-Foho.

A Bé-Bai passa a fronteira em Fialara e junta-se à Marôbo no sopé da vertente leste da montanha de Atabai, já depois de ter recebido de passagem as torrentes que descem de Núnu-Núrac, Sanir e Atabai, na margem esquerda, e as que vêm de Memo, Bobonaro e Cailaco, na margem direita ([22]).

A Marôbo recebe na margem esquerda pequenas ribeiras vindas da região de Cailaco e na direita várias outras descendo das vertentes do Ramelau através dos antigos reinos de Marôbo, Atsabe, Laimean, Léte-Foho e Hatolia, das quais as mais importantes são a Bátu-Bânir, a Gara-Rai, a Sai-Berau e a Bátu-Tutu, todas correndo em vales profundos e apertados.

A Lau-Ili, também chamada Gleno no seu percurso até à Ermera (que rodeia pelo norte), junta-se à Marôbo-Bé-Bai na grande planície de Saré, em Gou-Ribu-Rábu, a noroeste de Atabai, recebendo algumas pequenas ribeiras das vertentes interiores de Fatu-Masse, Boibau e Maubara na margem direita e das de Mahubo e Deribate na esquerda.

A ribeira Lacló Norte, que nasce na vertente do Tata-Mai-Lau, entre Léte-Foho e Maubisse e desagua a oeste de Manatuto através de enormes arrozais, é a mais extensa de Timor (cerca de 80 quilómetros). Recolhe águas vindas de Aileu (pela ribeira de Sárin), do Remexio e de Hili-Manu, na margem esquerda, e de Maubisse e Laclubar (pela ribeira de Sumasse entre outras), na margem direita. Recebe vários nomes durante o percurso (ao passar entre Maubisse e Aileu, por exemplo, chama-se Dai-Sol) e corre junto da aldeia indígena de Lacló.

Na costa sul as ribeiras permanentes são: a Tafára, a Bé-Lulic, a Carau-Úlun, a Sui, a Lacló Sul e a Clér.

A Tafára nasce próximo de Fatu-Lulic e o seu curso inferior divide-se em três braços que formam uma espécie de delta entre o Suai a fronteira. Recebe vários ribeiros, em especial na margem direita, vindos das montanhas Fóho-Messac e Fóho-Lafaic.

A Bé-Lulic vem do Tata-Mai-Lau, rodeando o Cablac por oeste e passando próximo de Uato-Udo. Os seus principais afluentes vêm também do Ramelau, envolvendo Ainaro. É esta ribeira que, correndo em vale profundo e estreito, separa o Tata-Mai-Lau do Cablac.

A Carau-Úlun nasce próximo de Maubisse e é uma das mais perigosas de Timor pela velocidade da corrente, a qual arrasta grandes pedras que se entrechocam produzindo um ruído audível a grande distância. É mesmo a sua impetuosidade que lhe deu o nome («carau», búfalo, «úlun», cabeça). Esta ribeira junta-se à Sui próximo de

([22]) Descrição baseada no livro do capitão José Simões Martinho, «Timor, quatro séculos de colonização portuguesa».

Same. Após a junção a Carau-Úlun perde o nome para tomar o da Sui. No entanto, muitos nativos dizem que é a Sui que perde o nome, chamando portanto Carau-Úlun à ribeira que vai desaguar a 5 quilómetros a oeste de Bétano.

A Sui nasce em Turiscai e recebe na margem direita vários afluentes, alguns vindos do Cablac. Passa a leste de Same e desagua a cerca de 5 quilómetros a oeste de Bétano.

A Lacló Sul vem de Turiscai e o seu principal afluente (na direita) envolve Alas. A Cler nasce próximo e corre quase paralelamente. Ambas desaguam a leste de Bétano entre 15 a 20 quilómetros.

Além destas ribeiras permanentes existem outras em geral com carácter temporário.

Na costa norte, as mais importantes, de oeste para leste, são: a Comoro que nasce no Monte Seloi, tem como principal afluente a ribeira de Railaco e desagua cerca de 5 quilómetros a ocidente de Díli; a Vemore que vem do Remexio e limita Díli a leste; a ribeira de Laleia que vem de Cribas, recebendo águas desde Lacluta e Mundo Perdido e desaguando ao norte da povoação de Laleia; a Seissal, entre Baucau e Laga, que nasce na vertente norte do Mundo Perdido e recebe águas do maciço de Maté-Bian à direita e do planalto de Baucau à esquerda; a Laivai, a leste de Laga; a Malai-Lada que desagua a oeste de Lautem, etc.

Na costa sul desaguam inúmeras ribeiras de menor importância, em especial na região que recebe as águas da cordilheira central. Entre elas citaremos: a ribeira Sahe que vem de Laclubar, rodeia a Soibada e passa a leste de Fatu-Berlio; a Dilor que nasce entre Laclubar e Lacluta, atravessa a região petrolífera de Pualaca e passa próximo de Barique; a Cúac que vem do Laritame

e de Ossú e atravessa Viqueque; a Bé-Ve que desagua próximo de Aliambata e passa junto de Uato-Lari; a Irabere que desce do maciço de Bau-Bule e cujos trabalhos de captação de águas permitem já a irrigação de grandes várzeas na região de Uato-Carbau; a Lio-Ulo que corre junto a Iliomar; a Chino que vem do planalto de Fuiloro e chega ao mar junto de Loré, etc.

No enclave de Oé-Cussi a principal ribeira é a Nuno-Eno que desagua a oeste de Pante Macassar.

2) — *Lagoas, pântanos e quedas de água*

Em Timor não há pròpriamente lagos, embora a extensão da lagoa de Surobec, na ponta leste da ilha (6,5 quilómetros de comprimento por 3 de largura) permita conferir-lhe certa importância.

Além desta há ainda a lagoa de Maubara e a de Tíbar a oeste de Dili.

A foz de algumas das ribeiras da costa sul fecha-se na época da monsão do índico, devido à acumulação de enorme volume de areia que as marés vivas aí depositam. A água da ribeira, sem poder escoar-se, alastra e forma uma espécie de lagoa ou de pântano («coilão», em linguagem luso-timorense)de maior ou menor profundidade. Dentro deste pântano os peixes trazidos pela água do mar antes do assoreamento e os crocodilos vindos da ribeira, continuam a desenvolver-se e a proliferar, saindo mais tarde para o mar quando os indígenas resolvem abrir o coilão ([23]).

([23]) Esta abertura do coilão é acompanhada por um «estilo». A partir do lado do mar cava-se um pequeno canal com pouco mais de um metro de largura. Pouco antes do sol nascer, estabelece-se a ligação entre a lagoa e o mar e logo as águas começam saíndo em grande velocidade, tornando o canal cada vez mais

Quanto a pântanos pròpriamente ditos, as zonas litorais de ambas as costas são propícias à sua existência. A própria cidade de Dili se encontrava por eles rodeada.

O acidentado do terreno em Timor favorece a existência de inúmeras cascatas durante a época das chuvas. Na estação seca, porém, todas elas desaparecem. Possìvelmente como resultado de falhas tectónicas existem, no entanto, duas ou três de carácter permanente, sendo a mais importante e imponente a queda de água Bandeira na estrada Ermera-Bobonaro.

---

largo. Por ele saem para o mar peixes e crocodilos. Algumas horas depois a água do pântano baixou e os indígenas penetram nele apanhando à mão peixes, camarões, cobras e por vezes, pequenos crocodilos que ficam retidos nas poças formadas. A pesca é acompanhada de canticos e gritaria que perdura até à noite, altura em que a abertura já tem mais de sessenta metros de largura.

Tivemos ocasião de assistir a um destes pitorescos espectáculos na lagoa de Bicun-Tidi, a oeste de Betano.

COURS D'EAU, FORMATIONS LACUSTRES ET EAUX STAGNANTES

RÉSUMÉ

Comme dans toutes les îles de petite superficie et de haut relief, les rivières de Timor sont en grande majorité des torrents qui se précipitent désordonnément des montagnes durant l'époque des pluies, mais qui disparaissent complétement pendant la saison sèche.

L'orientation de la cordillère centrale, où naissent la plupart des rivières, fait que la majorité de celles-ci coulent vers le nord ou vers le sud, dans des lits abruptes qui s'élargissent énormément en rejoignant leurs embouchures. Ces cours d'eau ne sont pas navigables, même à proximité de l'endroit où ils se jettent dans la mer.

Le principal bassin hydrographique est celui de la Lois, rivière formée par confluence de la Bé-Bai, de la Marôbo et de la Lau-Ili, qui va se jeter dans la mer à 20 kms. au sud ouest de Maubara. Mais la rivière la plus étendu est la Lacló Norte (atteignant près de 80 kms) qui a son embouchure à Manatuto.

Ces deux rivières de la côte nord sont d'un cours permanent. Sur la côte sud, la Tafàra, la Bé-Lulic, la

Carau-Úlun, la Sui, la Lacló Sul et la Cler sont également alimentées d'eau pendant toute l'année.

Outre la lagune de Surobec, la plus grande du territoire, située à la pointe est de l'île, il existe à Timor celles de Maubara et de Tibar, les deux sans importance. Sur la côte sud l'embouchure de certaines rivières est obstruée pendant la mousson australienne par l'accumulation de grosses masses de sable déposées par les grandes marées. L'eau des rivières, ne pouvant s'écouler, demeure sur place et forme une sorte de lagune ou de marécage temporaire. Autrement dit, les zônes littorales des deux côtes sont propices à la formation de marais qui se constituent après les grandes pluies.

La nature montagneuse de l'île favorise l'existence de chutes d'eau, dont la plus connue est celle de Bandeira.

RIVERS, MARSHES AND STAGNANT WATER.

SUMMARY

As is the case in all small islands which have mountainous relief, the rivers in Timor are for the most part torrents which rush down from the mountains in a disorderly fashion during the rainy season but disappear almost completely during the dry season.

The lie of the central chain (which contains the sources of almost all the rivers) causes the majority of river beds to run to the North and to the South, along very steep courses which become very wide at the estuary. They are not navigable even at the estuary.

The principal hydrographic basin is that of Lóis, a river formed by the junction of the Bé-Bai, the Mârobo and the Lau-Ili. The Lóis runs out to the sea some 20 kms South West of Maubara. But the Northern Lacló is longer (some 80 kms) and runs out at Manatuto. Both these rivers on the North Coast always have water. To the South, the Tafára, the Bé-Lulic, the Carau-Úlun, the Sui, the Southern Lacló and the Cler also have water all the year round.

Apart from Lake Surobec to the East of the island, this being the largest, Timor also has Maubara and Tibar, neither of which are of any importance. The

estuaries of certain rivers along the south coast close up at the time of the Australian Monsoon in view of the accumulation of the vast amount of sand which the rough seas cast up. Unable to run to sea, the water from the river overuns its banks and forms a sort of temporary lake or pool. The seaboards of both coasts are in any case suitable for the existance of swamps formed following the heavy rains.

The mountainous nature of the Island favours the existance of water falls of which the best known is the Bandeira.

II

FLORA E FAUNA

VEGETAÇÃO. SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Também sob o ponto de vista botânico Timor se revela como região de extraordinário interesse. As suas espécies vegetais espontâneas despertam a curiosidade científica dos especialistas e constituem justo motivo de admiração artística pelos cenários maravilhosos que compõem ou constituem. Por seu lado os economistas pressentem as enormes possibilidades de Timor como produtor e fornecedor de matérias-primas ou de alimentos de origem vegetal.

Não admira por isso que, desde o princípio do século XIX, naturalistas ilustres ou simples viajantes tenham pisado o solo de Timor, aí colhendo exemplares raros de plantas que foram depois enriquecer os Herbários e os Museus de quase todo o mundo. Entre outros citam-se (24) Gaudichaud (1818), o primeiro botânico que aportou a Dili, Alfred Wallace (1857-59-61) a quem se devem os trabalhos preliminares em que assentam as modernas hipóteses sobre a distribuição das plantas no arquipélago malaio, Henry O. Forbes (1882-83) que contribuiu poderosamente para o conhecimento da flora

(24) Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes — «Explorações Botânicas em Timor», edição da Junta de Investigações Coloniais, Lisboa, 1950.

do Timor Português, José Gomes da Silva (1887) o primeiro português que colheu e identificou plantas timorenses, Alberto Osório de Castro (1908-10) que das espécies botânicas da ilha deu uma ideia simultâneamente exacta, poética, científica e literária, os botânicos E. Meijer Drees (1947) e C. G. van Steenis (1954) e, finalmente, o engenheiro-agrónomo Ruy Cinatti que é actualmente o chefe da Repartição Técnica de Agricultura e Veterinária.

Esta lista de nomes ilustres é segura garantia de que o estudo botânico de Timor tem sido levado a efeito sob moldes científicos. Mas não significa que esteja completo. Estadias curtas, duplicações de cargos e outras contrariedades têm impedido uma progressão que só agora parece estar sendo levada a cabo graças ao esforço do último dos cientistas citados.

1) — FORMAÇÕES FLORESTAIS

Apesar de Timor ser uma ilha onde a vegetação abunda, não se pode dizer que as formações florestais sejam de grande importância. Elas estão longe de apresentar o aspecto luxuriante que é característico da Sumatra, de Java, de Bali ou da Nova Guiné.

Admite-se que tal facto possa ser atribuído, em parte, à acção humana que através dos séculos tem seguido derrubando e queimando. Mas esta acção é comum às outras ilhas parecendo, portanto, que é à constituição geológica de Timor (rochas sedimentares consentindo menor desenvolvimento vegetal) e às suas especiais condições climáticas que se pode ir procurar a causa primordial da relativa pobreza florestal primária da província. De resto, certas condições topográficas, microclimáticas e edáficas contribuem para que as formações vegetais

primárias de Timor apresentem um carácter misto onde a floresta secundária tem também o seu papel. Este último tipo é, aliás, o de maior representação em Timor onde ocupa uma área que Ruy Cinatti calcula superior a 18 milhões de hectares. O restante que falta para completar a superfície total daquela nossa província é coberto por mangal (cerca de 7.400 ha.), por floresta primária mista (mais de 214.000 ha.), por savanas e pastagens (264.625 ha.), etc.

1 — *Floresta primária*

A floresta onde a vegetação inicial se manteve através dos tempos está representada em Timor pelos seguintes cinco tipos essenciais indicados a partir do mar: mangal, floresta do litoral, floresta das zonas baixas, floresta das zonas médias e floresta da montanha (25).

O mangal e a floresta do litoral são tipos definidos e de aspecto uniforme em toda a Indonésia. Vários factores (proximidade de cursos de água, toalhas líquidos superficiais, etc.), contribuem para que os outros tipos se apresentem mesclados, alguns deles ocupando espaços que, em relação à altitude, não deviam constituir o «habitat» respectivo.

O mangal

Característico do litoral marítimo, o mangal é uma formação vegetal que emerge das próprias águas salgadas ou salobras. Quase todas as suas espécies pertencem a famílias sem relações aproximadas. Mas em

(25) Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes — «Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor Português», edição da Junta de Investigações Coloniais, Lisboa, 1950.

todas elas são semelhantes os caracteres de adaptação ao meio ecológico: folhas inteiras, coriáceas e glabras; raízes providas de pneumatóforos; troncos escorados; frutos adaptados à disseminação pelas correntes marítimas; sementes com possibilidades de germinar fora do ambiente próprio (*Rhizophora, Bruguiera*).

O mangal necessita de águas calmas e por isso aparece mais nas enseadas, baías e outros recortes da costa.

As espécies componentes do mangal distribuem-se regularmente em linhas paralelas ao litoral ou às margens das ribeiras atingidas pelas marés. A partir do mar as variações são as seguintes (25):

Águas salgadas:

Terrenos submersos permanente ou temporàriamente:

a) Sedimento arenoso: *Sonneratia alba, Bruguiera* sp.
b) Lodo: *Rhizophora conjugata, Bruguiera* sp.
c) Sedimento coralígeno: *Excoecaria Agallocha, Bruguiera* sp.

Águas salgadas estagnadas:

Terrenos inundados temporàriamente:

a) Lodo: *Rhizophora conjugata, Avicennia marina.*
b) Terras negras argilosas mais ou menos encharcadas: *Avicennia marina, Aegiceras corniculatum, Acanthus ilicifolius, Lumnitzera racemosa.*

Terrenos raramente inundados:

a) Terras negras argilosas: *Heritiera littoralis, Acanthus ilicifolius.*

Águas salobras:

Terrenos inundados na época das chuvas ou marginando ribeiras:

a) Terras negras argilosas com mais ou menos lodo: *Avicennia marina, Dolichandrone spathacea, Achrosticum aureum, Melaleuca Leucadendron, Xylocarpus Granatum, Corypha utan, Pandanus odoratissimus, Cycas circinalis.*

Ruy Cinatti faz desta formação florestal a seguinte descrição fisionómica:

«.....é um maciço de verdura intensa que contrasta singularmente com o azul do mar e com o verde-doirado das arribas litorais da costa norte. Interiormente, porém, o ambiente é surdo, sombrio, como de sepulcro. As árvores erguem-se a 20 ou 30 m. *(Rhizophora conjugata)*, sendo suportadas na base por um inextrincável rodapé de prolongamentos radiculares grossíssimos, que se inserem no tronco a diversas alturas. A ausência de outras espécies além das mencionadas torna monótona a paisagem, embora o atractivo de um horizonte cerrado e de difícil penetração seja um estímulo consecutivo e incessante. A quietude do ambiente desenvolve ainda mais o sentido da formação natural. Na vasa azulada ouvem-se ruídos estranhos: as bolhas de ar que, con-

tìnuamente, afloram à superfície dão a impressão de que as árvores estão comendo terra. Abundam os crustáceos colados às raízes aéreas, assim como os mosquitos, mas não se nota a presença de um pássaro. Nos terrenos arenosos, principalmente, e nos povoamentos mais chegados à costa, surgem raízes providas de pneumatóforos *(Sonneratia alba)* semelhantes a pregos atravessados em pranchas. Os povoamentos de *Avicennia marina*, por sua vez, ladeiam vastas extensões de solo salitrado que, vistas de longe, parecem campos de neve. A floresta primária do mangal é, sobretudo, uma ilusão para o botânico que chega pela primeira vez aos trópicos. Para o industrial, porém, é uma fonte de riqueza. A madeira das árvores é de óptima qualidade, e da casca extraem-se substâncias taninosas de alto valor».

A floresta do litoral

As espécies florestais do litoral do sueste asiático e das ilhas do Pacífico, constituem por sua natureza e modo de agrupamento, um tipo definido de vegetação que não se complica como a das zonas do interior nem adquire a densidade característica de certos vales e margens de cursos de água.

Este tipo de vegetação dispõe-se em estreita faixa próximo do mar e exibe uma flora geralmente pobre em géneros e em espécies. Estas são providas de frutos adaptados à disseminação pelas correntes marítimas que são, assim, as responsáveis pela propagação. Podem, no entanto, considerar-se vários tipos fisionómicos, de acordo com a sua exuberância e composição, distribuídos consoante a precipitação, o grau de humidade, os ventos dominantes ou a presença de cursos de água.

As características diferentes, em relevo e em con-

Fig. 5 — *Aspecto de mangal (a leste de Díli)*

Fig. 6 — *Floresta secundária da costa sul*

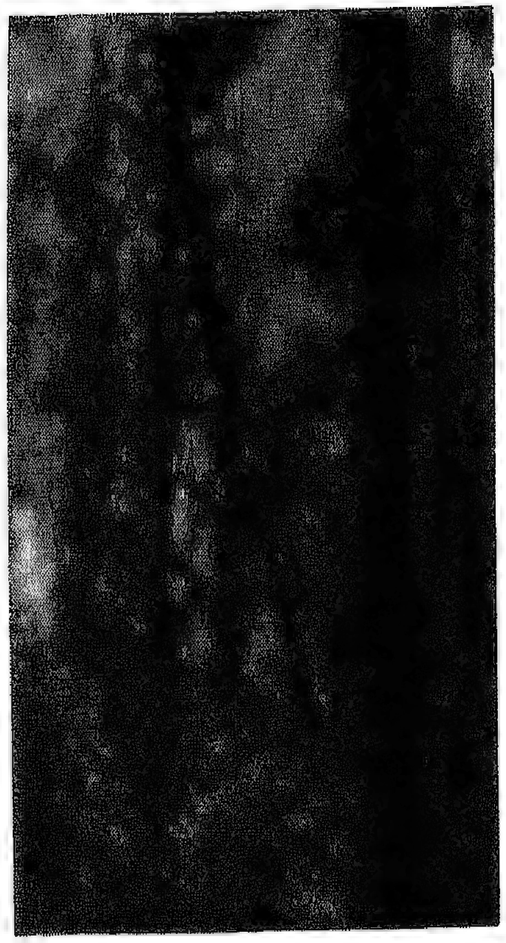


Fig. 7 — *Floresta primária na região de Loré, Lautem*

Fig. 8 — *Floresta do litoral invadida por plantações de* Cocos nucifera

Fig. 9 — *Pastagens de planalto com manchas de floresta de folha perene (Fuiloro, Lautem)*

dições climáticas, dos litorais norte e sul da ilha, determinam fisionomias desiguais deste tipo florestal. Assim, na costa virada à Austrália, sujeita a duas épocas de chuvas separadas por um período seco de duração inferior a três meses, a floresta do litoral apresenta-se exuberante e rica em espécies. «A formação *Calophyllum, Hernandia, Heritiera, Cerbera, Terminalia, Barringtonia,* etc., debruça-se em rolos de verdura sobre as praias cobertas, em parte, pela consociação *Spinifex littoreus-Ipomoea pes-caprae.* Noutros sítios, porém, as extensões arenosas são marginadas por faixas estreitas de *Casuarina,* a que se associam, aqui e ali, vários exemplares de *Pandanus.* Ainda, por vezes, quando as praias arenosas dão lugar a terraços coralíferos, uma fiada de *Hibiscus tiliaceus* ou *Thespesia populnea* separa os terrenos desprovidos de vegetação daqueles onde o complexo florístico atinge, não raramente, o aspecto de floresta mista típica. Na proximidade dos pequenos ribeiros encontram-se de vez em quando parcelas completamente revestidas por palmeiras do género Corypha (*C. utan*) nos solos mais alagadiços, e do género Borassus (*B. flabellifer*) nos mais secos, sendo indício da presença do Homem e das suas actividades as plantações de *Cocos nucifera,* que à beira-mar inclinam os seus troncos e reproduzem a paisagem clássica das ilhas dos mares do Sul» ([25]).

Pelo contrário, na costa norte, sujeita às monsões e com uma estação seca que chega a atingir seis meses, a vegetação litoral «ora se aproxima do seu aspecto normal, ora desaparece completamente, dando lugar a revestimentos de gramíneas invadidos aqui e ali por exemplares pioneiros da savana e da floresta secundária, tais como *Eucalyptus alba, Zizyphus mauritiana* e

Tamarindus indica, e ainda indicadores de climas secos, tais como espécies de *Opuntia, Aloes* e *Euphorbia*».

A floresta primária mista

As condições topográficas, microclimáticas e edáficas (para o caso da floresta das monsões), contribuem para que as formações florestais primárias de Timor apresentem um carácter misto, com componentes da floresta sempre verde, da das monsões e ainda da floresta secundária, distribuídos independentemente das zonas climáticas a que pertencem. A proximidade dos cursos de água ou de toalhas líquidas superficiais afecta do mesmo modo a composição da floresta primária, fazendo aparecer em zonas baixas, espécies das altitudes superiores sujeitas a regimes pluviométricos abundantes. Este é o caso da *Eugenia* sp., da *Dysoxylum* sp., etc., que concorrem com as *Pandanus* sp., as *Terminália* sp., as *Canarium* sp., etc. ao longo das pequenas ribeiras na zona litoral.

Nas zonas baixas, a floresta sempre verde, tal como aparece em certas regiões da costa sul e da ponta leste (Loré, Muapitine, Tutuala, etc.), é cerrada, com cobertura espessa e orlas fechadas por cipós e rotas que se entrelaçam, e o seu interior mal é afectado pelas condições exteriores. A humidade constante e elevada favorece o desenvolvimento das higrófitas, mas a deficiência luminosa limita o da vegetação subarbórea. Os arbustos são, por isso, raquíticos e apresentam-se revestidos de musgo. Sobre eles elevam-se árvores de pequeno porte, de troncos adelgaçados erectos, envolvidos por cipós contorcidos e, mais acima, sucedem-se dois ou três andares de folhagem das árvores mais altas com grossos troncos revestidos de trepadeiras epífitas, por entre os

quais crescem *Pandanus* e rotas que em certos locais tornam a floresta impenetrável.

As espécies dominantes deste tipo florestal são dos géneros *Eugenia, Intsia, Elaeocarpus, Canarium, Dysoxylum, Ficus, Litsea, Sarcocephalus*, etc.

Nas zonas médias, as árvores espaçam-se mais, os andares formados pelas copas reduzem-se a dois, aparecem fetos arbóreos e arbustos mais desenvolvidos e nota-se a ausência de trepadeiras, epífitas e musgos. A partir dos 800 metros quase todas as elevações são cobertas com vastas manchas de *Eucalyptus Decaisneana.*

Na floresta das monsões — espalhada em todo o Timor, com excepção das áreas montanhosas, muitas vezes em regime misto com a floresta sempre verde — predominam os géneros *Schleichera* (*S. Oleosa*) e *Pterocarpus*, a que se associam espécies dos géneros *Acacia, Vitex, Corypha, Wrigthia*, etc. Esta formação pode tomar o aspecto de bosque cerrado de arbustos e árvores de pequena estatura, de onde se elevam outras de mais alto porte. É o que sucede em muitas regiões da costa norte, por exemplo, nos arredores de Díli.

Na floresta de montanha aparecem Podocarpus (*P. imbricata*), Casuarina (*C. Junghuniana*), *Pygeum, Vaccinium*, etc., além do eucalipto citado.

À medida que se sobe as formações florestais tornam-se menos densas até que se repartem em pequenos bosques ou ilhas de vegetação florestal irregularmente distanciadas. A partir de 1.500 ou 1.800 metros as modificações provocadas pelo clima na floresta tornam-se evidentes, em especial nos declives acentuados. Musgos, liquenes, orquídeas e outras epífitas, ensopadas em água, atapetam o solo e cobrem os troncos e os ramos. O nevoeiro e a chuva, tão característicos das zonas

montanhosas, como, botânicamente, o é a aproximação gradual das espécies xerófitas e higrófitas, mantêm um ambiente húmido que de fresco se torna frio devido à queda contínua de gotas de água acumuladas na cobertura vegetal. Dos ramos das árvores pendem farrapos esverdeados de musgo. «O espectáculo é sempre o mesmo, quer se caminhe na floresta de *Eucalyptus Decaisneana*, quer na de *Podocarpus imbricata*. Vive-se em um ambiente que a imaginação transporta para épocas recuadas anteriormente ao aparecimento do homem» (25) (26).

Mais acima ainda, até aos 2.700 metros, os musgos dão o tom característico a uma paisagem onde é frequente a presença de géneros comuns aos climas temperados: violetas sem cheiro, silvas (*Rubus rosifolius*), ranúnculos (*Ranunculus* sp.), uveiras (*Vaccinium Timorensis*), gencianas, etc.

2 — *Floresta secundária e savana*

Quando o homem abandonou a prática primitiva da simples colheita e começou a servir-se do solo para nele fazer nascer e crescer apenas os produtos de que mais gostava ou que maiores benefícios lhe traziam, o equilíbrio natural encontrou-se alterado e a floresta primária viu a sua existência perigar.

De facto, para poder cultivar, o homem começou por ter de limpar a terra. Para isso derrubou as árvores que aí cresciam e queimou troncos e ervas. Depois plantou ou semeou durante alguns anos, verificando que, de ano para ano, o rendimento diminuía, pois ele pedia tudo à terra e nada lhe dava. Ao fim de certo tempo, o cultivador primitivo teve necessidade de deixar a área esgotada e de passar a outra, voltando a arrasar e a queimar. Esta foi mais tarde abandonada, muitas vezes sem que a inicial se tivesse recomposto. Mas mesmo quando o esgotamento não fora total e a terra recuperava a vida, a vegetação que ràpidamente nela crescia já era diferente da primitiva formação primária. Essa vegetação, caracterizada por grande instabilidade fisionómica e específica, chama-se secundária, podendo assumir três aspectos essenciais, desde o tipo herbáceo — onde a agricultura é difícil e o repovoamento florestal natural raramente se consegue — aos tufos de bambu com povoamento de casuarinas e eucaliptos (*E. alba*) e à floresta secundária pròpriamente dita, constituída por formações densas de arbustos, pequenas árvores e trepadeiras rodeando representações da floresta primária originária, umas e outras sobressaindo de um manto herbáceo por vezes espesso.

Na costa norte, as formações secundárias tomam por vezes o aspecto regular dos parques artificiais, com povoamentos puros de *Tamarindus Indica, Zizyphus mauritiana, Timonius sericeus, Dillenia pentagyna*, e, até aos mil metros, *Eucalyptus alba* («palavão» branco) e *Acacia leucophloea*. Em outras regiões, a vegetação arbórea cede o lugar à charneca arbustiva e a abundância de espinhosas e de espécies de *Acacia* e *Albizzia* aproxima Timor da Austrália. É na floresta secundária de folha caduca (floresta das monsões), a uma altitude entre 50 e 800 metros, que melhor se dá o sândalo (*Santalum album*).

As queimadas realizadas pelo indígena para limpar

(26) Estas características podem ser observadas na região de Cutolau, onde se pretendeu edificar a nova capital da província, em Turiscai, na região de Tapó (Bobonaro), na vertente do Tata-Mai-Lau voltada ao posto de Uato-Builico, etc. Em todas elas, o nevoeiro é diário e chove oito a nove meses em cada ano.

a terra dos troncos que cortou e das ervas são um elemento que não pouco contribui para a distribuição das espécies vegetais de que bom número é eliminado, permanecendo apenas aquelas que reunem melhores condições de resistência ao fogo. Nas regiões mais atingidas das colinas e outras elevações do interior, aparecem quase exclusivamente o *Eucalyptus alba* e a *Casuarina Junghuhniana*, esta sendo vulgar nas áreas muito devastadas e onde o solo entrou no último grau de degradação (como sucede em Maubisse).

Nas extensas pradarias das regiões planálticas surgem manchas de floresta que nas zonas acidentadas acompanham os barrancos, as dobras do terreno e os cursos de água e são compostas por espécies menos resistentes à seca, como os tamarindos e os zízifos, os pau-rosa (*Pterocarpus* sp.) e raros exemplares de *Wrightia* sp., *Cassia Fístula*, etc. Destas aglomerações verde-escuras sobressai o vermelho-vivo das inflorescências de *Erythrina variegata* e dos frutos da «ai-nitas» (*Sterculia* sp.).

A transição para a savana continua nos declives suaves, onde impera a vegetação herbácea riscada nas dobras do solo por filas de arbustos com raras árvores de porte regular (savana em bastidor). Nas áreas de frequentes queimadas aparece a savana-prado com extensos revestimentos de *Imperata cylindrica, Saccharum spontaneum, Themeda quadrivalvis* e outras gramíneas. Nas savanas-parque são mais frequentes a *Panicum brevifolium*, a *Eragrostis Tenella* e a *Eleusine indica*.

Na zona litoral, a savana é dominada pela *Borassus flabellifer, Eucalyptus alba, Zizyphus mauritiana*, e, nos terrenos calcáreos de maior altitude, a *Acacia leucophloea*. Nos terrenos de aluvião, junto às pequenas ribeiras ou encostas com toalhas líquidas superficiais,

abundam os bambus que emergem, em tufos, da vegetação herbácea ou arbustiva, onde também aparecem, embora isoladamente, espécies de *Tamarindus indica, Borassus flabellifer* e *Zizyphus mauritiana*. As grandes ribeiras são tìpicamente bordadas pela *Casuarina equisetifolia* que constitui renques característicos ao longo da linha das praias em muitas regiões da costa sul (Loré, por exemplo).

2) — DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS TIPOS DE VEGETAÇÃO

Deve-se a Ruy Cinatti (em cujas obras baseamos o presente capítulo) o primeiro esboço da distribuição das formações florestais de Timor, executado segundo os métodos correntes da fotogrametria sobre fotografias colhidas durante a guerra pela aviação americana.

Este esboço permite ter uma ideia da localização dos diferentes tipos de vegetação que acabamos de passar em revista.

O mangal, por exemplo, ocupa, como dissemos, uma área muito reduzida, visto que em Timor a zona costeira é pouco recortada, em especial na costa sul onde, além disso, o mar é muito batido. Mas ele aparece logo que uma reintrância proporcionou tranquilidade às águas, como sucede na foz da ribeira de Lóis, em Maubara, na baía de Tíbar, em Metinaro e, para leste de Díli, próximo da Era, em Manatuto, em Vemasse, etc. Na costa sul, desenvolve-se junto à foz das ribeiras ou nos terrenos alagadiços e pantanosos, em especial a oeste de Suai, em Betano, em Bé-Aço, a leste de Aliambata, etc.

A floresta do litoral orla toda a ilha, sujeita a sua distribuição aos condicionamentos que citámos. Assim,

na costa norte — onde as elevações terminam próximo do mar, caindo por vezes abruptamente quase sobre as águas — a faixa florestal é estreita e a sua composição e densidade vão rareando de oeste para leste, chegando a desaparecer (como em Manatuto e Laleia), cedendo o lugar à vegetação característica do mangal. Pelo contrário, na costa sul, a larguesa das planícies costeiras permite a existência de florestas deste tipo, já com certa importância, como sucede no Suai, em Betano, na ponta de Bé-Aço (ao sul de Viqueque), etc.

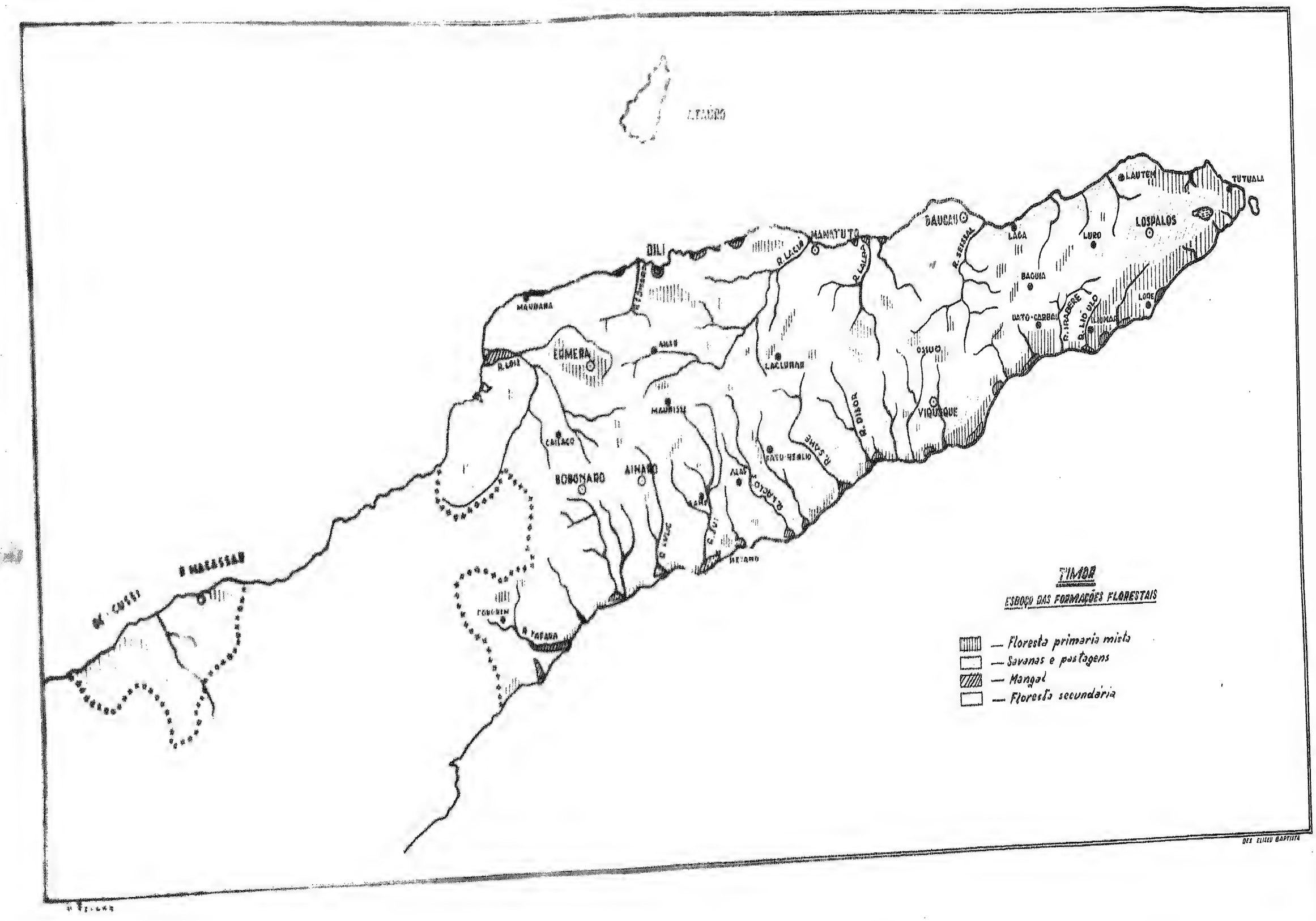
As maiores extensões de floresta primária mista aparecem na ponta leste da ilha, envolvendo o planalto de Fuiloro pelo sul, por leste e pelo norte. A floresta de Loré é uma representante notável do tipo, constituindo a região mais arborizada de Timor. Uma linha de Casuarinas (*Casuarina equisetifolia*) a separa do mar de Timor. Depois aparecem os povoamentos mistos de *Barringtonia* sp. *Cerbera Manghas, Intsia bijuga, Ficus* sp., *Canarium* sp., etc. Nas zonas de maior altitude predominam as *Pterocarpus Indica, Sterculia foetida* (em tétum, «ai nitas»), etc. E por toda a floresta abunda a *Pometia pinnata* (em tétum, «ai maras») (27).

É também notável como representante deste tipo de vegetação, a floresta de Mahubo, que se estende na região ao sul de Maubara e de Liquiçá, desde a ribeira de Lóis até Fatu-Bessi e à Ermera. Osório de Castro (28) chamou-lhe «sombriamente verde, sobrenaturalmente silenciosa e serena» e dela deu a seguinte descrição:

---

(27) Na revista «Garcia de Orta», da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, vol. II, n.º 3, Ruy Cinatti publica um vocabulário indígena de algumas plantas timorenses.

(28) Osório de Castro — «A ilha verde e vermelha de Timor», Lisboa, 1943.



TIMOR

ESBOÇO DAS FORMAÇÕES FLORESTAIS

— *Floresta primaria mista*
— *Savanas e pastagens*
— *Mangal*
— *Floresta secundária*

DES. ELISEU BAPTISTA

«Os troncos sobem próximos até a uma altura de sessenta ou oitenta metros, rectos, possantes, envolvidos de orquídeas epífitas, de polipódios scandentes, de *Asplenium nidus* ou *cuneatus*, de tão verdes e lindas espirais de *Loranthus*, de rendados e leves cipós, escondendo o céu. A penumbra circunfusa é esverdeada e rórida. Evola-se dos fetos, dos líquenes e selaginelas, dos *Philodendrons*, dos musgos humedecidos, toda a fragância das seivas eternamente novas... As cascatelas espúmeas, as torrentes glácidas, perdem-se em abismos à direita do caminho, e por toda a parte se erguem os altos fetos arborescentes, as colocásias verde-claras ou verde-arroxeadas, os caládios, as *Tacca pinatifida*, os *Dracontium*, as palmeiras *Rotang* de finas frondes ligeiras como plumagens, as flagelárias, os bambus gigantes».

Por toda a província, porém, aparecem manchas deste tipo florestal, as quais assumem certa importância ao sul de Díli (região de Cutulau-Remexio), em Hili-Manu, ao norte de Laclubar e de Lacluta, em Ossú (floresta de montanha na região do Mundo Perdido), em Maté-Bian, no Suai, em Dilor, Bé-Aço, Aliambata e, duma forma geral, em toda a costa sul, entre os 200 e os 600 m de altitude, aumentando a sua densidade à medida que se caminha para o oriente.

São notáveis, como dissemos, as extensões de terreno ocupadas pelo *Eucalyptus Decaisneana* («palavão» preto), espécie esta que por vezes chega a existir quase isolada, como sucede em certas áreas da cordilheira do Ramelau e do Cablac, na área abrangendo Maubisse, Lete-Foho, Atsabe e Ainaro, onde predominam os terrenos despidos de vegetação e muito erosionados. Existem florestas deste eucalipto nas regiões de Cutulau-Remexio, monte Boicau, Maté-Bian, Ofulicai, etc.

A floresta secundária espalha-se por toda a ilha, salpicada por manchas primárias e por savanas e pastagens. O *Eucalyptus alba* abunda um pouco por toda a parte (Dili, Maubara, Aileu, Tíbar, Ainaro, etc.), sobranceiro aos povoamentos de *Tamarindus indica*, de *Sterculia foetida*, de *Zizyphus Mauritiana*, etc., próprios das zonas planas, e é a espécie pioneira dominante nas formações secundárias existentes na costa sul, entre os 0 e 200 metros de altitude. São característicos também destas zonas os «gondões» (*Ficus Benjamina*), de que há majestosos exemplares em Díli, na Era, em Liquiçá, etc. Nos solos xistosos com margas, entre os 600 e os 1.000 metros de altitude, a floresta secundária é dominada pelo palavão preto que aparece em povoamentos quase puros até aos mil metros, sendo substituído pelo palavão branco nas terras muito degradadas ([29]). Em maiores altitudes, de 1.600 a 2.800 metros, o palavão preto prevalece nos solos xistosos e nos calcáreos e a casuarina («caqueu») domina as linhas de água com povoamentos puros.

As savanas e pastagens — representando estádios regressivos da floresta sempre verde — assumem especial importância na parte leste (planalto de Fuiloro), em toda a costa norte, especialmente para leste de Dili, ao sul de Baucau e, dum modo geral, acompanhando os cursos das ribeiras. Em regra ocupam as encostas suaves das colinas ou as zonas baixas, assumindo nos sítios mais secos o carácter xerofítico e chegando a desaparecer deixando o solo nu como a oeste de Manatuto. As zonas de pastagens ou ocupadas pela agricultura são

([29]) Helder Lains e Silva — «Timor e a cultura do café», Lisboa, 1955.

por vezes cortadas por manchas florestais de montanha como sucede nas vertentes do Maté-Bian voltadas a Uato-Lari, em Maubisse, em Boicau, defronte de Baguia, etc. No Oé-Cussi são vulgares as savanas em bastidor.

LA VEGETATION. SA DISTRIBUTION GEOGRAPHIQUE

RÉSUMÉ

Les espèces végétales naturelles de Timor excitent vivement la curiosité des naturalistes, en même temps qu'elles constituent un juste motif d'admiration artistique par les paysages merveilleux qu'elles composent. On ne peut pas dire pour autant que la végétation sylvestre y soit très importante, elle est loin de présenter l'aspect luxuriant qui fait la caractéristique de Sumatra, de Java, de Bali ou de Nouvelle Guinée.

Les principaux types de forêt primaire existant à Timor sont au nombre de cinq: Le manguier, la forêt du littoral, la forêt des pays bas, des zônes intermédiaires et des zônes montagneuses. Le manguier et la forêt du littoral, sont types bien définis et d'aspect uniforme dans toute l'Indonésie. De différents facteurs locaux font que les autres types de forêt se trouvent mélangés, certains d'entre eux occupant des espaces qui, étant donnée l'altitude du terrain, ne constituent pas leur «habitat» naturel.

Le manguier est une caractéristique du littoral maritime, il émerge de la mer elle-même. Presque toutes

ses espèces, bien qu'étrangères les unes aux autres, présentent les mêmes facultés d'adaptation à leur milieu oecologique, et se distribuent régulièrement, en lignes parallelles au littoral. Le *Rhizophora conjugata* et le *Bruguiera* sont nombreux.

La forêt du littoral se trouve dans une étroite ceinture proche de la mer, elle exhibe une flore généralement pauvre en genres comme en espèces. Et pourtant sur la côte sud, région très pluvieuse, cette végétation se montre riche et exubérante, les espèces prédominantes y sont le *Calophyllum*, l'*Hernandia*, le *Cerbera*, etc., ou bien encore la *Casuarina*, le *Pandanus*, le *Corypha utan*, le *Borassus flabellifer*, etc.; ceux-ci cèdent la place ici et là à des plantations de *Cocos nucifera*.

La formation primaire mixte présente ses échantillons les plus caractéristiques dans la zône est de l'île (régions de Loré, Muapitine, Mahubo, etc.) où la forêt est touffue, couverte de cimes épaisses, et étroitement fermée par des lisières de plantes grimpantes. Au fur et à mesure que s'élève l'altitude, les arbres s'espacent et les éspèces grimpantes disparaissent. L'*Eucalyptus Decaisneana* foissonne à partir de 800 mètres souvent accompagné dans les configurations montagneuses par le *Casuarina Junghuniana*, le *Podocarpus imbricata*, etc. Sur les plus hauts versants, où la pluie et le brouillard sont abondants, des lambeaux de mousse pendent des branches des arbres.

La forêt secondaire, témoin de l'action de l'homme, couvre la quasi totalité du territoire, elle assume trois caractères essentiels: une dense végétation d'arbustes, de petits arbres, et de plantes grimpantes, qui entourent les massifs primaires; ou touffes de bambous mélangées à des groupes de casuarines et d'eucalyptus *(E.*

alba), (ceux-ci étant fort nombreux à travers l'île toute entière, à basse et à moyenne altitude); et enfin les savanes et pâturages qui sont importants, surtout dans la région est du territoire.

VEGETATION AND ITS GEOGRAPHICAL DISTRIBUTION

SUMMARY

The spontaneous types of vegetation to be found in Timor have aroused the scientific curiosity of the specialists and represent a justifiable motive for artistic admiration of the wonderful sights which they afford. Nevertheless one can not say that the forest formations are of any great importance since they are far from offering that luxuriant appearance which is so characteristic of Sumatra, Java, Bali or New Guinea.

There are five main types of primary forest to be found in Timor: The mangal, the coastal forest, the forest found in the low-lying areas, that of the middle zones and that of the mountains. The mangal and the coastal forest are clearly defined types which are identical in appearance throughout the whole of Indonesia. Various local factors lead towards the other types appearing mixed. Considered from the point of view of altitude there are some to be found in places which are not their respective habitat.

The mangal is characteristic of the seaboard, coming out of the water itself. Almost all its species, although

not closely related, show identical characteristics in adapting themselves to the ecological background, and are regularly found in lines running parallel to the shore. There is a large percentage of *Rhizophora conjugata*, *Bruguiera*, etc.

The seaboard forest is layed out in a narrow strip near the sea, the flora generally being poor in types and species. Nevertheless along the south coast with its heavy rainfall, this formation is rich and exhuberant, with a predominance of *Calophyllum*, *Hernandia*, *Cerbera*, etc. or the *Casuarina*, *Pandanus*, *Corypha utan*, *Borassus flabellifer*, etc., broken here and there by plantations of *Cocos nucifera*.

The best example of the mixed primary formation is to be found in the Eastern part of the island (the regions round Loré, Muapitine, Mahubo, etc.), where the forest is closed in with a thick covering and the wings are shut off by various types of shrubs. As one goes up in altitude, the trees are spread out more and the creepers disappear. The *Eucalyptus Decaisneana* is plentiful as from 800 meters up. In the Mountain formations it is accompanied by *Casuarina Junghuniana*, *Podocarpus imbricata*, etc. In the highest parts where there is plenty of mist and rain, pendants of moss hang from the branches of the trees.

The secondary forest, reflecting the work of man, covers almost the whole territory, and affords three essential aspects: the dense formation of schrubs, small trees and creepers which appears round the primary masses; or the clumps of bamboo with occasional Casuarinas or Eucalyptus (these being often found on the island in the low or middle altitudes); and the prairies and pastures which are especially important to the East.

FAUNA

Zoològicamente o arquipélago indonesiano pode ser dividido em três grandes regiões:

1 — Ilhas de Bornéu, Sumatra e Java — onde predominam as características da fauna asiática, embora cada ilha possua os seus tipos próprios. Assim, o orangotango só existe em Bornéu e na Sumatra. Apenas nesta ilha existem o siamang, o elefante, o tapir, o rinoceronte (R. *sumatranus*) e, como também em Java, o tigre (inexistente em Bornéu). O boi asiático é indígena em Bornéu e em Java onde também existe uma variedade de rinoceronte (R. *sundaicus*). Mas nenhuma destas espécies é indígena das outras regiões.

2 — Ilhas Halmahera, Aru e Nova Guiné — onde predominam as características australianas, sendo abundantes os marsupiais, as aves do paraíso (Nova Guiné) e toda uma série de outras aves (papagaios, catatuas, pombos, etc.) e de insectos aparentados com as espécies australianas.

3 — Celébes, Molucas e ilhas pequenas de Sunda.

É nesta região intermediária que se encontra incluída a nossa província de Timor. A grande riqueza de espécies que caracteriza as outras duas regiões só na Celébes se mantém, embora em toda a região se encontrem espécies inexistentes nas duas primeiras e que apresentam traços de parentesco com outras habitando a África, a Ásia, a Austrália e até a Europa. Aliás, mesmo na Celébes a fauna difere essencialmente da de Bornéu, o que vem provar a grande antiguidade do estreito de Macassar.

Trata-se, portanto, de uma região de transição com espécies nìtidamente asiáticas (macacos, veados, etc.) e outras de influência australiana (a «mêda», a catatua, pombos diversos, etc.). Dum modo geral aquelas espécies vão diminuindo de número à medida que se caminha para leste e para sul, o contrário sucedendo às australianas.

A divisão apresentada justifica, assim, a relativa pobreza da fauna de Timor, onde são inexistentes tanto os grandes mamíferos asiáticos como a maior parte das exóticas espécies australianas e onde alguns animais superiores, como o búfalo, o cavalo e mesmo o veado, parece serem o resultado de importações mais ou menos antigas, às quais as condições mesológicas imprimiram modificações de maior ou menor nitidez. É possível, no entanto, estabelecer uma diferenciação rudimentar entre a fauna da montanha e a do litoral e, nesta, entre a da costa norte e a da costa sul. Deve dizer-se, porém, que apesar de por Timor terem passado alguns naturalistas

célebres, a fauna da província encontra-se por estudar, não podendo, por isso, a nossa descrição — baseada na observação pessoal e nas indicações de alguns autores (30) — ter pretensões a científica.

1) — *Mamíferos*

O búfalo é a principal espécie económica da província, sendo criado pelos nativos que o empregam para o amanho das suas várzeas e, em dias de festa, na alimentação. Segundo parece, é aparentado com o zebú asiático. Com hastes em forma de crescente é um animal pachorrento que sofre com o calor e, por isso, se espoja com prazer nas poças lamacentas. Alguns exemplares fugidos para o mato tornam-se bravios.

Importadas de Java são já numerosas em Timor as vacas Bânteng, de estatura média, hastes curtíssimas e pernas finas, mas dando excelente carne. Acastanhadas, com as extremidades dos membros brancos, apresentam uma grande rodela branca nas fraldas.

O porco, igualmente criado pelos nativos, é também muito abundante. Não atinge dimensões razoáveis. Uma espécie selvagem o porco-veado (*Babirussa alfurus*, Lesson), com quatro grandes colmilhos recurvados e finas pernas altas, aparece por vezes nas planícies.

Nas zonas baixas e nas altitudes médias são vulgares os veados *(Cervus peronnii)* de que se conhecem três variedades. Nas matas e nas proximidades das grandes ribeiras, em especial próximo do litoral, abundam os macacos *(Macacus cynologus)*, todos de pequena estatura. O «laco» (*Paradoxurus Musanga*, Wall), negro, parecido

(30) Afonso de Castro, Osório de Castro e José Simões Martinho, em especial.

com um gato pequeno de farta cauda, aparece nas regiões do café cujas bagas maduras engole digerindo a polpa e evacuando o grão que germina depois ràpidamente dando o chamado «café de laco».

Nas planícies da costa sul tem sido vista uma variedade de marsupial, a «mêda» *(Phalanger orientalis)* que marca a transição para a fauna australiana.

Notável é em Timor o cavalo *(Equus caballus asiaticus)* que, segundo parece, foi introduzido em Java pelos indianos, talvez no século III ou IV. Pequeno, nervoso, muito resistente e com enorme segurança de cascos (que são do tipo duro não necessitando ferraduras apesar da aspereza dos terrenos) é o meio ideal de transporte para o acidentado terreno da ilha. Outrora, constituiu importante elemento de exportação, chegando a sairem de Díli centenas de cavalos por ano.

O cão e o gato domésticos abundam em Timor havendo uma variedade selvagem, o gato do mato (*Felis megalotis*, Wall).

Em especial sobre os coilões formados pelo assoreamento da foz das ribeiras da costa sul, os morcegos *(Pteropus edulis)* são aos milhares. Enormes, voam em círculos apertados mesmo durante o dia, formando nuvens compactas que chegam a tapar o sol.

A cabra abunda em todo o território e o carneiro existe especialmente na zona leste.

2) — *Aves*

Não se verifica em Timor aquela exuberância que é notável nas Molucas e na Nova-Guiné. São vulgares as catatuas brancas *(Catatua sulphurea)* com crista amarelada, fàcilmente domesticáveis. O mesmo se pode dizer dos «loricos» *(Lorius garrulus)*, simpáticos periquitos

de cores berrantes onde predomina o verde e o vermelho.

As rolas e os pombos são abundantíssimos. Há, pelo menos, quatro variedades de pombos desde os maiores, o cinzento e o negro, aos mais pequenos, o verde e o negro de colar branco. Distinguem-se também três variedades de rolas, entre elas uma verde que prefere os bosques.

Os patos bravos aparecem nas lagoas (Oé-Cussi) e nas planícies inundadas, junto à costa. Em especial no litoral sul, encontram-se em certas épocas do ano uns palmípedes de cores claras e considerável envergadura.

Segundo parece há pelo menos quatro variedades de aves de rapina. A coruja (*Noctua Hantu*, Wall) é objecto de crenças especiais por parte dos nativos. Nas planícies vive também a codorniz e um pouco por toda a parte existem aves granívoras e insectívoras.

Os galináceos, embora de pequena estatura, são muito abundantes vivendo em completa liberdade e demonstrando excelente aptidão para o vôo. Os galos apresentam bela plumagem e são o principal elemento de distracção do nativo que com eles organiza renhidas lutas. Existem também perús e patos. Em certas regiões arborizadas vivem galinhas bravas (*gallus ferrugineus* ou *bankiva*), distinguindo-se o macho pela sua plumagem viva.

3) — *Répteis*

É nesta classe que se encontram os animais perigosos de Timor. Nas grandes ribeiras aparece o crocodilo *(Crocodilus biporcatus)* que, em especial na época das chuvas, é arrastado pelas torrentes até ao mar ficando a viver nas praias onde alguns grandes exemplares têm sido apanhados.

O maior animal da província é, porém, a cobra piton

(Pithon reticulatus) de que chegou a haver no Museu Municipal de Dili um exemplar embalsamado com 6,82 metros de comprido. Em Java esta cobra é relativamente vulgar nos arrozais, aparecendo em Timor nos brejos e paúes de água estagnada da costa sul.

Além da piton, existem muitas outras variedades de cobras,algumas delas venenosas como a *Trimesurus*, de ventre verde claro e dourado, e a cobra chumbo, escura e de cabeça triangular. Em Lautem aparecem umas cobras negras que são respeitadas pelos nativos.

O conhecido «toqué» *(Platydactilus gottutus)* existe por toda a ilha mas é especialmente abundante nas regiões litorais vivendo nas paredes das habitações, nos tetos e nas árvores, em companhia de uma grande variedade de lagartixas. É um lagarto de cerca de um palmo de comprimento, com manchas esverdeadas e acastanhadas, que emite séries peródicas de sons de que o seu nome é fiel onomatopeia. Grande comedor de insectos é considerado animal de utilidade.

Outros lagartos existem na província sendo notável um lagarto voador que trepa pelo tronco das árvores e se lança depois do alto, abrindo um par de asas membranosas, de côr rosada, as quais lhe permitem um vôo planado até ao soloou até outras árvores mais baixas.

4) — *Insectos e Aracnídeos*

Também em Timor este grupo é o mais numeroso e aquele onde se incluem as espécies que maiores danos causam ao homem. Ao anófeles se deve o paludismo que é vulgar nas regiões baixas da ilha. Acima dos mil metros, este perigoso díptero deixa pràticamente de existir.

É em especial de noite, quando a luz os atrai que se

pode notar a enorme variedade de insectos existentes. Entre eles distinguem-se as cigarras verdes que esbarram nas próprias pessoas, as louva-a-Deus, algumas enormes, verdes e repelentes, besouros de inúmeros tamanhos, etc. Os pirilampos agrupam-se em certas árvores dando-lhes uma fosforescência estranha.

As abelhas contribuem para a economia da província proporcionando a cera silvestre que constitui elemento de exportação de certo valor. De facto, antes da guerra, era normal exportarem-se de 35 a 45 toneladas de cera com valores que alcançavam 350 a 400 contos. Em 1952, a cera exportada somou 16 toneladas no valor de 408 contos. As árvores onde as abelhas fazem as suas colmeias têm, como se compreende, enorme valor para os nativos que, por sua causa, se chegavam a guerrear.

Não se pode dizer que Timor tem borboletas bonitas. As espécies *Pieridae* e *Lyceniae* abundam sem apresentarem nem côres nem envergadura notáveis.

Entre os aracnídeos, conhece-se a aranha vermelha (*Latrodectus hasselti*, variedade *Thorrel*), além de muitos outros. Mais ou menos por toda a ilha, mas com maior abundância nas zonas quentes, existem lacraus que atingem razoáveis dimensões.

✲

Muitas outras espécies animais existem em Timor. Nas ribeiras, quase desde a nascente à foz, abundam os camarões, aparecendo sanguessugas nos córregos da montanha e enguias onde as águas atingem maior profundidade. Nas costas o tubarão torna perigoso o apetecido banho de mar. Os pescadores timorenses (quase todos naturais da ilha do Ataúro) arpoam às vezes alguns, pequenos, esbranquiçados, e vão depois vendê-los pelas

ruas de Dili. As tartarugas são especialmente abundantes no litoral do Ataúro onde também existem ostras perlíferas.

O mar que rodeia a ilha é, segundo se julga, abundante em peixe. Pelo menos é a conclusão que se pode tirar do facto de com tão rudimentares processos de pesca, se poder às vezes comer peixe. Os pescadores actuam à lança, à fisga ou com rêdes que vão lançar até onde lhes começa a faltar o pé, para puxarem depois até à praia. É pitoresco o espectáculo nocturno de dezenas de archotes movendo-se sobre as águas empunhados pelos nativos que assim procuram pesca mais rendosa.

Notáveis são ainda os corais que abundam em todo o litoral, apresentando por vezes cores maravilhosas.

FAUNE

RÉSUMÉ

La faune de Timor est relativement pauvre, les grands mammifères asiatiques ainsi que les espèces exotiques d'Australie y sont inexistants.

Parmi les mammifères on remarque le buffle, le boeuf Banteng, le porc, la chèvre, le cerf, le singe *(Macacus cynologus)*, le «laco» *(Paradoxurus Musanga)*, le cheval, etc. On voit parfois, sur la côte sud, une variété marsupiale, la «mêda» *(Phalanger orientalis)* qui marque un degré de transition vers la faune australienne.

Le catatois blanc, les «loricos» *(Lorius garrulus)*, les pigeons, les chouettes, les tourterelles, etc., représentent les oiseaux de Timor où les gallinacés sont nombreux. En ce qui concerne les reptiles, les plus remarquables sont le python qui atteint parfois 6 mètres de long, de nombreuses variétés de serpents venimeux et enfim le crocodile *(C. biporcatus)*. Parmi les différentes sortes de lézards existantes dans l'île, le «toqué» *(Platydactilus gottutus)* est bien connu.

Les insectes sont nombreux, les anòphélines fourmillent dans les régions basses.

FAUNA.

SUMMARY

The fauna of Timor is relatively poor since both the big Asiatic mamipherous and the exotic Australian species are absent.

The main mamipherous animals are the buffalo, the Banteng ox, the pig, the goat, the stage, the monkey *(Macacus cynologus)*, the «laco» *(Paradoxurus Musanga)*, the horse, etc. A variety of marsupials have been seen on the Souther Coast, the «mêda» *(Phalanger orientalis)*, which marks the transition to the Australian fauna.

The white parrot, the «lorico» *(Lorius garrulus)*, the pidgeons, the doves, the ducks, the screech owls, etc., represent the birds in Timor where there is a large number of gallinaceans. The snakes are the commonest reptiles, the most remarkable being the python which is often more than 6 meters long and some poisonous varieties and the crocodiles *(C. biporcatus)*. The best known of the lizard family is the «toqué» *(Platydactilus gottutus)*.

There are numerous insects, with large numbers of anofelines in the lower regions.

III

AS POPULAÇÕES NATIVAS

AS POPULAÇÕES NATIVAS

PRÉ-HISTÓRIA

Graças aos recentes trabalhos da Missão Antropológica de Timor, chefiada pelo Prof. António de Almeida, mais alguns elementos se vieram juntar aos poucos existentes sobre a pré-história das populações timorenses.

Até então apenas existiam os dados fornecidos pelas pesquisas de Alfred Büller, sistematizados por F. Sarasin ([31]). Estas pesquisas foram realizadas em grutas, umas perto de Nikiniki, no Timor Indonésio, a norte do antigo reino de Amanuban e próximo da actual estrada internacional Batugadé-Koepang e outras perto de Baguia, no nosso território, a sudeste de Baucau. Nas grutas do Timor Indonésio haviam sido encontradas pontas de sílex pedunculadas e cerâmica ornamentada. Nas de Baguia, por baixo das camadas superficiais contendo restos atribuíveis a habitantes actuais da região, apareceram ossos, fragmentos cerâmicos e focos de cinzas.

([31]) Veja-se a monumental obra «Raças do Império», da autoria do ilustre Prof. Dr. A. A. Mendes Corrêa, editada pela Portucalense Editora, Porto, 1943.

Nem Büller nem Sarasin consideram estes indícios anteriores ao neolítico.

Maior antiguidade é, porém, atribuída aos restos encontrados pela Missão do Prof. António de Almeida ([32]), em Setembro de 1953, nas margens da salina de Gassi-Liu, seis quilómetros a leste de Laga, circunscrição de Baucau. A estação, localizada a 500 metros do mar, numa depressão de detritos aluvionais misturados com depósitos marinhos e rodeada de terraços coralígenos, é paleolítica média. Os instrumentos líticos — pontas, lâminas, etc., feitos de sílex e de jaspe — apresentam aspectos do Musteriano e Levalloisiano. Da mesma época parecem ser os restos posteriormente aparecidos em mais três jazidas dos arredores e, também, em uma estação descoberta próximo da Maliana, a oeste de Bobonaro, junto à fronteira. Todos eles parecem confirmar que a tipologia e a técnica dos instrumentos encontrados revelam grandes semelhanças com as das indústrias paleolíticas europeias.

Não é difícil avaliar a importância destes achados num território cuja população actual vários factores ajudavam a considerar até aqui como proveniente de um relativamente recente estabelecimento. Tais achados trazem nova luz ao conhecimento da antiguidade do homem nestas paragens e vêm, por outro lado, reforçar a hipótese do Prof. A. A. Mendes Corrêa de que os

---

([32]) Leia-se o relatório do Prof. António de Almeida, no Número III, Volume II da revista «Garcia de Orta», da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar. Os resultados das descobertas da Missão Antropológica de Timor foram objecto de uma comunicação ao IV Congresso de Pré-história do Extremo Oriente, realizado em Manila, Filipinas, em Novembro de 1953.

Fig. 10 — *Tipos timorenses*

timorenses não resultaram de migrações exteriores relativamente recentes. Aliás esta teoria — que parece contrariada pela indubitável heterogeneidade racial e linguística da população — vai buscar novo ponto de apoio às descobertas paleantropológicas dos estratos quaternários de Java, com o Pithecanthropus, o Homo Soloensis do tipo de Neandertal, o Homo Wadjakensis parecido com os Australianos, etc., todos eles confirmando a grande antiguidade do povoamento humano na Indonésia, possìvelmente mesmo a autoctonia das populações primitivas. Para a verosimilhança desta hipótese, concorrem ainda a ausência prática da navegação nativa e o consequente relativo isolamento das ilhas entre si.

Por todos estes motivos, o Prof. Mendes Corrêa defende a tese de que Timor é «mais um centro ou uma área de diferenciação racial, antropogenética, do que, como se tem pretendido, uma Babel resultante da convergência das mais variadas estirpes humanas, um cadinho de fusão inextricável de raças» ([33]).

AS MIGRAÇÕES

Não há dúvida, porém, que toda a Indonésia, incluindo Timor, foi alvo de sucessivas migrações realizadas já nas épocas históricas e das quais resultaram mesclas com as populações nativas. Dialectos, traços etnicos, usos e costumes, as próprias lendas, testemunham afinidades mais ou menos remotas entre certos grupos populacionais timorenses (em especial do litoral) e povos

---

([33]) «Um mês em Timor» — Artigo do Prof. Dr. Mendes Corrêa publicado no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, números 3 a 5, de 1955.

doutras regiões da Insulíndia e mesmo da Ásia (malaios, macassares, papúas, etc.).

Os malaios, excelentes navegadores e comerciantes, espalharam-se por todo o arquipélago primeiro que quaisquer outros, criando feitorias nos pontos favoráveis do litoral desde os quais realizavam as suas trocas com as populações do interior. Só muito mais tarde, aí pelos séculos III ou IV, os indús levaram para Sumatra e Java as suas crenças religiosas, a sua arte e uma organização bem superior à que aí foram encontrar. Nesta última ilha fundaram Estados poderosos que os nossos descobridores ainda conheceram. As suas seitas — bramânicas e budistas — ergueram os preciosos monumentos que são hoje uma das melhores atracções turísticas da Indonésia. Mas se, por um lado, os indús levaram para Java novos elementos de literatura, de arquitectura, de escultura, de religião e de política ([34]), por outro, eles modificaram a original igualdade democrática dos indígenas e introduziram o regime de castas, preparando assim o abismo profundo entre o povo e a nobreza, a usurpação dos direitos e das propriedade dos fracos pelos grandes e poderosos, a submissão servil do indígena aos seus nobres chefes. Sob o ponto de vista técnico e industrial ignora-se que melhoramentos lhes podem ser atribuídos.

O predomínio do induísmo começa a decaír no fim do século XIV quando, na índia, o islamismo se havia já consolidado. A partir do século seguinte, persas, árabes e, especialmente, indianos, mas todos maometanos, começaram a desembarcar na Insulindia. O prestígio da sua religião compensava o seu reduzido número e os malaios do litoral foram os primeiros a converter-se tornando-se

([34]) G. Angoulvant — «Les Indes Néerlandaises», Amsterdam, 1926.

fervorosos e eficientes agentes de propaganda entre as tribus animistas indígenas e até entre os indús que constantes lutas internas haviam enfraquecido. Desta forma, foi com surpreendente rapidez e facilidade que o islamismo se apoderou de grande parte da Insulíndia. Em Java, o poderoso império indo-javanês de Madjopahit, sucumbia antes do final do século XV e o último pequeno império indú, o de Balambangam, no extremo este da ilha, desaparecia em 1767, sob o ímpeto da forte corrente maometana.

☆

Com a possível excepção do sistema de diferenciação social, o Induismo não deixou indícios no nosso Timor. O mesmo se pode dizer do islamismo, contrariado desde a descoberta pelo cristianismo. À indubitável influência malaia ([35]) admite-se, no entanto, que se tenha vindo juntar a de outros povos como sejam os macassares, os papúas, etc.. Inclusivamente, Pinto Corrêa ([36]), J. Wanner ([37]) e F. Sarasin ([38]) registaram lendas existentes em algumas populações de Timor, que se referem a antigas migrações de que a ilha teria sido alvo. O primeiro autor, por exemplo, diz que entre os timorenses da parte central da ilha — onde subsistem usos e cos-

([35]) Os timorenses chamam «malai» a qualquer estrangeiro. Na opinião de P. Corrêa isto confirma que os malaios foram os primeiros estranhos a chegar à ilha cujo nome é de origem malaia.

([36]) Armando Pinto Corrêa — «Gentio de Timor», Lisboa, 1934.

([37]) J. Wanner — «Ethnologische Notizen über die Inseln Timor und Misol» — in «Archiv für Anthropologie» T. XII, 1913

([38]) F. Sarasin — «Beitrage zur Prähistoire der Insel Timor und Roti» — in «Verhandlungen der Naturforschen den Gesellschaft in Basel», tomo XLVII, Basel, 1936.

tumes idênticos aos dos nativos de Malaca — se conserva ainda memória duma expedição que tendo partido da península de Malaca vários séculos antes dos portugueses, tocou em Macassar, depois em Flores e acabou por arribar a Timor, na costa do reino de Amatung, na metade indonésia, aí se fixando e fundando quatro reinos. Uma outra lenda também contada pelo mesmo autor refere que uma família da ilha de Timor Laut (entre Timor e a Nova-Guiné) desembarcou na planície de Quiraz na costa sul e tendo-se fragmentado em dois grupos, entre eles dividiu a ilha a que chamou Timor, tomando como fronteira a ribeira de Bé-Lulic.

Em qualquer das lendas citadas, há sempre uma referência à população autoctone, geralmente considerada como muito atrasada.

Em «La Grande Encyclopédie», Charles Delavaud diz que as famílias principescas de Timor descendem de invasores de Ternate, nas Molucas ([39]) que desembarcaram nos fins do século XVI na costa meridional da ilha para lá levando o arroz, o milho e as armas de guerra. E conquanto Osório de Castro confesse que não ouvira tradição tão precisa, não deixa de confirmar que certas famílias de régulos e de principais tinham vindo de fora haveria três gerações. De resto, são já do nosso tempo a invasão dos macassares do reino de Toló, Celébes (1640) e as migrações dos fieis larantuqueiros. E, segundo Pinto Corrêa, está històricamente averiguado que, antes do domínio português, os javanêses dominaram ou comerciaram no litoral do mar de Banda tendo por centro Oé-Cussi e que os massacres e buguineses da Celébes e os moluquêses de Ternate frequentaram as costas de Baucau e, talvez, as do litoral sul de Timor. Aliás, ainda na primeira metade do século XIX era frequente os paráus macassares afluirem aos ancoradouros timorenses. O próprio Pigaffetta encontrou nas enseadas da ilha vários juncos filipinos de Luzon e algumas embarcações de Malaca que ali iam abastecer-se de sândalo.

([39]) Ternate é uma pequena ilha do grupo de Halmahera, nas Molucas. Como veremos no capítulo da «História da Acção Portuguesa», aí aportou Francisco Ferrão em 1512. Em Ternate, como em Bima (Sumbawa), em Macassar e em Banda ainda hoje se podem ver os restos das fortalezas portuguesas dos séculos XVI e XVII.

AS RAÇAS DE TIMOR

O interesse que Timor oferece sob o ponto de vista antropológico, é suficientemente demonstrado pela existência de numerosos estudos realizados sobre as suas populações nativas.

A singular heterogeneidade encontrada é comentada pelo Prof. Mendes Corrêa — a quem se devem os mais completos estudos sobre o assunto — da seguinte forma: «Timorenses é uma expressão geográfica. Politicamente, socialmente, etnologicamente, distinguem-se entre eles numerosos grupos bem diferenciados uns dos outros. A divisão, a fragmentação excessiva em «reinos» independentes, a distinção entre o reino do Servião submetido ao Sanibay e o território português dos Belos, a diversidade destes e dos Atoni da parte holandesa, a existência de Firacos e Caladi ([40]), de malasianos e de não malasianos, de tantos reinos, de mais de vinte línguas e dia-

([40]) A. Pinto Corrêa em «Gentio de Timor», citando Osório de Castro, diz que Firácos é uma designação colectiva étnica a si próprios aplicada pelos povos desde Baucau a Luca, para leste. Os Caladi ou Caládes seriam os povos da linha central de montanhas com dois estratos, pelo menos linguísticos, para o mar de Banda, a um e outro lado de Díli (Era e Motael).

lectos, da exogamia, de partidos cordialmente irredutíveis uns aos outros, eis a realidade, expressão da relativa falta de unidade bio-étnica daquelas populações. Timor, o próprio nome da ilha, é, nas línguas malaio- indonésias apenas a designação dum ponto cardeal, Leste...» ([31]).

Deve dizer-se que apesar de todo esse interêsse, o conhecimento cientifico da população nativa de Timor está ainda muito longe de ter atingido o grau que seria para desejar. Só há pouco, com a criação do Centro de Pesquisas de Timor se deu início, *in loco*, a uma série de trabalhos visando especialmente a antropologia física e fisiológica dos 31 grupos etno-linguísticos que, segundo se julga, constituem a população nativa. As observações e mediações foram feitas em séries masculinas de 100 indivíduos e em femininas de 25, segundo a técnica de Martin e abrangendo impressões digitais, determinações dos grupos sanguíneos, da pressão arterial, da frequência do pulso, das temperaturas axilar e da boca, da agudesa visual e auditiva, etc. O total de indivíduos sujeitos a observação subiu a mais de seis mil, tendo o Centro de Pesquisas dedicado também especial atenção ao estudo da alimentação nativa, das mutilações étnicas, dos usos e costumes, de certos aspectos da etnografia e do folclore (para o que se registaram falares e cânticos e se procedeu a filmagens a cores), etc. Estes trabalhos não podem, no entanto, considerar-se mais que um início do profundo estudo que há a fazer.

☆

A primeira descrição do nativo de Timor deve-se a Pigaffetta que visitou a ilha em 1522 embarcado numa das naus com que Fernão de Magalhães iniciára a primeira viagem de circumnavegação. Segundo o famoso

cronista, homens e mulheres andavam nús e usavam ornatos no cabelo, nas orelhas, no pescoço e nos braços.

Embora notável para a época, a narrativa de Pigaffetta não apresentava, porém, aquele interesse científico que só apareceu com os estudos antropológicos do século XIX. Aliás, no que se refere a Timor, muitas incertezas e até incorrecções tiveram lugar, devido à deficiência ou ausência de observações directas. Quatrefages e Hamy, por exemplo, na sua monumental «Crania Etnica», referem-se ao problemas das raças de Timor e dizem que Péron, em 1807 falava de uma população negra no interior da ilha. Hamy, em 1875, reconhecia em Timor negros de duas raças distintas: negritos no centro e sul da parte portuguesa e papúas na região ocidental. O elemento papúa ligaria Timor às terras melanésicas situadas a oriente e o elemento negrito estabeleceria ligações entre Timor e Malaca, ou seja, com o continente asiático. Pouco depois (1877) Lesson baseado principalmente em considerações filológicas, discutia a questão da existência das duas raças e, tal como o fizera Wallace em 1859, atribuía características papúas à totalidade da população timorense, opinião que o trabalho craniológico do Dr. Barros e Cunha veio confirmar em 1898, pois embora tivesse chegado à conclusão de que os timorenses eram uma raça mestiça, produto de várias raças, fazia notar que o elemento papúa predominava enormemente sobre os outros. Deve dizer-se no entanto que a origem dos crânios estudados foi posta em dúvida visto terem sido colhidos num terreno onde se ferira sangrento combate em que haviam tomado parte timorenses, indianos, africanos e europeus ([41]).

([41]) J. A. Pires de Lima e Constantino Mascarenhas — «Contribuição para o estudo antropológico de Timor», separata do «Arquivo de Anatomia e Antropologia», Porto.

Para outros, porém, (entre eles Forbes), existiriam em Timor vários tipos somáticos desde os malaios aos papúas, aos polinésios e até, possivelmente, aos negritos. Crawfurd, citado em «Crania Etnica», opinava que certos timorenses constituíriam uma raça intermédia entre os malaios e os papúas. Por seu lado, Junghuhn, em 1847, reunia os timorenses aos Batás, aos Daiaques, aos Alfuros, aos Macassares e a outros povos do grande arquipélago e formava com eles os indonésios ou proto-malaios, distintos dos malaios pròpriamente ditos, dos negritos, dos melanésios e dos papúas.

Ao holandês H. Ten Kate (1893) se devem as primeiras grandes investigações «in loco». Ele chegou à conclusão que não vira negritos nem papúas puros mas populações profundamente mestiçadas de sangue com maior ou menor mistura de outros elementos negróides ou amarelos, predominando nos Belos (território português) o tipo indonésio — ou proto-malaio como lhe chamara Junghuhn — e nas populações da parte ocidental o tipo melanésio, papúa ou negróide. A ideia de Kate ([42]) por ele próprio confirmada em 1915, foi apoiada por J. Wanner em 1913 e seguida com maiores ou menores alterações por outros cientistas sem que, no entanto, deixasse jámais de ser notada a heterogeneidade somatológica dos timorenses aliás confirmada pelos trabalhos do Prof. Mendes Corrêa (publicados em 1916 e baseados em observações feitas no Oé-Cussi por Fonseca Cardoso) e pelas medições craniológicas de J. Pires de Lima e C. Mascarenhas (1925).

Em 1927, Fiedler ([43]) considerava os Atoni-Timor

([42]) H. Ten Kate — «Contribution à l'Anthropologie de quelques peuples d'Océanie» — in «L'Anthropologie», T. IV, Paris, 1893.

([43]) Herman Fiedler — «Der Insel Timor» — Friedrichssegen Lahn, 1929.

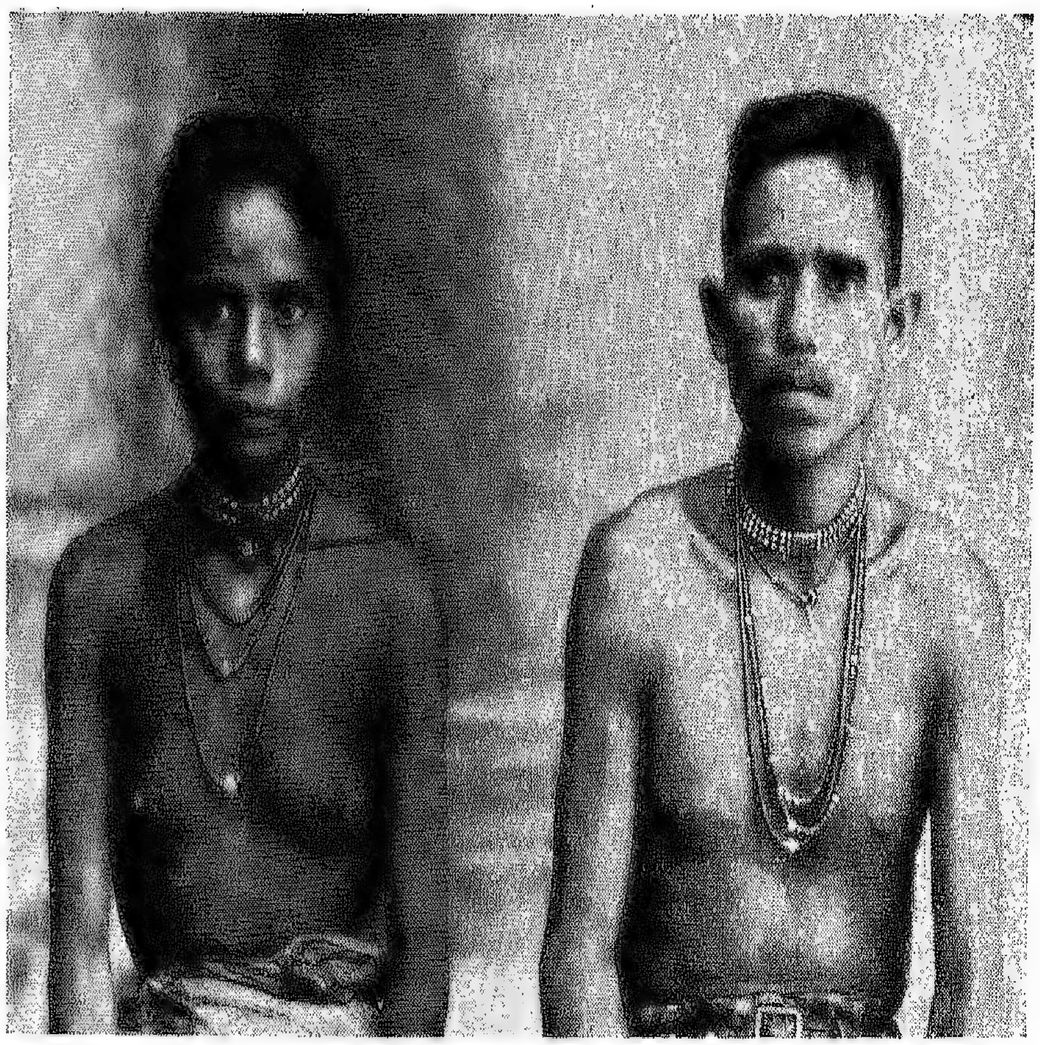


Fig. 11 — *Casal de Fohorem*

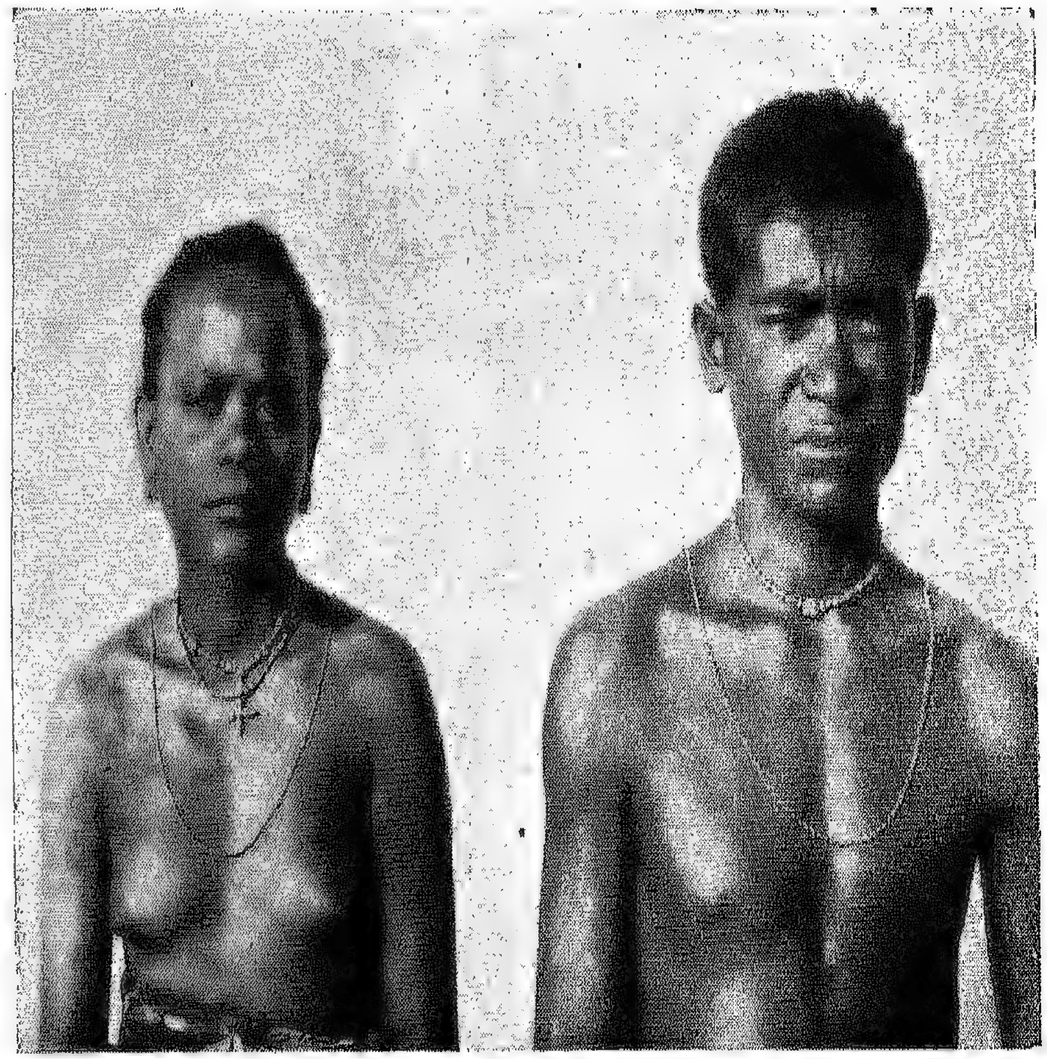


Fig. 12 — *Casal de Alas*

Fig. 13 — *Raparigas de Bobonaro*

Fig. 15 — *Casal da Ermera*

Fig. 14 — *Nativos de Maubara*

Fig. 16 — *Casal de Venilale*

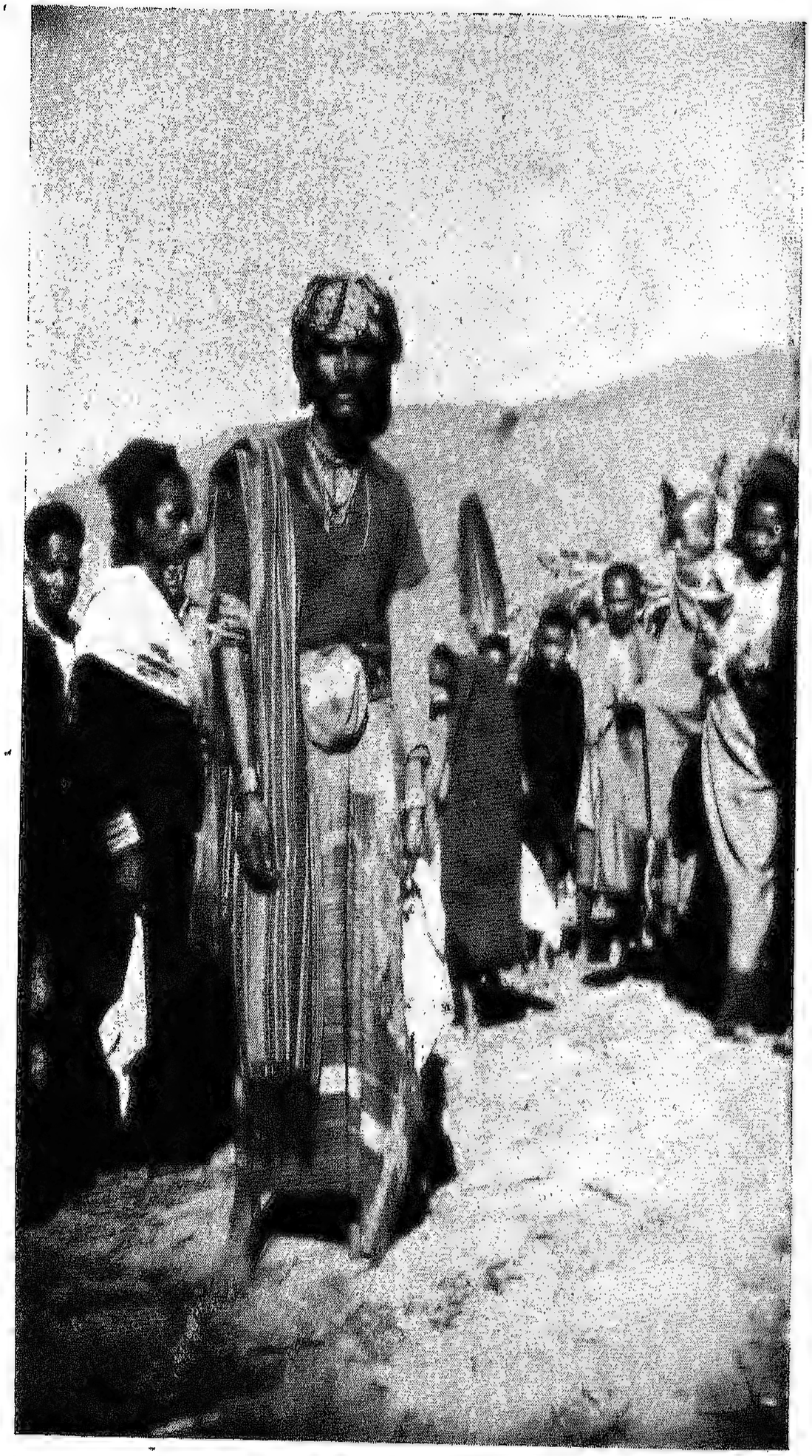


Fig. 17 — *Tipos nativos (Maubisse)*

(habitantes da parte ocidental) de origem papúa e os Belos, malaio-indonésios provenientes de uma das Molucas (como o julgou também Leite Magalhães). Mais tarde Bijlmer (44) confirmou a diferença entre os timorenses do ocidente, de cabelos frisados e por vezes com a característica trunfa papúa, e os do oriente, de cabelos lisos ou ondulados como os malaio-indonésios.

É, porém, ao Prof. Mendes Corrêa que se devem as mais completas considerações antropológicas sobre a nossa província de Timor (45). Nos seus trabalhos foram apreciados certos caracteres antropológicos (conformação dos cabelos, forma dos olhos, do nariz, do rosto, espessura dos lábios, tipo constitucional, etc.), alguns deles após estudo minucioso das esplendidas fotografias do «Album Fontoura» mandado organizar pelo antigo Governador de Timor, Eng. Álvaro da Fontoura.

O Prof. Mendes Corrêa confirma a heterogeneidade já verificada. E diz que nas populações do nosso território (os Belos de outrora) predominam, de facto, os elementos protomalaios (ou indonésios) com tendências ora europóides, ora melano-indóides mas sem marcado negróidismo ou mongoloidísmo. Com muito menor frequên-

---

(44) H. J. T. Bijlmer — «Outlines of the Anthropology of the Timor Archipelago», Weltevreden, 1929.

(45) António Augusto Esteves Mendes Correia — «Timorenses de Okussi e Ambeno» — in «Annaes da Acad. Polytechn. do Porto», T. XI, Coimbra, 1916.

Idem — «Antropologia Timorense» — Separata n.° 4 da «Revista dos Liceus», Porto, 1916.

Idem — «Timor Português» — Contribuição para o seu estudo antropológico» — Lisboa, 1944.

Idem — «Um problema de biologia humana em Timor Português» — in «Boletim da Agência Geral das Colónias», Lisboa, 1945.

Idem — «Raças do Império», Porto, 1943.

cia surgem elementos deutero-malaios mais ou menos mongoloides e elementos vedo-australóides, aparecendo em último lugar (7 a 8 % em todo o território) os tipos afins dos melanésios e papúas «cujas trunfas típicas e narizes aduncos clássicos» (31) são ali raros. E de facto o vulgar nos timorenses é o cabelo liso ou ondulado quase sempre preto ou muito escuro destacando-se bem duma pele com cambiantes amarelados que vão dum tom claro ao mais escuro.

O mesmo autor julga que o baixo índice cefálico de alguns núcleos populacionais (distinto da braquicefalia frequente nos malaios), o aspecto inferior dos vedo-australóides de Timor e a observação quase exclusiva de exemplares da metade ocidental da ilha, teriam sido factos que levaram alguns autores a dar à influência papúa no Timor português um relevo que só pode aceitar-se em relação ao interior do enclave do Oé-Cussi.

Ao dar ao nosso timorense a característica francamente proto-malaia, o Prof. Mendes Corrêa julga-o, de acordo com a sua teoria da autoctonia, um tipo indiferenciado primitivo, uma forma sintética ou generalizada da Paleontologia, da qual teriam porventura derivado, segundo uma tendência evolutiva dirigida em vários sentidos, muitas das formas existentes em Timor (australóides, europóides, melano-indóides, mongolóides, negróides). De resto, o Prof. Mendes Corrêa não dá às migrações de diversas origens raciais o valor que outros autores lhes concedem, atribuindo-lhes a causa da heterogeneidade verificada. A sua teoria parece bem estabelecida e é naturalmente a que prevalecerá: Timor não será um cadinho de fusão ou justaposição de raças, uma área de metamorfismo racial de contacto, mas uma parte de uma área insulíndica de diferenciação antropológica primordial.

É possível, no entanto, que os estudos recentemente levados a efeito pela Missão Antropológica de Timor, tragam novas contribuições a este magno problema, como certamente trarão a um melhor esclarecimento do aspecto somatológico dos timorenses. Sob este ponto de vista, o que existia feito até agora era pouquíssimo: algumas observações realizadas em pouco mais de uma dúzia de nativos vindos às Exposições Coloniais da metrópole, e umas quantas, feitas por estrangeiros, mais em indivíduos do território agora indonésio do que em indígenas do nosso Timor. Em face da heterogeneidade existente, as indicações obtidas não se podiam considerar satisfatórias. Por outro lado, as medições feitas nos timorenses prestando serviço militar, embora muito valiosas, são incompletas, em virtude de não incluírem indivíduos do sexo feminino e de apenas se referirem a certos elementos. As médias do ano de 1953, referidas a uma série de 283 mancebos, constam do seguinte quadro:

Valores médios	Peso (kg.)	Estatura (m)	Perímetro toráxico (m)	Índice de Pignet
Quando encorporados ..	50,5	1,59	0,795	29
Um ano depois	55,0	1,60	0,82	23

O maior valor destes dados reside na possibilidade de mostrar, por um lado, a fraqueza física do timorense em geral, e, por outro, os benefícios colhidos durante o serviço militar. Mas sob o ponto de vista antropológico, estas indicações são pouco interessantes, até mesmo por resultarem de medições feitas em indivíduos escolhidos. A estatura de 1,59 m, embora indique, de uma forma geral, indivíduos baixos, não esclarece que o timorense do litoral é acentuadamente mais baixo que o

da montanha ou o do planalto de Lautem. O peso e o perímetro toráxico médios, reveladores de deficiente robustez física, também não permitem deduzir que nas regiões montanhosas de Timor há bons exemplares humanos, o mesmo sucedendo, como há pouco, na zona leste da ilha.

De um modo geral, pode assim dizer-se que os caracteres somáticos dos timorenses são até agora conhecidos de forma muito imprecisa.

DESCRIÇÃO ETNOGRAFICA DOS TIMORENSES

Quando os primeiros portugueses desembarcaram em Timor, a ilha era, no dizer de Afonso de Castro (46), habitada por um povo bárbaro embora já na terceira estação da marcha da humanidade pois nem caçador nem pastor já era, mas sim agricultor. «O homem tinha abandonado os bosques, a vida errante e nómada, e havia-se fixado nas terras cultiváveis. A tribu tinha-se transformado em aldeia, e a aldeia havia estabelecido relações com outras vizinhas formando estado. Pequenos e miseráveis estados, mas com todos os elementos que constituem nação».

Por seu lado Osório de Castro (47) escreveu que o timorense, centenas ou milhares de anos antes da nossa chegada à ilha, já conhecia todas as grandes invenções da humanidade, «apresentando uma civilização pastoril e agrícola completa, com um curioso esboço de monarquia electivo-hereditária e notáveis manifestações artísticas». E embora nem todos os autores concordem com a notabilidade destas manifestações de que, sob certos aspectos (monumentos, por exemplo) não existem os mais pequenos indícios, é opinião unânime de que o esboço político-social era, de facto, consistente, dele ainda hoje existindo restos. O estado de atraso geral da população era, porém, enorme, limitando-se a indústria quase ao fabrico dos panos de algodão com que se cobriam e o comércio à permuta de cêra e de sândalo por certos produtos que à ilha levaram macassares, malaios e javaneses. Os timorenses não possuíam qualquer forma de escrita mas já conheciam o ferro, utilizando-o nas suas armas de guerra, a espada (catana), a azagaia e a flecha (48).

Este conhecimento, aliado ao uso da piroga de dois flutuadores («beiro») e à organização social existente, com classes separadas, são elementos que levam o Prof. Mendes Corrêa a enquadrar a cultura do timorense das descobertas no nível superior ou malaio pròpriamente dito do domínio indonésio-malaio do ciclo austronesóide da classificação de Montandon. Com os sacrifícios humanos e a crueldade registados neste ciclo condiziam em Timor o corte de cabeças na guerra, o assassinato sob a acusação de feitiçaria ou bruxedo e a pena de morte para réus de certos crimes.

Nas páginas que se seguem vamos procurar fazer uma descrição geral das populações nativas, seus usos e costumes mais notáveis, sua religião, seus dialectos. Em certos casos as indicações dadas referem-se a épocas atrasadas, delas não sendo hoje possível vislumbrar mais que simples vestígios. É o que sucede com a organização político-social. Em outros, o rigorismo cedeu à influência civilizadora e as práticas correntes não serão mais que modificações mais ou menos profundas. É o que se verifica em certos usos e costumes. Finalmente, alguns aspectos mantêm toda a actualidade como os que respeitam

(46) Afonso de Castro — «As Possessões Portuguesas na Oceania», Lisboa, 1867.

(47) Alberto Osório de Castro — «A Ilha Verde e Vermelha de Timor», Lisboa, 1943.

a crenças, línguas, questões religiosas e, até certo ponto, questões familiares.

1) — *A organização político-social*

A ilha de Timor dividia-se em uma série avultada de reinos ou regulados, todos mais ou menos independentes entre si. Parece, no entanto, que os 46 reinos da parte oriental da ilha — a província dos Belos chamada, e que correspondia aproximadamente ao actual território português mais a região de Atambua, agora indonésia — reconheciam o predomínio do régulo de Behale. E, por seu lado, os 16 reinos ([48]) da parte ocidental — denominada província do Servião — suportavam a supremacia do régulo de Senobai que usava título de imperador.

O Behale nos Belos e o Senobai no Servião, eram, portanto, os grandes potentados duma ilha toda retalhada em reinos que teimavam em manter entre si uma feroz independência. Cada um destes régulados era governado por um «liurai», a quem os portugueses chamaram primeiro rei e mais tarde régulo, e incluía um certo número de «sucos» cada um deles formado por um dado número de povoações. Tanto o «liurai» como o chefe de suco eram «dató», isto é, príncipes, podendo sê-lo também algum chefe de povoação. Os «dató» formavam uma classe aparte, a da nobreza, e diziam-se senhores da terra, a eles pagando o povo um imposto — o «rai-ten» — que servia de licença para cultivar dado trato.

O «liurai», com poder de vida ou de morte, era a autoridade máxima na organização social indígena, governando por intermédio dos «dató». Embora a lei fosse

([48]) Veja-se o «Documento Sarzedas», citado em «Solor e Timor», do Ten.-Coronel Faria de Morais, Lisboa, 1944.

consuetudinária, o «liurai» não estava por ela abrangido e podia alterá-la quando quizesse. A justiça administrava-a na sua própria habitação, utilizando como intermediário uma pessoa da sua confiança, o «durbassa», que depois deu o interprete das nossas administrações e postos. Para os crimes de homicídio, roubo e ofensas ao «liurai» ou à sua família, havia a pena de morte só decidida pelo «liurai».

O «liurai» era eleito pelos outros «dató» entre os filhos (ou entre os sobrinhos maternos, segundo alguns autores ([49])) do «liurai» falecido. Se este não deixava descendência os «dató» reuniam-se em conselho e elegiam um deles. Este sistema electivo-hereditário era também seguido para a nomeação dos chefes de «suco». Aparece assim, uma monarquia onde o rei governava com os seus pares, os «dató». A hierarquização desta classe era bastante completa e depois que o Governador Coelho Guerreiro concedeu aos chefes indígenas patentes militares, os «liurais» eram coronéis, os regentes dos reinos (que assumiam funções de «liurai» quando este se encontrava impossibilitado ou falecia, até nova eleição) eram tenente-coronéis, e os chefes de «suco» eram majores e capitães. Os chefes de povoação eram tenentes e alferes.

A seguir à nobreza, existia em Timor a classe dos «tumungões» que eram chefes de povoações e, nas guerras, assumiam os comandos das tropas podendo obter a patente de oficial. E abaixo dos «tumungões» estava o povo ou «êma» que fornecia os guerreiros e a guarda do «liurai» e constituía o verdadeiro sustentáculo material da nobreza. Era o povo que pagava aos «dató»

([49]) Veja-se o artigo «Notas etnográficas sobre o Timor Português», da autoria de Viriato Luís Mendes do Vale, publicado no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, n.os 10 a 12, de 1952.

o «rai-ten», o preço dos seus nobres «barlaques» e dos seus dotes, a justiça que se lhe fazia e que ainda por cima era sobrecarregado com castigos, multas e impostos.

A estas três classes — «dató», «tumungões» e «êma» — juntava-se ainda a dos escravos que podiam provir de compra em tempo de paz ou de aprisionamento durante a guerra. Os escravos podiam ser de propriedade individual (os «ata») ou pertencerem ao reino (os «lutuúm») e neste caso eram utilizados como trabalhadores da terra e guardadores dos rebanhos dos «dató».

Deve dizer-se que a escravatura era bastante suave, podendo os escravos passar a fazer parte da família por adopção ou por casamento, ficando com direitos iguais aos dos membros legítimos. Esta possibilidade não a tinham, é claro, os escravos dos «dató».

✯

Esta organização vigorou enquanto a ocupação europeia se não fez sentir. Depois, a autoridade dos chefes indígenas diminuiu, a integridade territorial e política dos reinos desapareceu, as populações deixaram de estar subordinadas a «liurais», a «dató» e a «tumungões» que as escravizavam e exploravam, para dependerem quase directamente dos representantes da autoridade portuguesa.

Logo após a campanha de Filomeno da Câmara, o sistema electivo dos chefes indígenas alterou-se. Para substituir os liurais infieis foram eleitos, pelos indígenas, os guerreiros que mais se haviam distinguido nas lutas, mesmo que não fossem «dató». Esta casta foi assim desaparecendo, pois os novos chefes, embora respeitados por hábito, já não puderam formar uma aristocracia seme-

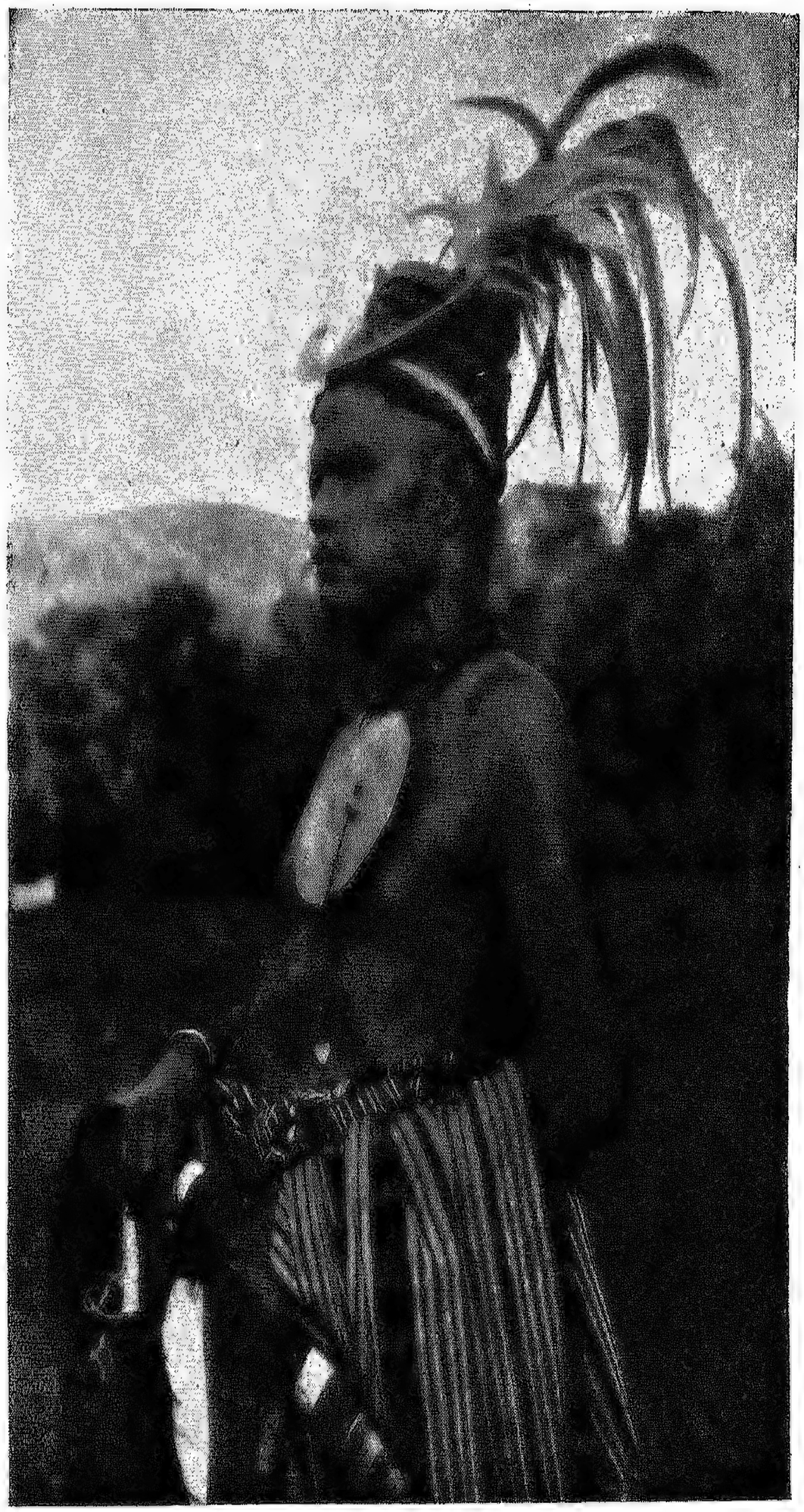


Fig. 18 — *O heróico régulo D. Aleixo Corte-Real*

Fig. 19 — *Um filho do régulo D. Aleixo com um «principal» de Ainaro*

Fig. 20 — *Aos régulos que foram mortos pelos Japoneses por se recusarem a renegar Portugal, ergueu o Governo monumentos como este. Ao fundo uma casa para chefe de «suco»*

Fig. 21 — «*Principais*» *de Alas*

lhante à dos «dató». Nem, de resto, lhes foram concedesfruta de uma estrutura bastante sólida, perfeitaanteriormente.

Não quer isto dizer que os timorenses de hoje sejam considerados ou se considerem iguais uns aos outros. Aliás tende-se até para voltar a prestigiar os chefes nativos pois deles necessita a administração da província. Mas tudo se procura fazer dentro de normas justas e de equilíbrio o que não acontecia quando Timor se achava dividido em reinos sempre irrequietos.

2) — *Religião e crenças*

Nem o induísmo nem o islamismo exerceram qualquer influência sobre o timorense que, em matéria de religião, só se modificou graças à acção dos missionários cristãos exercida num número de indivíduos que actualmente se calcula em 60.000.

É claro que nem mesmo nestes cristãos («serâni», em tétum) se podem considerar completamente abolidas as antigas crenças animistas. Caminha-se, porém, para isso.

As considerações que se vão fazer referem-se apenas aos timorenses não influenciados pelo catolicísmo e algumas delas certamente já sofreram — em relação às que se podiam ter feito na época seiscentista — o burilamento dado pelos séculos e pela influência da civilização.

O timorense era e é animista e para ele as almas dos mortos («máté-bian», em tétum) têm necessidades em tudo idênticas às dos vivos, cuja existência copiam, sem qualquer regalia ou castigo. O bom será sempre bom e o mau sempre mau. Mas nem aquele terá Céu nem este Inferno.

Na boca do nativo de Timor aparece muitas vezes a palavra «marômac» que os missionários traduzem por

Deus. Osório de Castro foi de opinião que para o timorense, «marômac» é o «liurai» ou régulo das almas dos defuntos, com quem vive e para quem é bom mas cuja localização se ignora (50).

Por outro lado, parece surgirem em Timor restos de totemismo. Como se sabe, o «totem» é uma entidade ou coisa que um dado grupo humano venera e considera como entidade tutelar (patrono), como emblema simbolico e como ascendente do grupo e a este relacionado misteriosamente (51). Mas só se admite que há totemismo quando se encontrarem reunidos os atributos indicados acima o que não se pode afirmar que aconteça em Timor. Não há dúvida, no entanto, que a maior parte dos timorenses (em Lautem não é assim) considera o crocodilo como «lúlic» (sagrado) (52), chamando-lhe «avô» e tomando-o como habitáculo das almas dos antepassados. Não o matam nem o comem, antes lhe levam arroz e betle. José S. Martinho refere que nas montanhas de Maubisse, Turiscai e Manufai, as enguias das ribeiras eram veneradas pelos nativos que as consideravam o «espírito da água» e protectoras do grupo. Osório de Castro afirma ainda que em outros pontos da província são adoradas umas pequenas cobras escuras (em Lautem) e certos macacos

(50) No entanto, parece que os timorenses localisam a alma na cabeça humana só assim se concebendo a sua predilecção pelo corte de cabeças que evitaria que a alma do morto perseguisse o degolador. Osório de Castro diz que para o timorense as almas dos mortos dormiam de dia sobre a terra, passeando durante a noite. José S. Martinho diz que a residência de «marômac» se chama «Lalêhan» e é o paraíso das almas.

(51) O Prof. Mendes Corrêa considera esta relação misteriosa a característica mais importante do ciclo totémico.

(52) Um objecto, um lugar, um animal, que aos timorenses se afigure sagrado ou de virtudes mágicas, para bem ou para mal, é denominado «lúlic».

são considerados «lúlics». Este autor chama também a atenção para os nomes de alguns reinos e povoações como, por exemplo, Manatuto (de «manú», pássaro, e «tuto», picador), Manufai (de «manú» e «fáhi», porco), Bíbiluto (de «bíbi», cabra, e «lútu», redil). Não se encontrarão aqui manifestações totémicas?

Para o timorense qualquer objecto ou coisa pode ser «lulic». Assim, são «lulic» as árvores que vemos rodeadas de pedras, em geral junto de nascentes à beira de estradas (como a poucos quilómetros de Maubisse, na estrada de Aileu). A lagoa de Tíbar é dada como «lulic» por Osório de Castro o mesmo sucedendo à montanha Liu-Uâni entre Metinaro e Lacló, à mata do Mundo Perdido, ao próprio Cablac. Os enormes gondões tinham, em geral, «lulics» próprios a quem os timorenses ao acabar a sementeira do milho iam oferecer propiciatòriamente carne de animais abatidos.

Os «lulics» de menores dimensões eram guardados em casas apropriadas construidas com a colaboração de todo o reino (as «uma lúlic», significando «uma», casa), erguidas sobre pilares ao lado da do chefe da povoação, da qual sobressaíam pelas maiores dimensões e pela própria construção. Osório de Castro descreve assim a «uma-lúlic» de Laga: «sobre esteios sustentando a meio uma plataforma de madeira, aberta, assenta um andar, coberto de alto teto em pirâmide irregular truncada e encimada a truncatura por uma construção sobrepujante em forma de gôndola com, entre as quilhas, uma câmara quadrangular. Por escada amovível se sobe à porta, lavrada com ornatos, com a figura de um «toqué» (53) numa das meias portadas, de uma cobra na outra. O remate do teto é ornado com grandes buzios univalves».

(53) Admitimos que a representação pretendesse ser de um crocodilo e não de um «toqué».

A indicação dos lavrados corresponderá ao atributo totémico do emblema simbólico? Aliás, na «uma-lúlic» de Maubisse que visitámos também observámos desenhos de animais. A construção era ligeiramente diferente, em especial na cobertura de capim e gamute, feita em cone. Em Ir-lélo, Batugadé, a «uma-lúlic» apresentava colunas de madeira lavradas.

Na «uma-lúlic» era religiosamente guardado tudo o que ao timorense causasse estranheza ou receio de misterioso malefício, todos os objectos — por vezes de grande valor — que haviam pertencido a mortos ilustres (54) fossem amigos ou inimigos e da sua raça ou não. A «uma-lúlic» era uma espécie de templo do povo, de construção rudimentar mas que infundia alto respeito religioso e representava a possibilidade de se conhecer boa parte da história do povo ou da família. Próximo dela ficava um altar redondo, de pedra, sobre o qual o «rai-lúlic» ou «dató-lulic» — adivinho do reino e guarda da «uma-lúlic» — fazia os seus «estilos» em vésperas de luta, consultando as entranhas de animais. Estes altares eram por vezes de grandes dimensões (há um enorme na povoação de Ai-tuto, próximo de Maubisse) e no centro dele erguia-se um poste com entalhes onde eram alojados os chifres dos animais abatidos durante os «estilos». Antigamente, junto deste altar havia também a árvore-trofeu onde se penduravam os crâneos dos inimigos decapitados.

Além da «uma-lulic» da povoação, cada família tinha

(54) Em «Quatro Séculos de Colonização Portuguesa», José Simões Martinho diz que na «uma lulic» se guardavam antigos tambores de guerra e de festa, catanas de «assuáis», bastões de «liurais», velhas fardas, espadas e espingardas (mesmo de europeus), jóias, panos, louças e até pontas de búfalos abatidos para honrar as almas daqueles a quem tais objectos haviam pertencido.

a sua e aos objectos nela guardados fazia oferendas de alimentos por ocasião das sementeiras e das colheitas do milho e do «néli» (arroz) ou quando havia um óbito ou um nascimento. Os próprios destacamentos de «moradores» antes de marcharem para alguma campanha, íam ao lugar «lúlic» fazer adoração ou procurar auspícios nas entranhas dos animais que aí sacrificavam. E não poucas vezes o combate teve de ser adiado para melhor ocasião.

Em geral, os mais importantes acontecimentos da vida do timorense eram precedidos de «estilos», cerimónias gentílicas presididas ou não pelo «rai-lúlic» e que podiam ser acompanhadas de danças e cânticos mas onde geralmente, havia rêses abatidas. Havia «estilo» para a inauguração duma casa suspensa, para pedir chuva ou protecção contra as pragas, etc. Mas os mais importantes e que maiores desbastes causavam na pecuária da ilha (e a tal ponto que teve de ser regulamentado e limitado o número de animais a abater) eram os «estilos» de «acói-máté» (enterro dos mortos). Ao falecer alguém, os membros da família eram convocados para o enterro que só se realizava, às vezes, muitos meses depois, quando todos eles se encontravam reunidos. Nesse dia, finalmente, o morto ía a enterrar metido num caixão feito de um tronco de árvore e todos os porcos, búfalos e cabras pertencentes ao falecido (além dos animais trazidos pelos parentes) eram abatidos para que a sua alma pudesse acompanhar a do dono. O banquete que se seguia durava dias e semanas e era acompanhado por danças e batuques.

Actualmente, o enterro do morto é feito como para os cristãos dentro de 24 horas após o falecimento mas a cerimónia do «acói-máté» tem na mesma lugar quando todos os parentes se encontram reunidos e em vez do corpo são venerados objectos de uso pessoal do falecido (em geral a esteira e a almofada).

Os «lúlics» levam o timorense a considerar diversos «tabús» que são proibições de fazer qualquer uso de dados objectos sob pêna de sanções mágicas. Refere Osório de Castro que no suco de Manu-Quic, reino da Era, a leste de Dili, nada se comia do que se criava nas águas doces ou marinhas por tudo ser «lúlic». Aliás em grande parte de Timor as enguias que pululam nas ribeiras são «lulic» e os nativos convencem-se de que quem as comer se cobre de feridas.

O feiticísmo era prática corrente outrora em Timor. Os nativos atribuem as suas doenças ao mau olhado e à intervenção dos espíritos maus, comedores de almas — os «búan» ou «suang», feiticeiros —. Assim, quando algum adoecia ou morria sem se saber o motivo, logo o curandeiro do povo — o «mátan-dóc» — era consultado para se descobrir o «suang». E ele o fazia indicando como culpado um desgraçado qualquer com quem não simpatizasse, o qual era assassinado em público como feiticeiro por parente do enfeitiçado se este não o podia já fazer por ter morrido. Em geral a família do pretenso «suang» também não escapava à horrível morte. As nossas autoridades acabaram há muito com estas práticas bárbaras que originaram a morte de muitos inocentes cuja única culpa era desagradarem aos «mátan-doc».

Muitas outras crenças se apontam aos timorenses. Ainda hoje se vêem erguidas pedras «lulic» nos arrozais e nas hortas, para livrarem a sementeira de todos os males incluindo os ratos. Feixes de capim são suficientes para defender a horta onde eles são colocados. As árvores de fruto ficavam protegidas dos ladrões só com dependurar-se-lhes uma catana. Um dente de crocodilo guardado em casa era amulêto contra incêndios e usado

ao pescoço protegia do próprio animal à passagem das ribeiras. São indícios de mau agoiro o silêncio dos «toqués», os eclipses, o cantar nocturno das pombas, etc..

É, no entanto, interessante notar que os timorenses não realizam cerimónias especiais respeitantes às mutilações etnicas. De resto estas mutilações são em escala muito reduzida. As orelhas são furadas aos 4 ou 5 anos e os dentes são cortados na adolescência ou mais tarde. As tatuagens são vulgares, em especial nos homens, julgando os nativos que os tatuados entram mais fàcilmente no paraíso. Não existe a excisão nas mulheres e a circuncisão (limitada aos povos de línguas búnaque e quêmaque e a alguns grupos do litoral) é individual, sem qualquer cerimonial.

3) — *Vida familiar. O casamento.*

Entre os povos desenvolvidos o casamento assume uma importância que raramente é compreendida por quem desconhece o meio. Julga-se vulgarmente que esses povos casam quando querem para simples satisfação de desejos carnais e sem que à união assistam laços perduráveis, dada a imoralidade que se supõe reinar.

A verdade é completamente diferente, constituindo o casamento entre povos pouco desenvolvidos um acto de extraordinária importância, cujas consequências desencadeiam talvez a maior parte das questões que aos funcionários administrativos é dado resolver.

O casamento entre nativos é um acordo vitalício que se assemelha ao casamento cristão em três aspectos essenciais:

— Destina-se à procriação e à formação de uma família.

— Leva os cônjuges a contrair obrigações. Destas, são mútuas a assistência, a fidelidade e o dever conjugal. É obrigação do marido a protecção. É obrigação da mulher a submissão.
— Só é realizado quando os noivos são púberes.

Mas, em geral, difere nos pontos seguintes:

— É um negócio entre dois grupos humanos e não entre duas pessoas.
— Exige dos noivos o cumprimento prévio de iniciações rituais.
— Está sujeito a um dote, normalmente pago pela família do noivo à da noiva e que serve de garantia do bom comportamento da mulher (pois se ela se porta mal o marido pode repudiá-la e exigir da família a devolução do dote) e da caução do bom tratamento do marido (pois se ele a trata mal, ela pode abandoná-lo, e ele para casar novamente terá de pagar novo dote). O dote não é destinado ao pagamento da noiva, pois, ao contrário do que por vezes se tem escrito, a mulher não é comprada. Ela mantém depois de casada os seus direitos como ser humano. O dote representa antes uma compensação económica dada à família da noiva pela mão-de-obra que se lhe vai buscar. E em países onde a mulher executa todos os trabalhos, não admira que exista tal compensação. O dote destina-se ainda a pagar o trabalho que a noiva deu a criar à respectiva família e é ele quem, em certas regiões, vai permitir ao irmão da noiva casar e pagar, por sua vez, outro dote. Finalmente, em alguns casos, o dote é o

Fig. 22 — *Poste onde são colocadas as hastes dos animais abatidos nos «estilos» (Aituto, Maubisse)*

Fig. 24 — *Danças indígenas (Laclubar)*

Fig. 25 — *Um casal de Suai (costa sul)*

Fig. 26 — *Casal timorense de Maucatar*

preço da aquisição do direito aos filhos que resultarem do casamento.

Tenha, porém, o aspecto que tiver, o dote é importantíssimo nas relações sociais dos povos menos civilizados (tal como o é, de resto, nas dos civilizados). Pode dizer-se que ele é o esteio material do casamento.

— É limitado o consentimento dela para a união e o dele, em certas regiões, também pouco interessa, podendo ambos ser prometidos quando ainda crianças ou mesmo antes de nascerem. Aliás este procedimento também tem explicação racional destinando-se a manter os dotes dentro de determinado círculo económico. Se aos noivos fosse permitida a escolha podia suceder que, pouco a pouco, a riqueza representada por sucessivos dotes saísse duma para outra região, deixando aquela arruinada. Sendo as famílias a intervir, o negócio pode ser estudado com mais calma, pesando-se as conveniências.

— Não interessa o comportamento anterior da noiva.

— Admite a poligamia no sentido vulgar da palavra (um homem com várias mulheres). Aliás a poligamia, que constitui indício de riqueza e de prestígio, tem determinantes estabelecidas, entre as quais afloram a esterilidade da primeira mulher (cujo prestígio no entanto se mantém), os impedimentos sexuais durante a gravidez e o aleitamento, levado, não raro, até a criança ter dois ou três anos (o que determinaria jejuns sexuais de três e quatro anos por cada filho), e a necessidade de protecção na velhice.

É aos aspectos diferenciais do casamento entre timo-

renses que nos vamos referir, embora duma forma resumida. De resto, esta diferenciação tende a esbater-se à medida que a civilização penetra no interior do território.

Quando um timorense quer casar pede ao pai para ir a casa do futuro sogro apresentar a proposta. Se a união é, em princípio, olhada favoràvelmente e não há impedimentos conjugais, o pai da noiva prontifica-se depois a ir consultar a mãe e os restantes parentes. Caso estes dêm o seu assentimento, ambas as partes nomeiam um advogado e o pai da pretendida marca-lhes uma data para se reunirem e ajustarem o dote.

No dia indicado os advogados comparecem no terreiro da residência da noiva e, rodeados pelos parentes masculinos dos noivos, iniciam a discussão do montante do dote. O advogado da família da noiva não se cansa de elogiar a formosura da rapariga, os seus dotes de trabalho, o elevado preço da sua educação e o sacrifício feito pelo pai para pagar o dote que lhe permitiu casar com a mãe dela. Entram também em linha de conta as posses do noivo e a sua categoria social, pontos estes que o respectivo advogado procura dispor a seu favor. As discussões arrastam-se por vezes com toda a assembleia masculina sentada e, mais afastado, o grupo feminino aguardando a resolução. Nenhum dos noivos assiste à cerimónia. Mas uma vez estabelecido o acordo o noivo é chamado e dá-se início a um banquete, do qual só a noiva, encerrada em casa do pai, é excluída. Só à noite, finda a libação, o noivo vai ter com ela.

No dia seguinte, já com a presença dos noivos, tem lugar outro banquete, ao qual assistem os parentes de

ambos os lados. Mas o noivo só pode levar consigo a noiva se tiver liquidado pelo menos um terço do dote. Este é, em geral, elevado, o que condena os timorenses sem posses ao celibato. Divide-se em duas partes, uma destinada ao pai da noiva e composta por meias luas, espadas gentílicas, dinheiro, búfalos, etc., e outra entregue à mãe e constituída por crias bufalinas ou cavalares. Esta última pode ser dispensada se o noivo é pobre e a primeira — dado o seu valor — pode ser paga em prestações. Até pagar parte do dote, o jovem casal é forçado a viver em casa do pai dela, constituindo-se assim o noivo em fiador do compromisso tomado.

Demora anos a libertação da coabitação, e alguns ficam toda a vida encadeados à família da mulher. Quando nascem os filhos, se parte do «barlaque» (assim se chama o dote — e o casamento, também —, em Timor) está ainda em débito, o marido pode resgatar-se dando um deles aos sogros. Se for varão, fica sem ele; se for rapariga, tem direito a metade do seu futuro «barlaque».

Se a jovem esposa tarda em dar filhos ao marido este, em especial se é abastado, procura outra mulher. De resto, também o pode fazer se ela lhe der filhos, pois nesse caso os impedimentos resultantes da gravidez e do aleitamento — períodos durante os quais o marido não pode manter relações ilícitas com outra mulher — levam-no a arranjar segundo «barlaque», único meio de legalizar a sua situação. Quando tal sucede a primeira mulher será sempre a «mulher grande». É a ela que o marido avisa quando resolve casar-se novamente (sem que ela se possa opor, pois isso seria motivo de divórcio). É ela que emite opiniões em múltiplos assuntos sociais. É ela que decide sobre os casamentos dos filhos do marido, sejam seus ou das outras mulhe-

res, e é ela que recebe os presentes dos «barlaques». Vista sob certo aspecto, a mulher timorense só ganha quando o marido casa outra vez, pois além dos presentes que recebe, diminui-lhe o trabalho a fazer, dividido como fica com a recém-chegada.

O marido polígamo é obrigado a cumprir igualmente o dever conjugal com todas as mulheres, para as quais deve lavrar horta e várzea e construir casas. Normalmente cada mulher tem a sua casa (como no Oé-Cussi, em Liquiçá, Manatuto, etc.); mas se todas ficam na mesma, a primeira mulher é a administradora.

Usufruindo da possibilidade de se casar várias vezes, o timorense não tem necessidade de ser adúltero. Mas se a mulher descobre que o marido lhe é infiel, obriga-o a uma indemnização que reverte para os pais dela. Se ele é polígamo, é forçado a dar o mesmo a cada uma das mulheres ultrajadas. Quanto à amante pode casar com o adúltero que a seus pais pagará o respectivo «barlaque». É com este «barlaque» que a nova esposa indemniza a primeira mulher.

Note-se que a poligamia é actualmente pouco frequente. Em 1930, Teófilo Duarte, no seu livro «Timor (ante-câmara do Inferno?)», indicava como existindo em todo o Timor 4.681 bígamos, 231 indivíduos casados com três mulheres, 38 com quatro, 8 com cinco, 3 com seis e apenas 1 com sete. As circunstâncias actuais são diferentes. Não se trata apenas do imposto que recai sobre os polígamos por cada mulher além da primeira. É que a cada «barlaque» corresponde uma grande despesa, incomportável com a debilidade económica da maioria dos timorenses. Além disso a acção cristã tem-se feito sentir de forma notável, e pelo menos oficialmente todos os convertidos têm uma só mulher.

O adultério da mulher, em geral, arruma-se dando

o sedutor uma certa indemnização ao marido ultrajado. É o que se denomina «lavagem da cara» e corresponde a uma forma prática de evitar complicações e despesas com novo «barlaque».

Em geral o divórcio está limitado por condições especiais. A mulher pode obtê-lo por ter sido abandonada, por o marido sofrer de doença contagiosa (e neste caso é vulgar o levirato, isto é, a transferência da mulher para um dos cunhados), por ser vadio ou madrião, por a tratar mal, por não ter pago o dote ou por não a alimentar ou não lhe ter feito casa. O homem divorcia-se por infidelidade constante da mulher, por ela não trabalhar ou por se opor a novo casamento. Normalmente, nem a infidelidade (que dá apenas motivo a indemnização), nem a esterilidade (que conduz à poligamia) são motivos bastantes para o divórcio, tal como a falta de virgindade não é impedimento para o «barlaque».

O levirato evita que a mulher saia do quadro da família e leve com ela os filhos menores que têm grande valor como mão-de-obra. O novo marido só paga o resto do «barlaque» que o irmão falecido não tinha ainda pago.

O divórcio implica em geral a restituição do «barlaque», se é o marido que apresenta queixa e prova a infidelidade incorrigível da esposa ou a sua fuga do lar. Se é ela que se quere divorciar e tem motivos para isso, não há lugar à devolução do dote. No primeiro caso há descontos a fazer, tendo em atenção os serviços prestados pela adultera ao marido ultrajado. Por vezes, a restituição do «barlaque» evita-se dando os sogros outra filha ao esposo ofendido. Se o «barlaque» está todo pago, os filhos pertencem ao pai que, no entanto, perde o direito à devolução. Se não está todo pago os filhos são da mãe, excepto se o pai resolve amorti-

zar a dívida. Por vezes os filhos são divididos, indo os rapazes com o pai (como em Manatuto, Liquiçá, Aileu, etc.).

☆

Os costumes que acabamos de citar referem-se, em geral, à região de Baucau e foram maravilhosamente descritos pelo capitão Armando Pinto Corrêa. Nas outras regiões há variantes, a algumas das quais passamos a referir-nos.

No Oé-Cussi, por exemplo, há casamento com dote e sem dote. No primeiro caso a noiva vai com o marido e os filhos pertencem ao casal cujo consórcio foi porventura ajustado quando os noivos eram crianças (o que também sucedia na ilha de Ataúro). No segundo caso, frequente no litoral, o noivo fica a trabalhar em casa dos sogros, não pode voltar a casar e os filhos são divididos por ele e pela mãe. Em ambos os casos a noiva deu o seu consentimento para o consórcio, tal como sucede em Manatuto e no Suro, mas não é usual em Liquiçá, Maubara, Baucau, etc. A infidelidade e a esterilidade podem ser causas de divórcio, e se este tem lugar, intervêm os parentes exigindo a devolução dos presentes com que contribuiram na altura do «barlaque».

Em Manatuto o casamento é semelhante ao do Oé-Cussi, podendo também ter ou não dote. Se tem dote, a noiva é adquirida a prestações e uma vez paga a última, o marido pode retirar a mulher de casa dos pais dela, chamar-lhe sua e ficar com os filhos. Se não tem dote, o noivo torna-se servo do sogro e obriga-se a considerar a descendência como pertença da família da mulher e a viver com os sogros sob o mesmo tecto. Pode, no entanto, remir-se pagando uma azagaia, uma lua e um

búfalo em troca da mulher e outro tanto por cada filho. A cerimónia do «barlaque» reveste-se de certas particularidades, comendo os noivos com a mesma colher e tendo os pulsos ligados. Antigamente a falta de virgindade da noiva era motivo de repúdio.

No Suro, como aliás em todo o Timor, a família da noiva corresponde ao dote com alguns presentes de menor valor (panos, porcos, etc.).

Em Maubara, no ajuste do dote, entrava-se em conta até com os cuidados tidos pelos pais da noiva para a criar e com o valor dos instrumentos agrícolas que tinham servido para semear as hortas que a haviam alimentado. A boda era custeada a meias por ambas as famílias e realizava-se na «uma-lúlic» ou em casa dos pais da noiva perante as relíquias dos antepassados.

Em Aileu as núpcias só se realizavam depois de reunidos todos os valores ajustados para o dote, os quais eram entregues no dia festivo. Por cada búfalo recebido, os pais dela correspondiam com um porco e um pano. Os recém-casados, na manhã seguinte ao dia da boda, iam para casa dos pais dele. Em certos casos o «barlaque» podia ser pago em prestações, mas se a dívida excedia o prazo combinado, os pais dela podiam levá-la para casa e barlaquearem-na com outro.

☆

Seja, porém, qual for a região de Timor, o casamento rodeia-se de problemas muito complexos, direitos e deveres que têm por único objectivo dificultar a sua dissolução. Um estudo sumário dos usos e costumes, mesmo quando realizado no resumo que acabamos de expor, permite verificar que — embora sob uma con-

cepção moral diferente — o casamento entre timorenses desfruta de uma estrutura bastante sólida, perfeitamente adequada à constituição e à sobrevivência da família.

Para o timorense, como para qualquer cristão, o casamento é o acto mais importante da vida e que maiores responsabilidades acarreta. A preservação desta concepção é favorecida inteligentemente pelas autoridades portuguesas que, no entanto, estão envidando esforços para fazer diminuir o valor dos dotes e, consequentemente, permitir que mais homens se casem.

4) — *Vestuário e adornos*

Seja qual for o sexo, o timorense usa sempre uma espécie de saia de algodão («tais» em tétum ou «lipa») que lhe desce até aos tornozelos. Nos homens, a «lipa» é em geral azul ou vermelha e listrada horizontalmente, apertando na cintura por meio de uma comprida faixa branca que dá duas ou três voltas ao corpo ficando a extremidade pendendo à frente. O tronco ou aparece nú ou é coberto por camisa ou camisola tipo europeu. Em qualquer caso, sobre um dos ombros é sempre colocado um outro pano que pode servir de abafo. Na cabeça usam um lenço que em geral é armado à moda malaia com uma ponta estendida. Andam descalços.

As mulheres usam o «sarong» malaio-javanês chamado «cambátic», que lhes chega até aos tornozêlos e pode ser de cores berrantes e com ramagens, e cobrem o busto com uma blusa (a «cabaia») por vezes finamente rendilhada. Muitas delas usam sapatos mas andam geralmente em cabelo.

Este é o vestuário de gala, com o qual aparecem em festas e, às vezes, nos «bazares». Os timorenses de me-

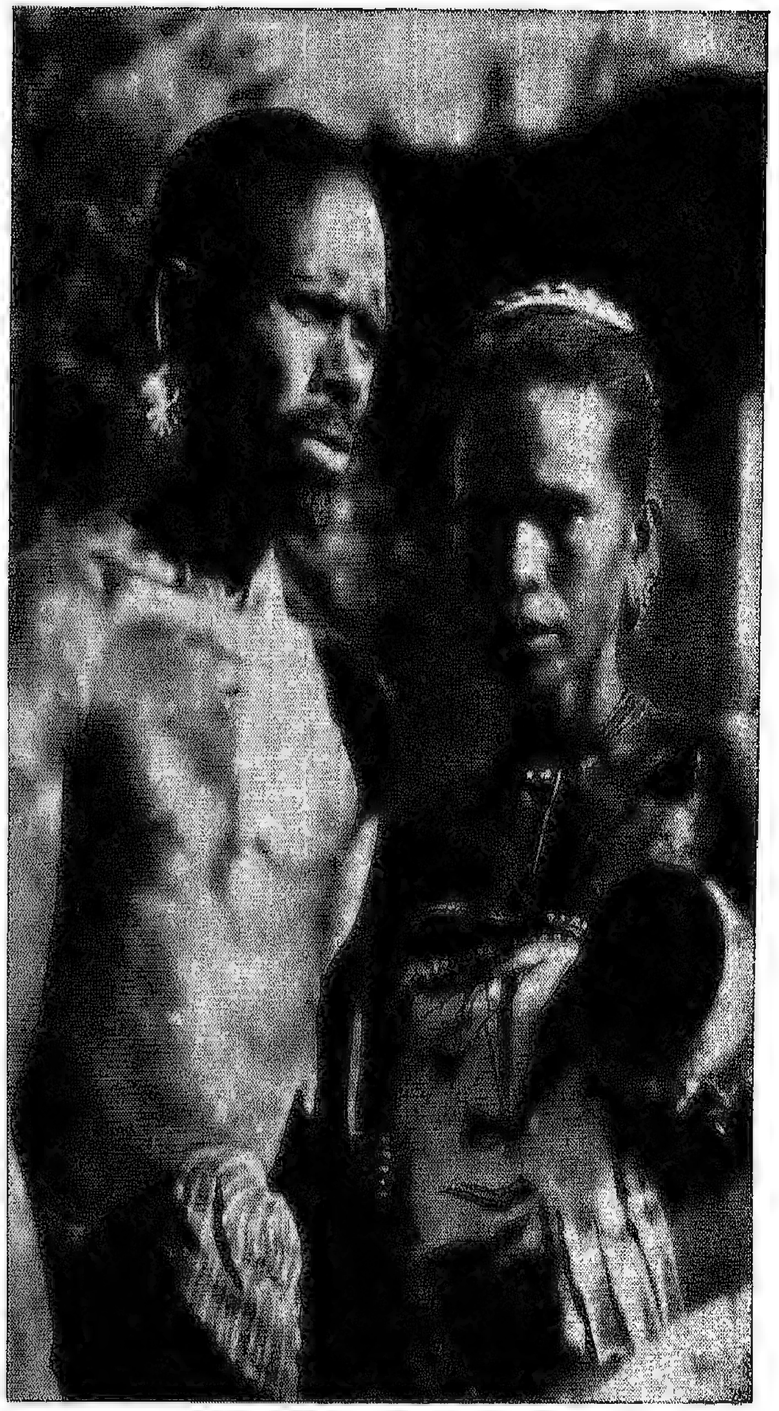


Fig. 27 — *Um casal timorense em traje festivo*

Fig. 28 — *Penteados de mulheres de Laclubar*

Fig. 29 — *Raparigas de Uato-Udo*

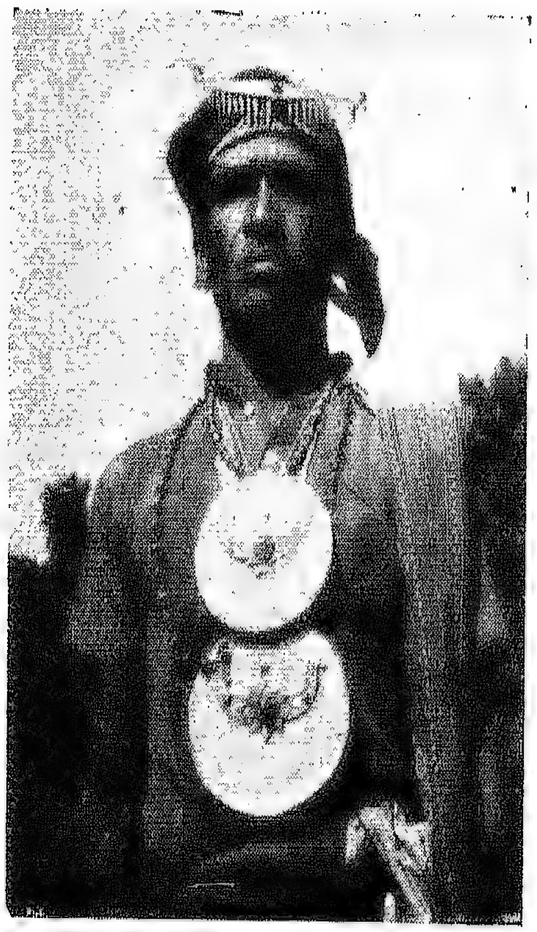


Fig. 30 — *Um «Açu-ai» de Alas*

Fig. 31 — *Tipos nativos de Bobonaro*

nos posses e os do mato vestem mais modestamente. Os homens contentam-se em prender com um cinto vulgar a «lipa» (muitas vezes amarela) que lhes cai até aos pés. As mulheres usam um «sarong» de cores escuras (o «táis--fétó» em tétum), por vezes tecido nos teares domésticos, o qual é levado até às axilas quando em passeio ou baixado até à cintura deixando o peito descoberto durante o trabalho no campo ou a marcha para o bazar.

No litoral, sob um sol ardente, os homens usam um simples «langotim» que mal lhes cobre os órgãos sexuais e põem na cabeça um chapéu em forma de cone muito aberto, feito de folha de palmeira e às vezes encimado por um penacho de penas de catatua ou de galo, tingidas de amarelo ou vermelho.

Os «moradores» dispõem de vestuário mais ou menos uniforme, que inclui a lipa, a faixa, o lenço, uma camisa e, sobre esta, uma curta jaleca sem mangas.

Quanto a adornos, os timorenses de certa categoria (e antigamente todos os «açu-áis») usam sobre a testa meias-luas em ouro, das quais pendem berloques. Ao peito ostentam «luas» (rodelas) também de ouro, cordões de «mutissalas» ([55]) e enfiadas de missangas ou contas geralmente obtidas de corais. Nos pulsos usam braceletes ou manilhas, de cobre, ouro ou prata, podendo estas ser lisas ou lavradas e ter montado um guiso (como nas dos dançarinos que também usam nos tornozelos axorcas maciças de prata ou, mais frequentemente, de barbichas de bode actuando como amuletos ou talismãs de agilidade). Alguns timorenses trazem ainda na

([55]) As «mutissalas» são pequenas pedras (preciosas para os timorenses) em forma de contas, opacas e amarelas com vários tons. São importadas e vendem-se a bom preço. Pinto Corrêa diz que uma enfiada de dois palmos de comprimento valia cinco búfalos. Os cordões de mutissalas fazem quase sempre parte do dote.

orelha direita uma arrecada de ouro ou de prata. Mas o que nenhum dispensa é a «catana» ou espada gentílica, às vezes com empunhadura lavrada com embutidos em ouro e baínha em pele de cabra terminada por penas de galo.

As mulheres são mais modestas que os homens nos seus adornos, embora as mais ricas e importantes também usem luas e meias-luas, cordões de mutissalas e enfiadas de contas de coral. O que é muito vulgar é prenderem o cabelo com alfinetes de prata ou de ouro ou com pentes de ponta de búfalo, tendo incrustadas moedas de prata, e usarem nos pulsos braceletes ou manilhas em oval e nas orelhas brincos. Todos estes adornos eram, em geral, trabalhados pelos próprios nativos (em especial os da região de Manufai), constituindo uma das suas manifestações artísticas manuais. Aliás, a tecelagem — seja dos «sarongs», actualmente em desuso, seja de cintos, bolsas, tabaqueiras, etc., artefactos de que o timorense sempre se faz acompanhar — é outra dessas manifestações e das que atinge maior perfeição, manifestando as mulheres um delicado senso do colorido e um apurado gosto artístico.

Actualmente os homens já usam o cabelo cortado. Mas no Oé-Cussi ainda aparecem as trunfas papúas, mantidas levantadas por um pente de bambu ou de chifre ou por uma tira de pano.

É nas danças executadas em honra das autoridades (os «tebedais»), ou por vontade própria e nos bazares, que os timorenses se apresentam mais bem vestidos e expõem os seus melhores adornos.

5) — *Línguas e dialectos*

A heterogeneidade que já vimos existir em certos campos volta a aparecer ao fazer-se o estudo da linguística timorense. E sob este aspecto, ela é tão notável que há quem atribua a falta de coesão outrora existente entre os reinos à diversidade das línguas e dialectos falados em Timor.

Leite de Magalhães ([56]) disse em 1920: «De qualquer forma porque as populações timorenses se estudem, pela antropologia, linguística, etnografia, história e ainda pela sua distribuição geográfica, o cáos surge desnorteante e quase impenetrável, revelando-se a disparidade de raças que na ilha e fora dela se cruzam para produzir os tipos e os dialectos que naquele país se encontram... Perdida a esperança de se reconstituir a história, de que na memória dos povos inteiramente se apagou a tradição, teremos de seguir pelos meandros da linguística em busca do fio que nos oriente... A antropologia e a linguística, quando o estudo se efectue relativamente a cada um dos núcleos em que é possível decompor a população timoresa, poderão, conjugados, estabelecer a sua origem étnica, de uma forma iniludível».

E, de facto, o antropologista vê aumentadas as suas possibilidades de estabelecer relações de afinidades rácicas entre os timorenses e os seus ascendentes se conseguir estabelecer comparações e formular hipóteses entre as línguas faladas em Timor e as existentes nas outras ilhas do grande arquipélago. Esta a razão porque se acredita que os trabalhos da actual Missão Antro-

([56]) Citado em «Gentio de Timor», do Capitão Pinto Corrêa.

pológica de Timor podem trazer novos elementos esclarecedores ao estudo das populações da ilha.

Não quer isto dizer que o problema da linguística em Timor não tenha já merecido considerável interesse. Militares e missionários têm apresentado estudos bastante completos sobre alguns dialectos. Mas o número destes é tão grande que bem se pode dizer estar a tarefa no princípio. Além disso, a base científica tem faltado e embora alguns autores citem certas semelhanças, o estudo comparativo está pràticamente por fazer, em especial no que se refere às línguas e dialectos das ilhas próximas.

☆

A diversidade das línguas e dialectos de Timor não tem permitido chegar a acordo nem quanto ao seu número nem quanto à sua classificação. Sabe-se que algumas línguas, como o tétum, o macassai e o mambai, são de origem malaia, mas enquanto Leite de Magalhães citava 24, o padre Abílio Fernandes e o capitão Pinto Corrêa referem-se a 15 e o capitão José Simões Martinho contou 16.

Não há dúvida, porém, que existem em Timor várias línguas ou dialectos e que, muitas vezes, as populações de uma região não entendem as da região vizinha, tão diferentes são os seus falares. E não há dúvida também que as línguas menos faladas tendem a desaparecer, absorvidas pelas de maior expansão. Entre estas, o tétum está tomando notável desenvolvimento e comportando-se como verdadeira língua franca de todo o território.

O tétum, o mambai, o bûnaque, o quêmaque, o tocodé, o macassai, o galóli e o dagadá são as línguas mais faladas em Timor. Aliás, se considerarmos o quêmaque

como dialecto do tétum (como o faz Osório de Castro, que, de resto, aponta dezenas de línguas e dialectos), ficarão apenas sete línguas principais. Com a sua distribuição geográfica voltam, porém, a não concordar os autores que ao assunto se têm dedicado. Verifica-se, no entanto, que as informações mais antigas dão como existindo em certas regiões línguas que actualmente foram substituídas por outras de maior difusão. É o que sucede, por exemplo, com o búnaque, que Osório de Castro dizia ser falado em toda a parte ocidental da costa sul, desde Fatu-Mean ao Suai e a Raimean, região esta que José S. Martinho, mais modernamente, atribui já ao tétum. Este último autor chama a atenção para o facto de as principais línguas partirem todas (à excepção do búnaque) do litoral em direcção ao interior, onde penetram mais ou menos profundamente.

O tétum é falado ainda na região de Díli até à Era, no canto norte ocidental (Batugadé, Balibó, Cová, infiltrando-se também na região indonésia de Atapupo) e numa extensa área desde Alas até Uato-Lari e desde o mar da costa sul até Pualaca, Lacluta e Ossú. Calcula-se que não menos de 220.000 timorenses (cerca de metade da população) falem normalmente o tétum. É muito maior, porém, o número dos que o compreendem e os constantes deslocamentos de trabalhadores para as construções de Díli, tal como os contactos resultantes da realização dos bazares, são garantia de uma expansão rápida desta língua. Em nosso entender, urge até proceder ao estudo dos dialectos menos usados em Timor, pois eles estão condenados ao desaparecimento.

A seguir ao tétum, o mambai é a língua mais falada em Timor, julgando-se que a utilizem mais de 80.000 nativos, de costa a costa. No norte, o mambai vai desde Tíbar quase a Metinaro (envolvendo a mancha tétum

de Díli) e expande-se depois para o sul em larga faixa que engloba a Ermera, Hatolia, Aileu, Turiscai, Maubisse, Ainaro, Uato-Buílico, Same, etc. Na costa sul o mambai separa as duas regiões do tétum, desde a ribeira Bé-Lulic até Alas.

O macassai é também uma língua malasiana, como o tétum e o mambai. É falado na populosa região de Baucau, estendendo-se para leste pela costa até à ribeira Malai-Lada e para sul engloba Venilale e vai quase até Iliomar. Leite de Magalhães formulou a hipótese desta língua ter sido trazida para Timor por imigrantes macassares. Mas Pinto Correia diz que, segundo parece, os autoctones de Baucau falavam o uaimá, dialecto que hoje apenas aparece em pequenos enclaves da região e que, segundo Leite de Magalhães, não tem qualquer afinidade com uma grande parte das línguas malasianas e australianas, como aliás não têm o búnaque, o cairui e o midique.

O búnaque é a mais importante língua falada apenas em região interior cobrindo toda a antiga área de Lamaquito. Ouve-se em Marôbo, Bobonaro, Lebos, Lolotoi, Fatu-Lúlic, Maucatar, Mape, Tilomar e também no território indonésio. É utilizado ainda em aldeias isoladas, já mais próximo da costa, em Fohorem, em Dacólo e até próximo de Alas, mas em todas elas tende a ser substituída pelo tétum. Mesmo assim calcula-se que cerca de 50.000 timorenses ainda hoje falem o búnaque.

O dagadá é falado no extremo leste da ilha, desde a ribeira de Malai-Lada e a região de Iliomar até Tutuala, pelas populações de Lautém, Lospalos, Loré, Muapitine, Fuiloro, etc., num total de mais de 30.000 timorenses.

O tocodé (ou tucudéde) ouve-se desde a ribeira de Lóis até Tíbar (onde começa o mambai), e, para sul,

englobando Guguleur e Boibau, quase até à Ermera. Na região do tocodé (com perto de 45.000 habitantes) ficam incluídas Maubara, Liquiçá, Fatu-Masse, Boibau e parte da Ulmera.

O galóli é falado a leste da região do macassai desde a Era, onde aparecem também o tétum e o mambai, quase até Baucau, e, para sul, até Laclubar. Engloba o Remexio, Metinaro, Lacló, Cribas, Manatuto, Laleia, Vemasse e a própria ilha do Ataúro.

Além destas sete línguas ou dialectos, falam-se vários outros em Timor, alguns apenas numa ou em poucas aldeias.

O quêmaque — para certos autores simples dialecto do tétum — é o mais importante, sendo falado por mais de 50.000 nativos dos antigos reinos de Cotubaba, Sanir, Atabai, Irlelo, Cailaco, Loiciba (onde penetra no território indonésio). A região do quêmaque é a da bacia da Lóis, prolongando-se desde o mar da costa norte para o interior até Atsabe, Laimean e Marôbo.

No Oé-Cussi o vaiquêno é falado por cerca de 14.000 habitantes.

O idáté é dialecto que se ouve em Laclubar, no antigo reino de Samoro, e em Funar. Para sul da região do macassai e às vezes de mistura com esta língua, falam-se o midique (Uato-Lari, Iliomar, etc.), o nau-êté (em Bibiluto, Vessoro, etc.), o naumique (Uato-Carbau), o uaimá (em Ossú, Baucau, Viqueque, etc.) e outros. O cairui é dialecto de uma pequena área ao norte de Lacluta, ouvindo-se ainda em Ocussabo, Laline, etc.

Como se pode verificar, não há limites geográficos nítidos entre as várias línguas ou dialectos. Nota-se uma interpenetração a que as guerras de outrora não seriam estranhas pela fragmentação das populações a que davam causa. Em certas regiões chega-se a falar, simultâneamente, três dialectos (como na Era).

Pode observar-se que a maior profusão de dialectos menos falados aparece no interior da parte leste do território, onde, aliás, a densidade da população é menor.

Alguns dialectos sofrem pequenas variações de região para região. É o que sucede, por exemplo, com o tocodé, falado em Maubara ou falado em Liquiçá. E na maior parte deles existem muitos termos idênticos, além dos derivados do português que são iguais em todo o território e se referem sempre a coisas, culturas, géneros, etc., que eram desconhecidos em Timor antes de nós os levarmos para lá. De resto, no próprio malaio falado na Indonésia aparecem palavras portuguesas ou aportuguesadas ([57]).

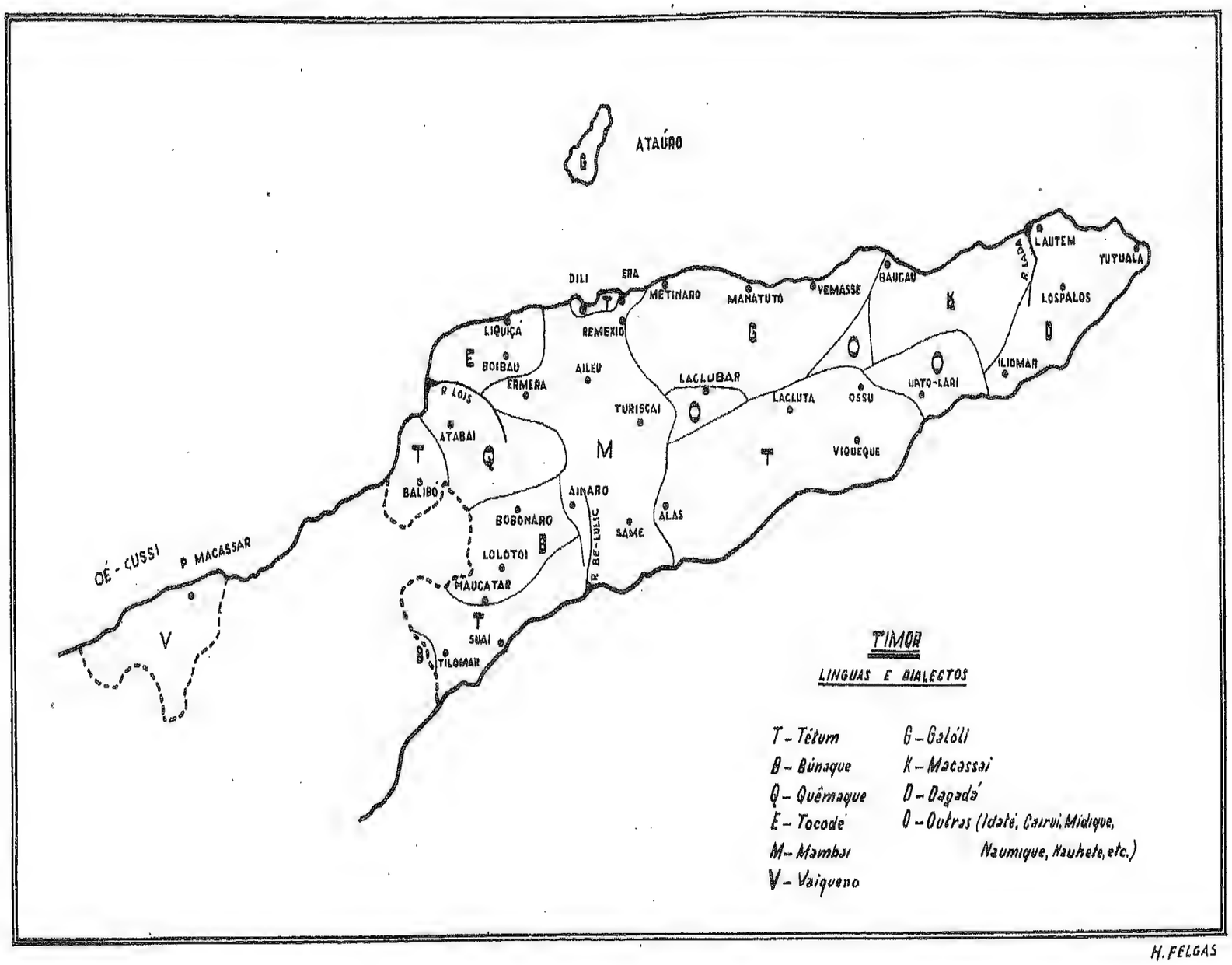
É interessante notar que as populações que falam o mambai e o tocodé usam o sistema aritmético quinário, enquanto as de línguas tétum, quêmaque e búnaque usam o decimal ([58]).

6) — *Habitação*

São vários os tipos de casas construídas pelos timorenses para sua habitação, nelas sendo normalmente

([57]) Uma tarde, em Koepang, com o Chefe da Polícia de Emigração do Timor Indonésio, cheguei a contar perto de vinte.

([58]) A. de Sousa Franklin (Doutor) — «Linguistica Ultramarina» — in «Mensário Administrativo» de Angola, n.os 57-58 de 1952.



TIMOR

LINGUAS E DIALECTOS

T – Tétum	G – Galóli
B – Búnaque	K – Macassai
Q – Quêmaque	D – Dagadá
E – Tocodé	O – Outras (Idaté, Cairui, Midique, Naumique, Nauhete, etc.)
M – Mambai	
V – Vaiqueno	

H. FELGAS

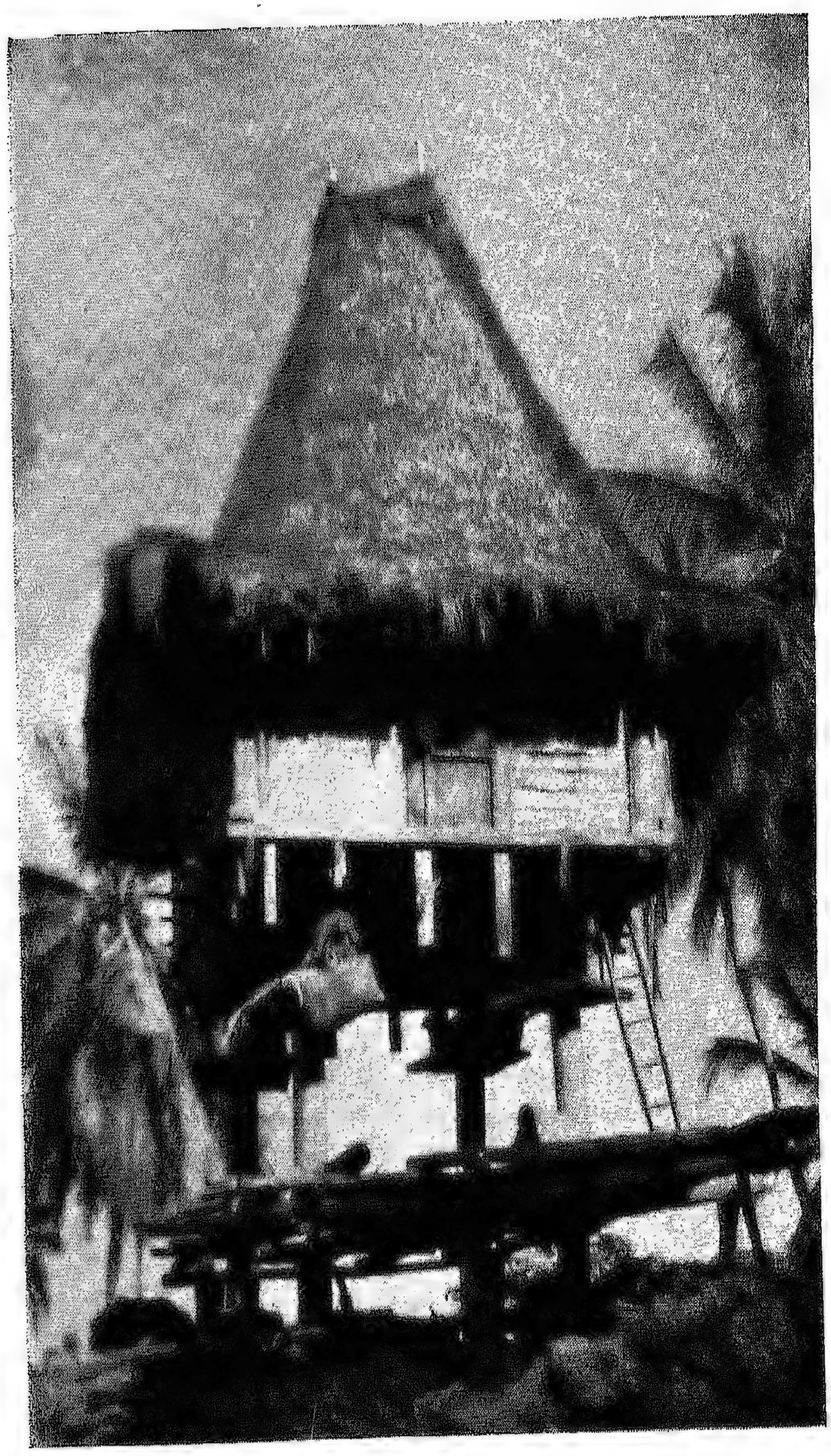


Fig. 32 — *Habitação elevada (Lantem)*

Fig. 33 — *Uma povoação timorense (Ainaro)*

Fig. 34 — *Habitações de montanha (Maubisse)*

Fig. 35 — *Povoação timorense da região leste*

Fig. 36 — *Palhotas melhoradas (quartel de Maubisse)*

Fig. 37 — *Remate de casa timor (Maubisse)*

Fig. 38 — *Ornamentação de casa elevada (Lautem)*

Fig. 39 — *Casa típica da região leste*

Fig. 40 — *Ornamentação de casa elevada*

utilizados apenas materiais de fácil exploração local: capim, bambu, troncos de árvores (para prumos e para a armação do telhado), folhas de palmeira («palapa»), «gamúti» (planta fibrosa impermeável à chuva), etc. De um modo geral, porém, podemos dividi-los em casas assentes directamente no solo e casas sobre-elevadas assentes em prumos, por vezes a mais de dois metros do solo. As casas do primeiro tipo podem ser quadradas, com tecto de quatro ou de duas águas, ou cilíndricas, com tecto cónico. As casas do segundo tipo, além daquelas duas formas, podem ser também rectangulares. De um modo geral, nem umas nem outras apresentam divisórias interiores.

Nas regiões montanhosas, em especial nas de clima frio, são vulgares as palhotas cilíndricas. A armação, de troncos de árvores («larazes»), é totalmente revestida de capim e a cobertura cónica termina em bico e é impermeabilizada com «gamúti». No cimo de cada monte existe quase sempre uma habitação destas, destacando-se no horizonte. Por vezes a cobertura desce quase ao solo, preservando melhor do frio. Não há janelas e a porta é estreita e baixa, só permitindo o acesso curvado. Em geral estas habitações primitivas são rodeadas por filas de pedras e renques de sisal que actuam como possíveis defesas. Não têm divisórias interiores e o pavimento é a própria terra batida.

As casas sobre-elevadas têm aspecto completamente diferente e embora sejam mais frequentes nas regiões costeiras também aparecem nas montanhas. Neste caso são em geral redondas, com tecto cónico.

Pertencem a este tipo de habitações suspensas, as típicas casas da parte leste da ilha, desde Baucau a Lautem, levantadas sobre quatro pilares e exibindo o seu telhado altíssimo e de abas quase verticais. Estas

casas são quadradas e o pavimento — feito de grossas tábuas que assentam em barrotes — fica a boa altura do solo, sendo o acesso feito por uma espécie de escada de mão, amovível, a qual conduz à única porta (às vezes aberta interiormente, no piso). A habitação, em si, é feita de painéis de madeira, de bambú ou de palapa, e, em geral, em cada face existe uma janela. O espaço entre o piso e o solo serve para os animais domésticos aí se recolherem à noite. A cobertura, em capim, é de quatro águas que terminam em uma só aresta paralela à frontaria e sobre a qual assenta o remate.

É notável o cuidado que os timorenses põem em ornamentar este tipo de casas. O remate da cobertura chega a ser artístico, ostentando os mais variados enfeites, representando aves, «toqués», figuras humanas, barcos, etc. As faces da habitação são trabalhadas à catana, apresentando formas geométricas geralmente arredondadas. Nos ângulos e no meio das águas pendem do telhado búzios por vezes enormes.

No litoral da costa sul, quase todo ele alagadiço durante a época das chuvas, as casas sobre estacas são uma necessidade. Mas aí a sua construção é rudimentar e não se notam quaisquer cuidados de ornamentação. De forma rectangular, em geral, a habitação é feita de bambú espalmado e a cobertura é de folhas de palmeira ligadas por corda de «gamúti» (que é o «prego» utilizado em todo o território). Tanto nestas casas como nas restantes deste tipo, são enfiadas nos prumos de suporte rodelas de pau que evitam a entrada de ratos.

A influência europeia tem-se feito sentir na construção das habitações indígenas, em especial próximo das aglomerações populacionais de certo vulto. Em geral, estas casas são quadrangulares, com paredes de «palapa» e telhado de capim, podendo dispor de uma espécie de

varanda construída na face onde se abre a porta de entrada. Assentam no solo, mas já sobre um baque, e apresentam várias janelas abrindo para as divisórias interiores. Em certas regiões, o remate do telhado (geralmente de quatro águas) é também motivo de decorações e ornamentos.

☆

O timorense não simpatiza com as aglomerações de casas à beira da estrada, as quais lhe lembram a facilidade com que pode ser vigiado pela autoridade, e, além disso, o colocam longe das suas hortas. Por isso a habitação nativa aparece em geral bem disfarçada no meio do capim e da vegetação, junto à pequena horta familiar. As aldeias existentes são apenas o reflexo da pressão civilizadora.

De um modo geral, os timorenses não caiam as suas casas, o que se compreende em face do material de construção que utilizam. As instalações sanitárias, ou são inexistentes ou muito rudimentares, e neste caso preparadas fora de casa.

Dentro da habitação, sobre o pavimento de madeira nas casas suspensas ou no próprio solo de terra batida nos outros tipos, acende-se a fogueira onde se cozinha a alimentação e que serve de calorífero durante o Inverno ou de defesa contra os mosquitos (pela fumarada que faz), nas regiões litorais. À falta de divisórias interiores, utilizam-se, por vezes, umas esteiras suspensas do estrado que, em lugar do tecto, existe em quase todas as casas, a cerca de dois metros do pavimento e em cima do qual se arrumam os géneros alimentícios, os utensílios domésticos, vestuário, etc.

O mobiliário, à excepção das casas dos principais, é pràticamente nulo. O timorense ou dorme no chão, sobre a esteira, em redor da fogueira, ou sobre um «lantem», espécie de cama formada por bambu espalmado e que pode servir para mais de uma pessoa (tipo tarimba de soldado). Durante as refeições utiliza normalmente pratos (outrora de madeira ou de barro, de confecção nativa, e agora de louça ou de esmalte, importados) e talheres. Aliás a arte cerâmica indígena — conquanto rudimentar, pois, segundo Osório de Castro, era desconhecida a roda de oleiro, sendo o barro moldado ao modo fidgiano com auxílio de uma pedra — é antiquíssima, sendo Manatuto, Lacló, Laleia e Vemasse os seus principais centros. Os copos são, em geral, de bambú, tal como os jarros e os recipientes onde é guardada ou transportada a água.

Os géneros e o vestuário são arrecadados em cestos e sacos feitos de bambú, folha de palmeira ou de pandanos e tecidos em geral com notável perfeição e bom gosto.

7) — *Organização militar. As guerras*

Todos os autores são concordes em afirmar que, antes da pacificação, a guerra entre os reinos timorenses era um acontecimento vulgar que se desencadeava por qualquer motivo fútil (um roubo de gado, a disputa de uma árvore com colmeias, etc), ou mesmo sem motivo, só para se cortarem umas quantas cabeças ao inimigo e para se conseguirem escravos ou obter gado.

Ao decidir a guerra, o «liurai» convocava os «dató» e o povo (donde saíam os guerreiros) e esperava que o «rai-lúlic» se pronunciasse sobre as possibilidades de sucesso. Para tal efeito, o «rai-lúlic» sacrificava alguns

animais e, se o augúrio era favorável, os guerreiros — armados de azagaia, arco e flechas e zarabatanas, além da inseparável catana — lançavam-se sobre o inimigo sem qualquer aviso prévio.

Sujeito a tais surpresas, não admira por isso que o timorense acabasse por ser um perito em obras de fortificação, as «Cota» (em malaio, pedra), ou «tranqueiras», que ele construía ou em redor da sua aldeia ou em posição de difícil acesso, para a qual planeava fugir em caso de guerra. Embora a pedra fosse o material mais usado, havia povoações cujas defesas circundantes eram simples sebes de piteiras, por vezes intermeadas com construções de pedra, de troncos ou de bambús, providas de seteiras e parapeitos. De muitas destas «tranqueiras» se utilizaram os nossos postos militares.

A luta não era, segundo parece, nem leal nem gloriosa. Os guerreiros procuravam apanhar os inimigos desprevenidos e quando tal conseguiam, cortavam-lhes as cabeças, pois o maior orgulho do timorense era possuir como troféus as cabeças dos inimigos que vencera. Uma vez subjugado o adversário, iniciava-se o saque da povoação, que era em seguida queimada e destruída, sendo o gado levado como presa e os prisioneiros, as mulheres e as crianças como escravos. O saque chegava a demorar vários dias e muitas vezes obrigava a demorar a sequência das operações para permitir aos vencedores ir às suas terras levar os despojos.

Só a posse da cabeça do inimigo vencido podia consagrar um guerreiro como «açu-ai», que significava valente ou cortador de cabeças. Não bastava, porém, apresentar tais troféus. Os candidatos a «açu-ai» deviam ainda submeter-se a uma dura série de provas que demonstrassem ter sido, de facto, o guerreiro capaz de decapitar o seu adversário sem este estar já morto ou

tornado inofensivo. Se o guerreiro conseguia passar em todas elas, era então acolhido aos gritos de «açu-ai», «açu-ai», e condecorado pelo chefe com uma rodela de ouro a que em Timor se chama «lua». A admiração em que eram tidos os «açu-ai», em especial no campo feminino, justificava a terrível predilecção dos guerreiros.

Os combates vitoriosos terminavam sempre com o «loroçai» (sol que nasce), cântico fúnebre que, segundo José S. Martinho, era destinado a solenizar a última homenagem prestada ao inimigo decapitado, a quem, cantando, os guerreiros pediam perdão. Finda a luta, os «açu-ai» seguravam pelos cabelos as cabeças que haviam cortado e, saltando e gritando (no que eram acompanhados pelas «aclalas» da multidão), aproximavam-se do chefe, brandindo a catana na mão direita e fazendo mil trejeitos e carantonhas. Chegados junto do chefe, os «açu-ai» e os seus companheiros de armas rodeavam-no formando um círculo, sendo as cabeças arremessadas para o centro até aos pés do chefe, que lhes dava o primeiro pontapé. Depois, enquanto soava o grave e sinistro cântico do «loroçai», todos os presentes repetiam o gesto, andando as cabeças de uns para outros como se fossem bolas. Acabada a cerimónia, as cabeças eram lavadas e postas a secar ao fumo, indo diàriamente o «açu-ai» por-lhes diante comida e «masca» (betel, cal e areca). Quando o «açu-ai» regressava à aldeia, após as cerimónias da consagração, ia pendurar as cabeças trazidas na árvore «lúlic» da povoação.

✯

O quase permanente estado de desavença existente entre os reinos timorenses foi hàbilmente aproveitado pelos Portugueses para conseguirem a manutenção da

nossa soberania. Mais que em qualquer outra província, a consolidação do nosso domínio e, posteriormente, a pacificação definitiva, deveu-se aos próprios timorenses e a meia dúzia de heróicos metropolitanos que souberam aproveitar o feitio aguerrido dos nativos para com eles estabelecer uma organização militar na verdade notável.

Esta organização, que perdurou até depois das campanhas de 1912, era bastante complexa quanto à natureza dos efectivos. Os oficiais europeus formavam o quartel-general e comandavam as colunas coadjuvados pelos sargentos europeus. Na artilharia havia também praças europeias comandadas por sargentos. Todo este pessoal era considerado de 1.ª linha. Como tropas de 2.ª linha (nativas) existiam regimentos e companhias de «moradores», instruídas por sargentos europeus e comandadas e enquadradas por oficiais indígenas (e europeus se os havia). Díli era a sede do Comando-Geral de «moradores», a cargo de um oficial europeu e dispondo de secretaria, amanuenses, etc. Refere o capitão José Simões Martinho que no seu tempo (1915) havia o regimento de «moradores» de Baucau, várias companhias em Manatuto, em Lacló, etc., e três companhias na capital (a de Díli, a de Bidau e a de Sica).

Estas tropas de 2.ª linha eram voluntárias e dispunham de espingardas Snyder e Remington, recebendo armamento completo em caso de guerra. Eram as forças militares permanentes da província. Algumas das companhias de «moradores» ficaram célebres não só pela valentia como pela lealdade. Entre elas, as de Díli e as de Manatuto. A partir de 1912, deixou de ser concedido aos «moradores» subsídio para fardamento e foi-lhes retirado o armamento. Pràticamente esta tropa permanente deixou de existir. Apesar disso, quase todos os régulados os mantiveram e o Governador Álvaro da

Fontoura pensou em os reorganizar. Actualmente, em todas as paradas ou guardas de honra realizadas em Timor, ao lado da tropa de primeira linha — que agora é, aliás, constituída também por soldados indígenas — formam também companhias de «moradores», com seu pessoal garridamente fardado e empunhando — com um garbo que gostaríamos de ver em muitos soldados europeus — simples espingardas de pau. Estas companhias dispõem de tambores e bandeira e os seus oficiais atraem as atenções com as suas vozes ríspidas mas firmes, embora caídas em desuso. É notável o respeito desta gente (aliás de todo o timorense) pela bandeira nacional, que tem sempre uma guarda e cuja sombra ninguém pode pisar. De resto, só assim se compreende que os timorenses, arriscando a própria vida, tenham conseguido guardar, durante a ocupação japonesa, bandeiras que actualmente, já esfarrapadas e descoloridas, ostentam ainda com comovente orgulho.

Em algumas regiões (Cova-Lima e Oé-Cussi, por exemplo) ainda hoje desfilam esquadrões de «moradores» a cavalo.

Em tempo de guerra, os régulos fiéis obrigavam-se a fornecer «carregadores» para o transporte de munições e géneros. Estes carregadores também podiam ser denominados «auxiliares», mas este termo usava-se mais para os homens que prestavam trabalhos agrícolas. Além disso, os régulos apresentavam-se comandando os seus «arraiais» recrutados entre os súbditos com melhor aptidão física. O quantitativo dos «arraiais» era indicado pelo Governo de acordo com a respectiva população. Estes «arraiais» eram comandados por oficiais de segunda linha, mas havia sempre um ou mais oficiais europeus encarregados de coordenar a sua acção, de verificar as suas baixas, de aconselhar os

Fig. 41 — *Esquadrões de moradores a cavalo (Oé-Cussi)*

Fig. 42 — *Desfile em continência de moradores a cavalo (Oé-Cussi)*

Fig. 43 — *Oficiais de 2.ª linha em escolta à bandeira (Viqueque)*

Fig. 44 — *Moradores em continência (Díli)*

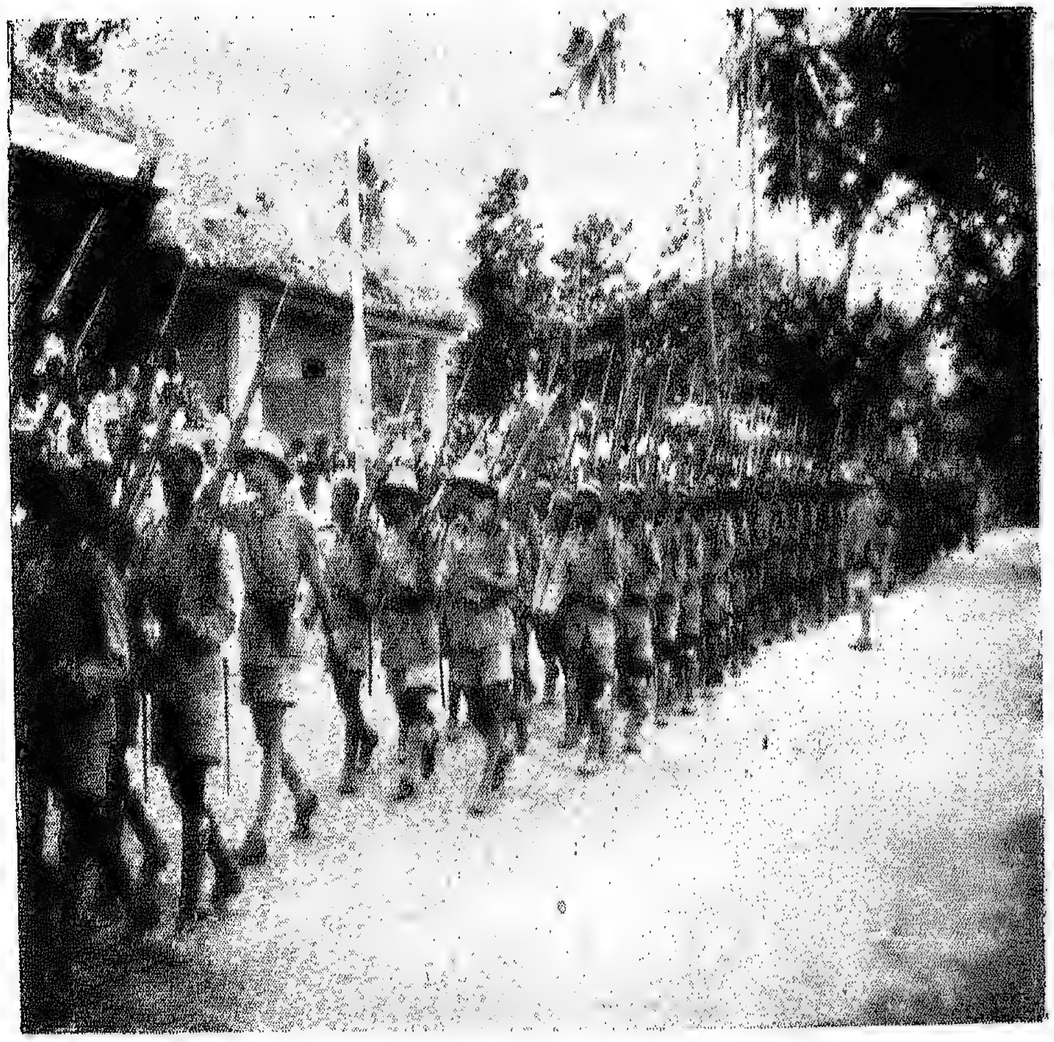


Fig. 45 — *Desfile duma companhia indígena de caçadores*

Fig. 46 — *Moradores de Laclubar*

Fig. 47 — *Moradores com espingardas de pau*

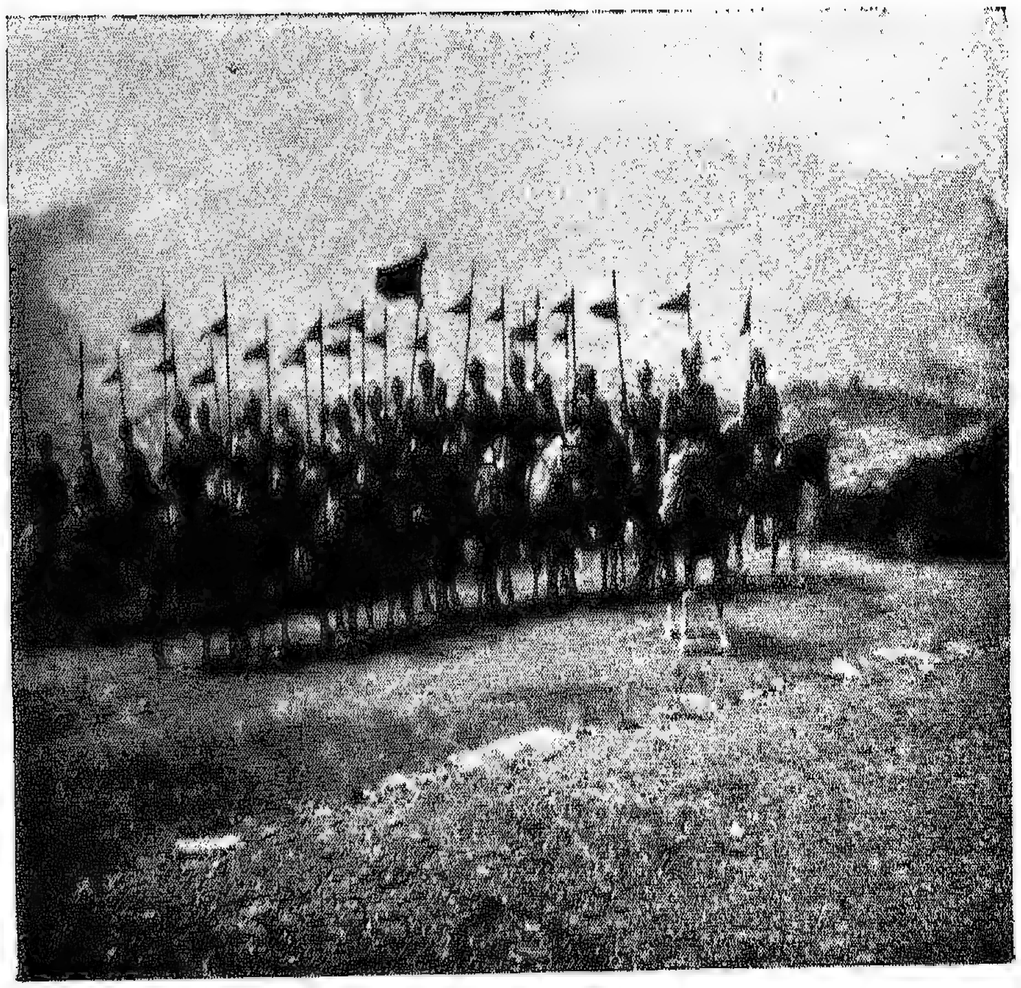


Fig. 48 — *O pelotão de polícia indígena montada da Fronteira*

seus chefes e, mesmo, de os dirigir e acompanhar na acção até ao assalto das «tranqueiras». Os «arraiais» eram forças de ocasião, em quem muitas vezes se não podia confiar, não só pela sua versatilidade como pela falta de instrução e pela facilidade com que se tomavam de pânico. Eram os homens da pilhagem, os que faziam prisioneiros e incendiavam as povoações rebeldes, usando para isso setas com mecha inflamada que lançavam com os seus arcos sobre as casas cobertas de capim. Eram-lhes distribuídas espingardas de pederneira antes de começar a luta para a qual vinham preparados com azagaias, arco e flechas, bambús aguçados e, invariàvelmente, a famosa «catana» de guerra, o «súric-úlun», com que degolavam os inimigos.

Além destas forças, foram empregues em algumas das operações de 1895-96, praças africanas que formavam a infantaria regular e eram enquadradas por sargentos europeus e comandadas por oficiais também europeus.

O sucesso desta organização reflectiu-se ainda na altura da ocupação estrangeira da província quando alguns régulos se ofereceram para levantar os seus «arraiais». Mesmo em 1950, estes «arraiais» apresentaram-se com a prontidão de outrora e foram armados, não tendo sido utilizados mas dando mostras de bom espírito guerreiro e espontânea lealdade.

O europeu que pela primeira vez depara com o armamento actual das companhias de moradores (espingardas de pau) sorri-se e tende a menosprezar o valor daqueles homens. Não nos esqueçamos, porém, que é aos seus pais e avós que devemos Timor, e que muitos destes foram digníssimos oficiais da Torre-e-Espada.

Os dados demográficos sobre a população timorense não se caracterizam de forma diferente dos das outras populações intertropicais. São, portanto, escassos e muitas vezes incorrectos, dificultada como está a sua obtenção por vários factores, entre os quais se destacam (59): «a insuficiência numérica e a má preparação geral dos agentes recenseadores, a falta de organismos e de técnicas apropriadas para aquele efeito, desinteresse e resistência das populações (sobretudo devido ao receio de os recenseamentos e registos serem o prelúdio de novos impostos), inexistência quase geral de um registo de estado civil bem organizado, etc.».

Numa altura em que se caminha para uma mais efectiva ocupação administrativa, militar e missionária, é natural que seja possível melhorar os serviços de recenseamento de nativos, para a boa eficiência dos quais a nossa legislação estabeleceu, aliás, apropriadas disposições. De facto, existem registos de óbitos e de nascimentos, de «barlaques» (casamentos nativos), etc. Estes últimos são de flagrante utilidade, pois permitem uma base às autoridades administrativas para as resoluções a tomar sobre as questões que sempre surgem. Neles se devem registar não só os nomes e demais elementos de identificação dos nativos intervenientes no «barlaque», mas também as condições concretas em que este é ajustado.

Como em todos os outros campos, também no demográfico a ocupação estrangeira interveio desfavoràvelmente. Não só os arquivos desapareceram, como muitos nativos foram mortos, uns devido a operações pròpriamente militares, outros por causa das imensas dificuldades por elas levantadas. À guerra se atribui, por isso, o decréscimo de população demonstrado pelo censo de 1950. Aliás, a confiar nos censos anteriores, não se pode dizer que a população timorense tenha aumentado notàvelmente nos últimos 35 anos. Era até opinião corrente, antes do início da conflagração mundial, que o quantitativo total se encontrava diminuindo. Os dados que apresentamos a seguir, correspondentes a cinco censos, não indicam tal diminuição, mas também não são optimistas.

Censos	Total	Varões	Fêmeas	Sex ratio
1916	394.518	209.202	185.216	113,0
1927	451.604	243.579	208.025	117,0
1936	460.104	243.338	216.766	112,2
1948	420.430	223.581	196.849	113,5
1950	436.448	228.750	207.698	110,1

CARACTERES DEMOGRÁFICOS

1 — *Proporção dos sexos*

Mesmo descontando a natural incorrecção dos elementos anteriores, um facto ressalta: o «sex-ratio» (número de homens para cada 100 mulheres) é invulgarmente elevado em qualquer dos censos, embora ùltimamente mostre tendência para descer. Este facto indica uma população estacionária ou mesmo em retrocesso, o que está de acordo com as indicações globais dos censos.

(59) A. Teixeira da Mota — «Guiné Portuguesa» — Monografia editada pela Agencia Geral do Ultramar, Lisboa, 1954.

Por circunscrições, a proporção dos sexos é a seguinte (1949):

Circunscrições	Totais por sexos		Total	Sex ratio
	V	F		
Díli	20.925	18.981	39.906	110,2
Baucau	31.608	28.028	59.636	112,7
Bobonaro	41.103	37.073	78.176	110,8
Ermera	43.587	41.007	84.594	106,2
Lautem	15.015	15.035	30.050	99,8
Manatuto	15.571	15.272	30.843	101,9
Oé-Cussi	9.052	8.349	17.401	108,4
Suro	27.662	24.882	52.544	111,1
Viqueque	23.435	18.322	41.757	127,8
Totais	227.958	206.949	439.907	110,1

Verifica-se que os maiores «sex-ratio» são apresentados pelas circunscrições de Viqueque, Baucau e Suro. Na primeira existem mais de 127 homens por cada 100 mulheres. No extremo oposto, Lautem, aparece como excepção, com uma ligeira vantagem das mulheres.

Resultados interessantes poderiam ser revelados pelos «sex-ratio» parciais, isto é, obtidos por idades. Infelizmente, porém, a idade dos nativos é geralmente calculada pela aparência, e enquanto dado observador pode atribuir, por exemplo, 20 anos, outro atribuirá 25. No entanto, parece poder afirmar-se que há muito mais rapazes que raparigas e velhos que velhas, embora nos adultos válidos já seja vulgar um «sex-ratio» inferior a 100 (isto é, mais mulheres válidas que homens). É natural que os quantitativos que nos permitiram chegar a esta suposição estejam incorrectamente calculados.

2 — *Composição por idades*

A dificuldade aqui é maior, pois são muitos os nativos não registados à nascença. A avaliação das idades torna-se por isso uma questão subjectiva, mesmo quando se usa o processo de divisão da população em três grupos: crianças, adultos e velhos.

Numa tentativa para tirar alguma conclusão, estudaremos os elementos publicados por Teófilo Duarte ([60]) e referentes a 1927, e os dados de 1936 e de 1948 ([61]). Com eles poderemos formar o seguinte quadro:

Anos	Crianças	Adultos	Velhos	Total
1927	189.224	224.168	38.212	451.604
Percentagem	42	49	9	100
1936	193.363	221.119	45.622	460.104
Percentagem	42,3	48,3	9,4	100
1948	183.249	203.047	34.134	420.430
Percentagem	43,6	48,3	8,1	100

As diferenças não são grandes entre os resultados obtidos nos três censos. Nos de 1927 e de 1936, englobámos no grupo «crianças» as indicações correspondentes às idades até 20 anos; no grupo «adultos» as entre 20 e 50, e no dos «velhos» as de idades superiores a 50 anos. No censo de 1948, a indicação «crianças» refere-se às idades até 18 anos.

([60]) Teófilo Duarte — «Timor, (ante-câmara do inferno?)».
([61]) Relatório da inspecção administrativa a Timor em 1951.

Segundo o processo dos grupos, são considerados do tipo progressivo as populações onde as crianças somarem 40 por cento, e os outros, 60 por cento, estacionárias aquelas onde as crianças totalizarem 33 por cento e regressivas aquelas onde os adultos e velhos alcançarem 80 por cento do total. Sendo assim, Timor terá uma população levemente progressiva. Aliás, esta conclusão deve ser verdadeira e a que correspondia à situação na ocasião dos censos citados.

3 — *Nupcialidade. Poligamia. Fecundidade*

A nupcialidade é em Timor inferior ao normal nos países intertropicais onde o celibato goza grande desfavor. As elevadas despesas com os «barlaques» são disso a principal causa. Segundo os dados de 1937 casaram-se nesse ano 3.631 nativos, sendo 2.985 «barlaques», 246 casamentos civis e 400 casamentos religiosos.

Quanto ao estado civil da população, o censo de 1936 permite-nos traçar o seguinte quadro:

Ano	Solteiros		Casados		Viúvos		Total
	V	F	V	F	V	F	
1936	145.360	102.156	88.845	92.410	9.133	22.200	460.104
Percentagem	59,7	47,1	36,5	42,6	3,8	10,3	100
Total	247.516		181.255		31.333		460.104
Perc. total.	53,8		39,3		6,9		100

Em relação ao censo de 1927, verificaram-se em 1936 maiores percentagens de homens e mulheres solteiros e viúvos. Em comparação com os resultados do censo da Guiné em 1950 ([59]), a população de Timor inclui uma

maior percentagem de solteiros (53,8 em vez de 49,6) e de viúvos (6,9 em vez de 4,1) e uma menor percentagem de casados (39,3 contra 44,9). É talvez por isso que a população da Guiné aumenta e a de Timor estaciona.

O quadro acima permite-nos observar que mais de metade da população é solteira. No entanto a proporção de homens solteiros é acentuadamente maior que a de mulheres. Pelo contrário, há mais mulheres casadas (em Timor vigora a poligamia). É notável o excesso de viúvas sobre os viúvos.

A poligamia, que em populações onde o número de mulheres seja superior ao dos homens, parece não fazer diminuir a natalidade, em Timor não pode deixar de contribuir para o estacionamento da população. De facto, há muito mais homens que mulheres. E se alguns tomam mais de uma, maior será a falta que sentirão os outros. No entanto, a poligamia actualmente tende a diminuir. Em 1927, havia 4.681 indivíduos possuindo duas mulheres, 231 com três, 38 com quatro, 8 com cinco, 3 com seis e apenas 1 com sete. Como já vimos existe o levirato, mas não há dados que permitam saber quantas mulheres foram forçadas a casar com cunhados após a morte dos maridos.

Quanto a fecundidade, também não existem elementos seguros. Observa-se, porém, que a família timorense tem, em geral, poucos filhos.

4 — *Natalidade e mortalidade*

Os dados referentes à natalidade e à mortalidade em três dos últimos anos são os seguintes:

Anos	Natalidade			Mortalidade			Saldo fisiológico
	V	F	Total	V	F	Total	
1946	3.101	2.933	6.034	2.786	1.812	4.598	1.436
1948	4.072	3.350	7.422	4.407	2.800	7.207	215
1953	5.920	4.734	10.654	3.328	2.490	5.818	4.836

Salta imediatamente à vista a escassez do saldo fisiológico. Admite-se, no entanto, que em parte se trate de deficiência censuária.

A natalidade tem vindo a aumentar. O total de 1953 equivale a um coeficiente bruto de natalidade (relação entre o número de nados num ano e a população total) de 23,7 por mil, o que é fraco em comparação com os índices da maioria das populações vivendo em estado de cultura idêntico à da timorense.

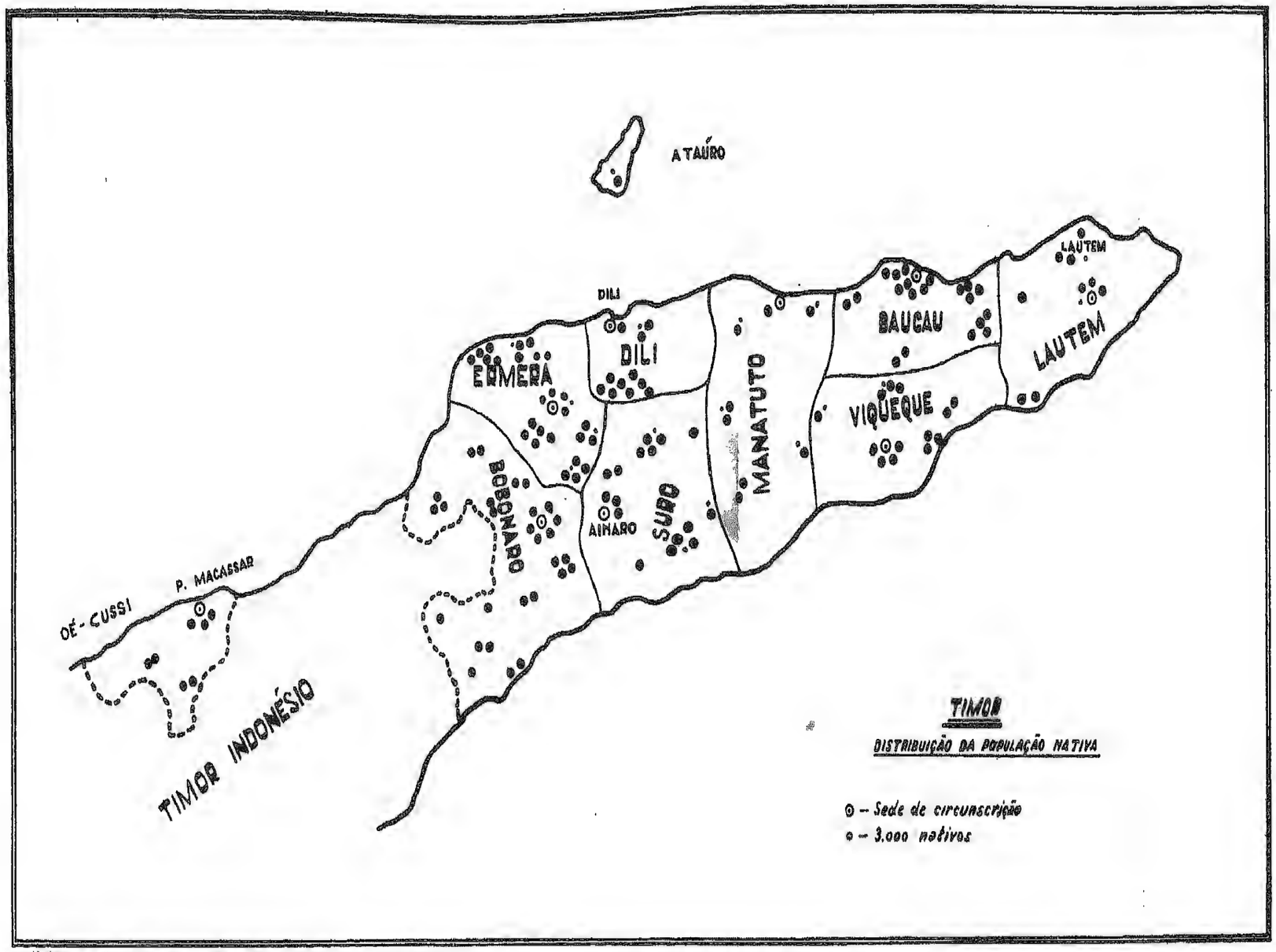
A taxa de mortalidade geral (número de óbitos por mil habitantes em um ano) em 1953 foi de cerca de 13 por mil, que não se pode considerar elevada.

Assim, neste aspecto, Timor não se assemelha à maioria das populações intertropicais, onde a natalidade e a mortalidade costumam ser muito elevadas.

DENSIDADE DE POPULAÇÃO

De acordo com o censo de 1950, Timor tem uma densidade de população nativa de 22,98 habitantes por quilómetro quadrado.

A distribuição desta população, pelas circunscrições, é irregular, como se verifica dos dados seguintes, podendo, no entanto, dizer-se que as regiões planalticas e as montanhosas são acentuadamente mais povoadas que as do litoral.


ATAÚRO
DILI
LAUTEM
EMERA
DILI
MANATUTO
BAUCAU
VIQUEQUE
LAUTEM
BOBONARO
AINARO
SUAI
P. MACASSAR
OÉ-CUSSI
TIMOR INDONÉSIO
TIMOR
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NATIVA
⊙ – Sede de circunscrição
o – 3.000 nativos

H.BELGAS

Circunscrições	Area (km2)	N.º de famílias	População	Densidade h./q. q.
Díli	1.130	8.452	40.016	35.41
Lautem	2.988	6.246	30.160	10,09
Baucau	1.400	10.868	59.746	42,67
Viqueque	1.865	8.570	41.867	22,44
Manatuto	2.825	7.661	30.953	10,95
Ermera	1.785	19.339	85.032	47,63
Suro	1.350	7.916	52.645	38,98
Bobonaro	3.185	16.474	78.528	24,65
Oé-Cussi	2.461	3.798	17.501	7,11
Totais	18.989	89.324	436.448	22,98

As regiões de maior densidade são a Ermera, Baucau, Suro e Díli.

As causas desta irregularidade são várias. Na Ermera concentram-se as maiores plantações de café e de borracha não pertencentes a nativos, que para elas são atraídos como mão-de-obra. De certo modo, o mesmo se poderá dizer do Suro, onde existem grandes plantações nativas de café e onde a qualidade e extensão das terras agricultáveis favorecem uma produção alimentar abundante, com excedentes (milho e feijão) que são enviados para outras circunscrições (a Ermera, por exemplo) menos contempladas. Baucau é também uma circunscrição fértil, onde há abundância de produtos alimentícios (arroz, milho, mandioca, feijão, etc.) que asseguram às populações muito razoáveis condições de vida. Aliás, estas três circunscrições apresentam em grande parte da sua superfície privilegiadas condições climáticas.

As menores densidades encontram-se nas circunscri-

ções onde a zona litoral é mais desenvolvida e, em particular, em quase toda a costa sul. Exceptua-se Díli, por ser a única cidade da província e por a ela serem atraídos os nativos do interior que aí vão comerciar ou trabalhar como criados. Deve dizer-se que o problema da atracção urbana não atinge em Timor a acuidade verificada em outras províncias ultramarinas. Não há indústrias extractivas a exigir abundante mão-de-obra. Só Díli absorve um certo número de trabalhadores para a sua reconstrução, os quais, findo o contrato, regressam disciplinadamente às suas terras. A cidade não é, de resto, tão densamente povoada que permita ao nativo do interior aí permanecer incógnito sem pagar imposto e levando a vida de ócio e de prazer que é possível em cidades de outros territórios e constitui forte motivo de atracção.

A fertilidade das terras, a salubridade do clima, as grandes plantações são, pois, os factores essenciais que favorecem uma maior densidade da população em Timor. A eles se pode juntar a condição urbana de Díli. Pelo contrário, a agressividade climática de todo o litoral é circunstância desfavorável a que, possìvelmente, se teriam outrora juntado o receio de assaltos de invasores que assolavam as costas da ilha, as guerras entre os reinos e da pacificação e as epidemias que incidiam especialmente nas populações das regiões baixas.

☆

Utilizando os dados do recenseamento de 1950, poderemos agora falar sobre a distribuição da população dentro de cada circunscrição. Para efeitos administrativos, as circunscrições encontram-se divididas em postos, cada um dos quais formado por um certo número

de «sucos» que, por sua vez, englobam várias povoações. Esta última designação não deve ser tomada à letra, pois povoações há poucas em Timor. Desde Celestino da Silva a Teófilo Duarte até depois da reocupação, as autoridades administrativas têm-se empenhado em levar os nativos a formar aldeamentos. Com algumas excepções (Nuno-Eno, no Oé-Cussi, por exemplo), o êxito tem sido escasso, pois as aglomerações, conquanto facilitem a acção administrativa, são causa de perturbações na vida indígena, que ainda não está preparada para as compreender. No entanto, são inegáveis as suas vantagens e estamos convencidos que, com equilíbrio e cautela, algo se poderá conseguir.

No quadro que se segue, indica-se o número de «sucos» e de povoações que formam os postos administrativos e a população de cada um destes.

Circunscrições	Postos	Sucos	Povoações	População
Lautem	Sede (Lospalos)	8	41	10.060
	Iliomar	5	27	5.040
	Luro	8	26	3.630
	Lautem	8	39	10.460
	Tutuala	2	7	970
Total	5	31	140	30.160
Baucau	Sede (Baucau)	29	126	23.060
	Báguia	8	47	12.046
	Laga	7	51	11.230
	Vemasse	7	20	6.370
	Venilale	5	23	7.040
Total	5	56	267	59.746

Circunscrições	Postos	Sucos	Povoações	População
Viqueque	Sede (Viqueque)	10	58	12.420
	Ossú	8	48	10.407
	Uato-Carbau	6	30	6.120
	Uato-Lari	6	48	8.540
	Lacluta	4	19	4.380
Total	5	34	203	41.867
Manatuto	Sede (Manatuto)	5	14	3.710
	Barique	4	11	4.850
	Fatu-Berlio	5	23	6.503
	Lacló	5	19	4.850
	Laclubar	6	32	7.150
	Laleia	3	12	3.890
Total	6	28	111	30.953
Díli	Sede (Díli)	13	38	3.510
	Remexio	15	57	7.100
	Aileu	19	156	24.806
	Ataúro	4	14	4.600
Total	4	51	265	40.016
Ermera	Sede (Ermera)	21	79	13.600
	Atsabe	12	54	13.500
	Bazar-Tete	9	45	6.630
	Hatolia	14	76	14.200
	Lete-Foho	8	69	10.702
	Liquiçá	7	38	10.810
	Maubara	7	46	15.590
Total	7	78	407	85.032

Circunscrições	Postos	Sucos	Povoações	População
Suro	Sede (Ainaro)	7	33	9.680
	Maubisse	9	74	13.240
	Same	6	49	13.100
	Turiscai	10	38	3.850
	Uato-Builico	2	18	5.305
	Uato-Udo	2	8	2.570
	Alas	5	15	4.950
Total	7	41	235	52.645
Bobonaro	Sede (Bobonaro)	16	42	18.908
	Atabai	4	13	4.260
	Balibó	6	22	7.905
	Maliana	6	21	4.140
	Cailaco	8	23	6.540
	Lolotoi	7	21	5.955
	Mape	7	30	10.420
	Fohorem	4	13	6.750
	Suai	7	28	6.457
	Fatu-Mean	3	12	2.230
	Tilomar	4	11	2.173
	Fatu-Lulic	2	6	2.790
Total	12	74	242	78.528
Oé-Cussi	Sede (P. Macassar)	8	24	6.841
	Nitibé	5	15	4.850
	Oé-Silo	5	16	5.810
Total	3	18	55	17.501
Total geral	54	411	1.925	436.448

Verifica-se que Timor dispõe de 54 postos administrativos, 411 «sucos» e 1.925 povoações e que as áreas dos postos de Aileu e Baucau são, com acentuada diferença, as mais povoadas, seguindo-se-lhes Bobonaro, Maubara, Hatolia, Ermera, Atsabe, Maubisse, Viqueque, etc.

O número de postos permite dizer que, em Timor, cada um deles superintende numa média de 8.082 nativos. Como ocupação administrativa, esta média deve considerar-se boa.

LES POPULATIONS INDIGENES

RÉSUMÉ

ORIGINE

Seulement tout dernièrement a-t-on découvert des restes fossilaires permettant de confirmer que l'existence de l'homme, à Timor, remonte à une époque très ancienne allant peut-être même jusqu'au Musterien et au Levalloisien. Ces découvertes sont venues renforcer l'hypothèse du Prof. António A. Mendes Corrêa, selon laquelle Timor serait une région de différenciation raciale, anthropogénétique, les habitants n'étant pas le résultat de migrations exterieures relativement récentes, hypothèse que l'hétérogénéité raciale et linguistique de la population indigène semble réfuter.

Sous certains aspects, et ceci à l'exception des Malais, on ne retrouve pas à Timor les traces des grandes migrations qui atteignirent l'Indonésie toute entière à des époques déjà historiques. Il apparait donc que ni l'Islam, ni l'Hindoustan ne soient jamais arrivés jusqu'à l'île. Mais il est indubitable que des Malais, des Makassars, des Papous et autres peuplades du voisinage ont débarqué à Timor, y laissant les empreintes de leur présence.

RACES

De toute l'intense controverse suscitée par l'hétérogénéité anthropologique de la population de Timor, on semble pouvoir retirer actuellement que dans les peuplades habitant la partie principale de notre territoire, les éléments proto-malais (indonésiens) dominent, avec des tendances tantôt Européennes tantôt melano — Hindoues. Mais exempts de toute trace négroïde ou mangoloide.

Les types affiliés aux races malaise et papoue sont fort répandus dans toute la partie indonésienne, on en trouve aussi dans l'enclave d'Oé-Cussi.

Néanmoins, on ne peut pas dire que l'étude scientifique de la population soit encore très avancée, les éléments d'anthropologie physique et physiologique étant fort peu nombreux. On peut tout au plus se hasarder à affirmer que l'habitant portugais de Timor est d'une stature moyenne, que ses cheveux sont lisses ou ondulés, généralement noirs ou très foncés, et qu'il se distingue par une peau d'une nuance jaunâtre allant du ton le plus clair jusqu'au plus sombre.

DESCRIPTION ETHNOGRAPHIQUE

1) *Organisation politico-sociale*

L'île de Timor se divisait autrefois en de nombreux royaumes ou fiefs, tous plus ou moins indépendants les uns des autres, néanmoins, il semble qu'à l'époque de la découverte les royaumes de la région orientale (province de Belos) reconnaissaient la suzeraineté du roi de Behale, tandis que ceux de la région occidentale (province de Servião) supportaient le joug du roi de Senobai.

Chaque état était gouverné par un «Liurai» et comprenait un certain nombre de «sucos» dirigés par des «Dató». Chacun de ces «sucos» se composait d'un nombre donné de villages administrés par des «Tumungões». Les «Liurai», qui détenaient le droit de vie ou de mort, formaient avec les «Dato» une classe de nobles, ils étaient les seigneurs du pays, et seulement parmi eux pouvait-on élire le futur roi.

Les divers gouvernements portugais octroyèrent à tous ces chefs des brevets d'officiers. Leur prestige diminua beaucoup après les luttes de pacification.

Après la noblesse et les «Tumungões» venaient le peuple et les esclaves, ceux-ci avaient la vie douce et faisaient partie de la famille.

2) *Religion et croyances*

Il y a actuellement environ 60.000 catholiques à Timor. Le reste de la population est animiste croyant que les âmes des défunts ont les mêmes besoins que celles des vivants, leur existence étant la même, exempte de toute récompense ou de tout châtiment. Le dieu des âmes trépassées s'appelle Marômac. Certaines croyances, telle l'adoration du crocodile, considéré comme un prolongement de l'aîeu ainsi que les noms d'un nombre de localités, nous font admettre l'éxistence de vestiges de totemisme.

L'habitant de Timor vit entouré de «lulics», choses et objets qu'il considère comme sacrés, ou qui le remplissent d'une apréhension étrange, crainte d'un maléfice quelconque qui le pousse à se soumettre à certains «tabous».

Le fétichisme était autre fois chose courante à Ti-

mor, les indigènes attribuaient leurs maladies ou leurs malheurs à l'influence du mauvais oeil, ainsi qu'à l'intervention des mauvais esprits. En général, les faits les plus saillants de leurs existences étaient précédés de cérémonies, dites «estilos», au cours desquelles le «rai-lulic», ou devin, consultait les entrailles des bêtes sacrifiées, y recueillant ses oracles.

3) *La vie familiale. Le mariage*

La cellule familiale de Timor est du type patriarcal, c'est le père qui commande mais l'avis de l'aîeul est toujours écouté. Dans certaines régions, telle celle d'Oé-Cussi, le jeune ménage ne quitte la maison paternelle que si le mari s'est adcquitté de la dette contractée envers le père de sa femme, sorte de dote appelée «barlaque». Cette dote est d'une importance primordiale, néfaste par certains côtés, la valeur qu'on y attache fait que bien des jeunes gens demeurent célibataires ne pouvant se marier sans position indépendante, mais par compensation, ces habitudes draconiennes sont pour beaucoup dans l'étroite unité de la vie familiale.

Pour qu'un jeune homme puisse se marier, il doit être en mesure de donner aux parents de sa femme une somme d'argent équivalente à la main d'oeuvre qu'elle représentait. Le mariage se fait, en général, avec le consentement de la jeune fille, surtout de nos jours où l'influence de la civilisation prend le pas sur les usages antiques, notemment en ce qui concerne la polygamie qui devient de plus en plus rare.

4) *Vêtements et parures*

A Timor, hommes et femmes sont vêtus d'une jupe de coton qui descend jusqu'aux chevilles, d'une manière

générale ils n'ont pas de chaussures et marchent pieds-nus. Dans les villes, les hommes portent des chemises ou encore des gilets, leur taille étant prise dans une large ceinture de tissu blanc, quant aux femmes, elles revêtent une blouse et vont généralement tête-nue.

La mise exterieure des deux sexes s'agrémente de colliers de verroterie, de croissants de lune en or, de bracelets, etc. Les femmes se parent de peignes ornés de pièces de monnaie.

5) *Langues et patois*

Les differentes langues et patois parlés à Timor sont fort nombreux, certains d'entre eux étant totalement étrangers les uns aux autres. Les plus usuels sont: le tétum, que se parle à Díli, à Balibó, ainsi que sur la côte sud, entre Fatu-Mean et Uato-Lari, le mambai, langage d'une ceinture qui traverse le pays de part en part depuis Tibar jusqu'à Menitaro; le macassai parlé dans la région de Baucau jusqu'à Iliomar; le bùnaque sur la frontière; le dagadà, à la pointe est; le tocodé, à l'ouest de Díli; et enfin le galoli qui se parle entre Díli et Baucau.

Néanmoins, le tétum est la langue la plus parlée à Timor, on estime qu'elle est comprise de près de la moitié de la population.

6) *L'Habitat*

Les maisons construites à Timor offrent des types très variés, elles sont presque toujours faites de paille, de bambou, de troncs d'arbres, de feuilles de palmiers, etc. Certaines sont bâties à même le sol et sont de forme carrée ou cylindrique avec un toit conique qui,

dans les régions froides, descend jusqu'à terre. D'autres sont surèlevées, posées sur quatre piliers, laissant un espace vide pour abriter les animaux domestiques. Ces dernières sont caractèristiques de la zône est du territoire.

7) *Organisation militaire. Les guerres*

Antérieurement à l'oeuvre pacificatrice du Portugal, les differents états indigènes se trouvaient perpetuellement en lutte, les uns contre les autres. La guerre constituait le passe-temps favori de l'habitant de Timor, pour qui couper la tête d'un ennemi représentait un titre de gloire suprême. Le combat ne comportait pas de règles spéciales, le tout était de surprendre son adversaire à l'improviste, de le décapiter et de devenir ainsi le héros de cantiques et de danses guerrières, appelées «loroçai».

Avec l'avènement de l'occupation portugaise, les indigènes se firent encadrer dans des compagnies territoriales permanentes, troupes volontaires de deuxième ligne qui rendirent de bons services. Durant les campagnes, les chefs fidèles se firent accompagner de leurs soldats, constituant ainsi des troupes appelées «arraiais».

DEMOGRAPHIE

On ne dispose encore que de peu d'éléments démographiques concernant la population de Timor. Le dernier recenssement, datant de 1950, nous donnait un chiffre total de 436.448 habitants, comprenant 228.750 hommes et 207.698 femmes. Le «sex-ratio» se présente très elevé bien qu'il ait quelque peu décru depuis la guerre. Ce dernier fait semble indiquer que la population

se trouve actuellement en état stationnaire. Il est en tout cas certain qu'elle n'augmente pas selon les normes établies, et la dernière guerre l'a encore sensiblement diminuée.

Il est difficile de faire une nette classification des âges. Néanmoins on peut dire que 43,6 % de la population est constituée d'enfants, 48,3 % d'adultes et 8,1 % de vieillards. Ces pourcentages indiquent une population du type légèrement progressif.

La nuptialité est inférieure à la norme régnant dans les pays tropicaux, ceci est en partie dû aux grandes dépenses qu'occasionnent les mariages, ainsi qu'au manque de femmes. Selon les statistiques de 1937, il se fit en cette année 3.631 mariages dont 2.985 étaient «barlaques» ou indigènes, 246 furent civiles et 400 religieuses. Quant à l'état civil, le pourcentage de célibataires était très élevé surtout parmi les hommes, 53,8 % en 1936, il en était de même pour les veufs (6,9 %). A peine 39,3 % de la population était alors mariée.

Les chiffres concernant la natalité et la mortalité nous montrent que toutes deux sont inférieurs à la norme des pays peu civilisés. La balance physiologique est basse bien qu'elle soit en voie d'amélioration (4.836 individus en 1953 correspondants à 10.654 naissances et à 5.818 décès).

La densité de la population était, en 1950, de 22, 98 habitants par kilomètre carré. Les circonscriptions d'Ermera (47,63 hab. par Km²), de Baucau (42,67 par Km²), de Suro (38,98 par Km²) et de Díli (35,41 par Km²) représentaient la plus forte densité.

THE NATIVE POPULATIONS.

SUMMARY

ORIGIN

Only recently were fossile remains discovered which provided the confirmation of the fact that a very early man — perhaps Musterian or Levalloisian — had lived in Timor. These discoveries supported the theory put forward by Professor Antonio A. Mendes Correa that Timor was an area of racial differentiation. This was anthropogenetical and the men of Timor did not stem from later and relatively recent migrations. This is a theory which would appear to be contradicted by the racial and linguistic heterogeneity of the native population.

Except for the Malayans, certain aspects do not give any indication of there being traces of large migrations to Timor although the whole of Indonesia was subject to such factors in certain eras of its history. Neither Hinduism nor Islamism seem to have reached this far-off isle. But there is no doubt that the Malayans, the Macassars, the Papuans and other peoples from this area did come to Timor and left traces of their presence.

RACES

Analysing the whole of the heated controversy which has arisen on account of the anthropological heterogeneity of the people of Timor, it seems that can be certain that the Protomalayan (or Indonesian) elements predominate amongst the people who live in the principal part of our territory. These show tendencies which were at times Europoid or Melano-Indoid, but there is no noticeable trace of negroidism or mongoloidism. Types similar to the Melanesian and Papuan are the most common in the Indonesian half of the Island, and thus are found in the Oé-Cussi pocket.

Nevertheless one could not suggest that the scientific research on the population is very advanced. The data at present available concerning physical anthropology and physiology are very scarce. It would even be risky to suggest that the Portuguese of Timor is of average height and has smooth or wavy hair, which is almost always black or very dark, which stands out clearly from the colour of the skin which ranges through various hues of yellow from quite light to fairly dark.

ETHNOGRAPHICAL DESCRIPTIONS

1. *Politico-Social Organisation*

The island of Timor was divided into several kingdoms all of which were more or less independant from each other, at the time of the discovery. Nevertheless it seems that during that period the kingdoms to the East (the province of Belos) accepted the domination of the king of Behale whilst those on the West (the province

of Servião) upheld the supremacy of the King of Senobai.

Each Kingdom was governed by a «Liurai» and included a certain number of «sucos» each one of them headed by a «Dato». Each «suco» was made up of a given number of villages administered by «Tumungões». The «Liurai» who had the power of life and death in their hands, and the «Dato» who represented the aristocratic class and owned the land, were responsible for electing the future kings from amongst their numbers.

The Portuguese Governors gave the rank of officer to all the native chiefs. They lost a great deal of their prestige following on the wars for pacification.

After the aristocracy and the «Tumungões» came the people and the slaves who had an easy live and could become part of the family.

2. *Religion and beliefs*

At the present moment there are about 60,000 Catholics in Timor. The rest of the people are Animists who believe that the spirits of the dead need everything just as much as those who are live. They copy their existance without any privilege or punishment. The rule of the spirits of the dead is known as Maromac. Certain beliefs (worship of the crocodile which is considered to be a grandparent, etc.) and even the names of certain places lead one to admit the existance of traces of totemism.

The people of Timor live surrounded by «lulics», things or objects which they regard as sacred, or which they do not know or fear on account of some evil, which lead them to accept certain taboos.

Withcraft used to be a common practice in Timor. The natives attributed their illnesses or upsets to the intervention of evil spirits. Generally speaking the most important events were preceded by «estilos» at which the «Rai-lulic» or sorcerer would make his prophesis on the basis of what he saw in the entrails of slaughtered cattle.

3. *Family life. Marriage*

The father is the head of the family in Timor although the older people are always consulted. In certain districts (Oé-Cussi for example) the couple only leaves the wife's father's house once the husband has paid the agreed dowry. The purpose of the dowry is extremely important. Whilst the fact that it is generally high in value involves many of the men remaining single, or prevents young married couples from becoming independant, it nevertheless plays an important part in keeping family life together.

Before the man of Timor can marry he must give a certain dowry to the parents of the bride, this being regarded as a form of indemnity for the manpower of which he becomes the rightful owner. Marriages generally take place with the consent of the bride. Nowadays the civilising influence is changing the old customs which included polygamy — a trait that is becoming more and more rare.

4. *Clothing and adornments*

Both men and women in Timor always wear a cotton skirt which stretches down to the ankles. They generally go barefooted. When not working in the fields, the

men wear a shirt or singlet with a white sahs round their waists. The women generally wear blouses but rarely hats.

They generally wear strings of glass beads, golden moons, bracelets, etc. The women often carry combs decorated with coins in their hair.

5. *Languages and dialects*

There is a vast number of languages and dialects used in Timor, many of which are quite different one from the other. The most common are Tétum (in Díli, Balibó and on the south coast between Tibar and Metinaro), Macassai (in the Baucau district and down to Iliomar), Búnaque (on the frontier), Dagadá (to the extreme East), Tocodé (to the west of Díli) and Galoli (between Díli and Baucau).

Tétum is nevertheless the general language in Timor, and it has been estimated that about half the population understands it.

6. *Habitation*

The people of Timor build various types of houses, but these are almost always of brush, bamboo, tree trunks, palmleaves, etc. Some are built on the ground and are square or cylindrical in shape with a conical roof which, in the cold region, is brought down to the ground. Others are raised on four pillars leaving a free space underneath for the domestic animals. The latter are very common in the East.

7. *Military Organisation. War*

Prior the Portuguese pacification, the ruled natives were in constant wars waged against one another. War

was thus the favourite past time of the man of Timor who regarded the decapitation of his enemy as the supreme glory. There were no real tactics for such wars and everyone tried to catch his adversary off his guard so that he could cut off his head. Later on this would form the object of the war dances and songs (the Loroçai).

Following on the Portuguese occupation, the natives were organised into permanent companies of «moradores, 2nd line voluntary troops, who rendered very valuable service. The loyal kings arranged for their warriors to accompany them on the campaigns thereby forming «arraiais».

DEMOGRAPHY

The present demographical data on the population of Timor is still very scanty. The last census in 1950 gave us a total figure of 436,448 inhabitants of which 228,750 were men and 207,698 women. The sex-ratio appears very high (although less so than before the war). This would tend to indicate a stationary population. There is no doubt that the population of Timor has not developed normally and that the last war caused a serious drop.

It is difficult to give any idea of the age composition. Nevertheless one can say that 43.6 % of the population is made up of children and 48.3 % of adults and 8.1 % of old people. Such figures indicate a slightly progressive people.

The marriage rate is lower than normal for intertropical countries and this is mainly due to the high expenditure involved with weddings and the lack of women. According to data obtained in 1937, there were

3,631 marriages in that year of which 2,985 were native weddings, 246 civil and 400 religious. There is a large percentage of bachelors (53.8 % in 1936) and widowers 6.9 %, Only 39.3 % of the population was married.

The data covering the birth and death rates show that both are below normal for relatively uncivilised countries. The physiological balance is low although there are signs of improvement (4,836 individuals in 1953, corresponding to 10,654 births and 5,818 deaths).

The density of the population in 1950 was 22.98 inhabitants per square kilometer. The districts of Ermera (43.63 inhab. per sq. km.), Baucau (42.67), Suro (38.98) and Dili (35.41) were the centres of greatest density.

IV

A VALORIZAÇÃO PORTUGUESA

HISTÓRIA DA ACÇÃO PORTUGUESA

Se o descobrimento português de Timor se acha envolvido em véus que até agora têm resistido às prescrutações dos estudiosos, a sua história pouco mais feliz é, visto que quer em datas, quer em nomes, quer em acontecimentos, não oferece a desejada uniformidade.

Várias circunstâncias contribuiram para semelhante situação. Primeiro o ser Timor uma simples ilha alinhada entre dezenas de outras e não possuindo a mais que elas do que o aromático sândalo, muito procurado na Ásia, mas de limitado emprego na Europa. Depois, a subordinação indirecta a que a província esteve sujeita durante séculos e que impediu à Metrópole um conhecimento, razoável que fosse, dos seus problemas, aliás ignorados também das suas directas tutoras, a Índia primeiro e Macau mais tarde. Finalmente, a enorme distância a que Timor se encontra não só da Metrópole mas também de qualquer outra província ultramarina portuguesa e que favorece a deturpação, a ignorância ou o simples esquecimento dos accntecimentos nela ocorridos.

Tudo isto, porém, não evitaria que algo de concreto se soubesse sobre os primeiros séculos da história do Timor português, caso fosse possível dispor de arqui-

vos idóneos. Infelizmente, porém, naufrágios, incêndios e pilhagens encarregaram-se de destruir o que poderia ser tão útil, deixando cronistas e estudiosos ligados a simples descrições ou manuscritos pessoais e a um ou outro documento encontrado após extenuante busca.

Desta forma, a história de Timor que até agora tem sido apresentada, embora representando um esforço notável como trabalho de pesquisa, não pode considerar-se uma obra isenta de incorrecções. Do mesmo possível defeito sofrerá o presente esboço.

A evolução da história dum povo ou duma região admite, por vezes, o estabelecimento de compartimentações que, sem serem estanques, reflectem, no entanto, tendências que são características de determinadas épocas.

A de Timor não foge à regra e, embora sem rigidez — visto que uma evolução não pode deixar de ser maleável —, permite-nos separar os cinco períodos seguintes:

O primeiro período vai desde o descobrimento (1512--1520) até à nomeação do primeiro capitão-mor de Timor e ao estabelecimento da sede da autoridade em Lifau (1665).

É um período de intensa influência religiosa que se inicia por meio século de abandono e de desconhecimento. Timor é uma simples dependência de Solor, uma terra fértil onde germina fàcilmente a semente cristã lançada por meia dúzia de missionários que são os únicos portugueses pisando o seu solo acolhedor. Com a chegada dos holandeses, Timor passa a ser, também,

terra de lutas e de ambições que lhe conferem uma importância crescente e a inibem de continuar a viver na submissão inicial. É por isso que o final do período corresponde à inversão das posições ocupadas pelas duas ilhas e marca o deslocamento do foco das nossas atenções político-religiosas de Solor para Timor.

Pouco mais de um século terá o segundo período que fazemos terminar com a mudança da capital de Lifau para Díli (1769). A influência do espiritual sobre o temporal mantém-se mas a separação aparece já como inevitável em face do fortalecimento da autoridade real. São mais frequentes e destruidoras as guerras com os reinos indígenas, fomentadas ocultamente pelos holandeses, embora as continuemos a dominar com os mesmos meios de sempre: influência pessoal e apoio de uns reinos contra outros. Mas no final desenha-se o mesmo movimento que caracterizara o período anterior e a nossa acção é contrariada a oeste e aceite a leste. Como consequência, a capital desloca-se para Díli.

A consolidação da nossa permanência começa no decorrer do terceiro período, que se caracteriza por uma inegável obra construtiva, entrecortada por constantes revoltas indígenas. O território é delimitado, embora por forma para nós desfavorável, pelos acordos de 1848, 1851 e 1859. À instabilidade política e económica alia-se uma dupla dependência administrativa que não permite o desenvolvimento da província e tende, até, a inutilizar o esforço feito.

Celestino da Silva é, muito justamente, o gigante do quarto período. Ele trata a província das feridas que a afligiam: pacifica-a primeiro, enquadra-a depois, organiza-a em seguida e desenvolve-a mais tarde. Mas outros bons governadores se salientam também. Filomeno da Câmara, Teófilo Duarte, Fontoura da Costa, todos con-

tinuando a obra encetada e juntando-lhe generoso esforço próprio que permite à província um desafogo até então desconhecido.

A ocupação japonesa, destruindo até aos alicerces grande parte dos valores materiais erguidos desde o início do século, abre o quinto e último período, que se caracteriza pela constatação do êxito da nossa política espiritual indígena e pela decidida intervenção na obra de reconstrução material.

I

1512 — 1665

Três motivos principais fizeram com que, desde o século XIII, pelo menos, o Extremo Oriente começasse a interessar os europeus. Primeiro o proselitismo religioso que as cruzadas haviam orientado para leste; depois as descrições de Marco Polo, que partira de Veneza em 1271 e a quem ventos contrários haviam demorado cinco meses em Bornéu e em Java, ilha esta que o famoso viajante soube descrever com mais colorido que exactidão geográfica; finalmente, o desejo de adquirir directamente as aromáticas especiarias e as preciosas sedas que, desde a Idade Média, chineses e malaios se encarregavam de introduzir na Europa através da Índia e da Pérsia, reservando para si próprios lucros de intermediários insaciáveis.

Desta forma, quando os portugueses atingiram o Oriente, havia já daquelas longínquas regiões um conhecimento velado e indirecto que venezianos e genoveses — intermediários europeus — não estavam interessados em ver esclarecido. Pode dizer-se, no entanto, que os grandes mercadores de Malaca se encontravam em contacto com as famosas ilhas das especiarias e com Timor,

donde provinha o sândalo que naquela cidade era muito disputado.

Com a conquista de Malaca em 15 de Agosto de 1511 abrem-se aos Portugueses as portas de tão ricas paragens, e com o desembaraço que lhes era então peculiar, logo as suas caravelas se lançam pelo mar de Java, tocando em dezenas de ilhas.

Assim, logo em Dezembro desse ano, por ordem do grande Afonso de Albuquerque, sai de malaca uma armada de três navios comandados por António de Abreu, Francisco Serrão e Fernão de Magalhães ([62]) com ordem de descobrir as ilhas das especiarias.

Consoante o estudo dos roteiros seguidos ([63]), os navios de António de Abreu bordejaram a costa norte de Sumatra e de Java, tocando depois em Agacim, Bali (onde se perdeu a nau «Sabaia», de Francisco Serrão), Sumbawa, Solor e Wetar. Daqui, com rumo ao norte, singraram direitos a Amboino, ancorando ainda em Ceram e em Banda, onde Serrão adquiriu um «paráo». Como os navios tivessem atingido o limite da resistência, António de Abreu resolveu então regressar a Malaca e, durante a viagem, Serrão naufraga novamente, agora nas ilhas de Lucupino (Lucipara?) ou das Tartarugas, onde ficaria se, providencialmente, aí não tivesse aparecido um barco de piratas. Segundo parece, Serrão teve artes de se apoderar do navio, indo depois aportar

([62]) Esta é a versão do padre jesuíta Francisco de Sousa. Damião de Góis substitui o último dos capitães por Simão Bisagudo. E Manuel Faria e Sousa, na «Ásia Portuguesa» diz que Albuquerque, depois de conquistar Malaca e antes de regressar a Cochim, despachara Rui de Araújo para o descobrimento das Molucas e de Banda.

([63]) Este estudo foi feito por A. Cortesão e é citado pelo ten.-coronel Faria de Morais na sua obra «Solor e Timor».

a Amboino e, seguidamente, a Tidore e a Ternate (Molucas), onde os respectivos reis o receberam com grande respeito e admiração ([64]).

Mas se o descobrimento das Molucas pode, assim, de uma forma aproximada, ser fixado em 1512, outro tanto não sucede com Timor. Deve dizer-se desde já que o relativo desconhecimento existente sobre as descobertas feitas é natural, dado que, na época, não convinha alardear feitos que, sob o ponto de vista comercial, podiam ser aproveitados por outros. Mas não pode restar dúvida que vários foram os navios portugueses que tocaram nas inúmeras ilhas daquela região ([65]). E tantas elas são que também parece natural que a descoberta de Timor não tivesse suscitado maior celeuma que a de qualquer das outras. O que não é crível é que, encontrando-se Timor a cento e cinquenta quilómetros de Solor, que logo de princípio servia de porto de escala entre Malaca e as Molucas, os Portugueses lá não tivessem ido.

Seja como for, o certo é que não foi possível até hoje fixar a data nem o autor da descoberta.

Timor é citada pela primeira vez em 6 de Janeiro de 1514, numa carta de Rui de Brito endereçada a D. Manuel. Nela se fala dos navios que de Malaca haviam partido para Java, Sunda, Bengala, Paleacata e

([64]) Só nove anos depois, segundo Damião de Góis, as naus espanholas «Trindade» e «Vitória» aportaram a Tidore. Estes navios eram os únicos que restavam da esquadra que Fernão de Magalhães comandara na viagem de circumnavegação.

([65]) Em 1512, António de Brito descobriu uma das ilhas de Banda. No ano seguinte Rui de Brito, capitão de Malaca, despacha uma armada sob o comando de António de Azevedo com a missão de se abastecer de especiarias. Azevedo aportou a Ternate, Tidore e Banda.

Timor, que «he hũa ylha além de Java. Tem muytos sândalos, muyto mell, muyta cêra. Nom tem juncos para navegar. He ylha grande de cafres. Por nom aver junco, nom foram lá...» ([66]). Deve dizer-se, no entanto, que já nas cartas de Francisco Rodrigues, que acompanhara a armada de António de Abreu às Molucas, em 1512, aparecia a ilha de Timor, o que, no entanto, não dá garantia de ter sido essa armada a descobridora.

Em 1516, Duarte Barbosa ([67]) descreve a ilha. E Pigafetta, o famoso narrador da primeira viagem de circumnavegação, ao falar de Timor e dos seus habitantes, que ele conheceu em 1522, não oculta que já lá encontrou vestígios da presença dos Portugueses.

Desta forma, o descobrimento de Timor é geralmente aceite como tendo-se efectuado entre 1512 e 1520, calculando-se que tenha sido o resultado de uma das muitas viagens que os nossos navios faziam por aquelas paragens, singrando na esteira dos juncos malaios que em grande número acorriam à ilha para trocar os seus produtos pelo aromático pau de sândalo, tão apreciado em Malaca.

Julga-se, até, que num destes juncos, acompanhando mercador amigo, tenha viajado, por meados do século XVI, o franciscano Frei António Taveira, cujo nome ficou ligado à história como sendo o do primeiro português que se demorou em Timor. É indubitável, porém, que muito antes dele já outros aí teriam desembarcado, tal como provàvelmente o fizeram em dezenas

([66]) Trecho citado em «Timor Português» de A. A. Mendes Correa, Lisboa, 1944.

([67]) «Livro de Duarte Barbosa», no vol. II da Colecção das Notícias Históricas e Geográficas das Províncias Ultramarinas, publicada pela Academia das Ciências, pág. 377. (Citado na obra «Timor Português», de A. A. Mendes Corrêa).

de outras ilhas, inclusive a Austrália. O número de cristãos encontrados um pouco mais tarde em Timor pelo padre António da Cruz é prova segura de que antes do padre Taveira outros missionários por lá teriam andado.

✯

Nesta época, o nome de Timor aparece sempre ligado ao de Solor, ilha situada menos de quarenta léguas a noroeste e encaixada entre Flores, Adonara e Lomblen.

Solor era o refúgio onde se acolhiam os mercadores do sândalo de Timor quando se aproximavam as grandes tempestades das monsões. Tal como os de Timor, os seus habitantes deixavam-se converter com facilidade ao cristianismo, circunstância esta que, uma vez conhecida, levou o Bispo de Malaca, então Frei Jorge de Santa Luzia, a enviar para lá alguns missionários, a partir de 1557.

É assim que, em 1561, meio século depois da passagem de António de Abreu, o padre António da Cruz desembarca em Solor e, cinco anos depois, inicia a construção de uma fortaleza. Esta medida militar justificava-se numa época onde os ódios de raça e de religião faziam com que os Portugueses andassem em luta constante com Javaneses e Macassares primeiro e contra os Holandeses depois. E não pareça estranho que tivesse sido um padre a levantar um forte. Na altura, os missionários eram também soldados e não poucas vezes tiveram de mudar o crucifixo para a mão esquerda, reservando a direita para a espada com que defendiam

as suas ovelhas e o território que estavam guardando em nome de Deus e da Pátria (68).

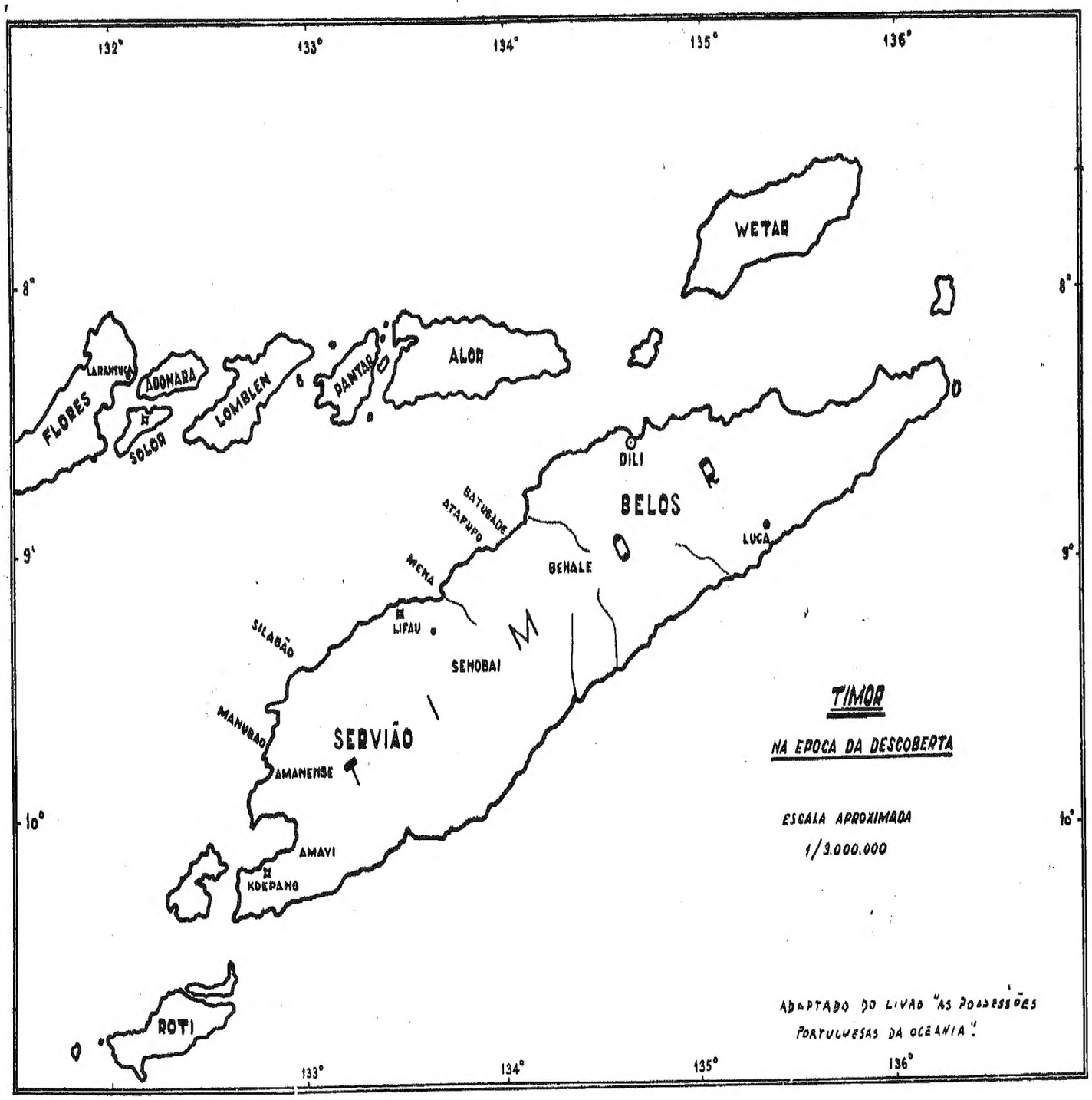
A acção do padre António da Cruz em Solor alcança, no que se refere a conversões, um êxito que Frei António Taveira, tanto aí como em Timor, já conhecia também. Fossem nobres ou plebeus, os indígenas abraçavam a nova religião aos milhares. Na «Etiópia Oriental», de Frei João dos Santos, fala-se até de um «príncipe legítimo herdeiro do reino de Timor» que o padre Belchior da Luz converteu e levou a Malaca, onde foi baptizado pelo Bispo D. João Gaio Ribeiro, tendo depois voltado com ele a Timor (1565).

De Solor, Frei António da Cruz passa a Timor, então invadida pelo sultão de Ternate, e desembarca em Batepute (Atapupo?), no reino de Amenasse (ou Amarasse), onde converte o próprio rei.

É nesta segunda metade do século XVI que o domínio português no Oriente começa declinando. Enquanto em 1556, a Holanda declara a independência, Portugal perde a sua em 1580. Os Holandeses, guerreando a Espanha que nos subjugara, vão-se apossando dos nossos territórios. Em 1605 tomam-nos Ternate e Amboino e em 1613 ocupam pela primeira vez a fortaleza de So-

---

(68) A função militar dos missionários era resultante do isolamento em que muitas vezes se encontravam e da facilidade com que os indígenas se deixavam por eles conduzir. É claro que nas fortalezas havia soldados (poucos quase sempre) e um capitão que dirigia as operações militares. Para a fortaleza de Solor o capitão era, inicialmente, nomeado pelos próprios dominicanos. Mais tarde (1585), passou a ser Goa que fazia a nomeação dum capitão geral para o conjunto das três ilhas: Flores, Solor e Timor. É só em 1665 que aparece o cargo de capitão-mór de Timor.


132°
133°
134°
135°
136°
8°
9°
10°
WETAR
ALOR
PANTAR
LOMBLEN
FLORES
LARANTUCA
ADONARA
SOLOR
DILI
BELOS
R
O
M
BATUGADE
ATAPUPO
MENA
BENALE
LUCA
LIFAU
SILABÃO
SENOBAI
MANUBAO
SERVIÃO
AMANENSE
AMAVI
KOEPANG
ROTI
TIMOR
NA EPOCA DA DESCOBERTA
ESCALA APROXIMADA
1/3.000.000
ADAPTADO DO LIVRO "AS POSSESSÕES PORTUGUESAS DA OCEANIA".